

Arthur Pink • Charles Spurgeon • John Gill
John Owen • Stephen Charnock • Thomas Adams

Sermões de *Páscoa*



Sermões de Páscoa

Arthur Pink • Charles Spurgeon • John Gill
John Owen • Stephen Charnock • Thomas Adams

“Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós”. (1 Coríntios 5:7b)

Sumário

O Conselho Eterno de Deus, por John Gill	3
A Necessidade da Morte de Cristo, por Stephen Charnock	7
A Intenção da Morte de Cristo, por John Owen	11
O Mais Extraordinário Evento, por Arthur Pink	15
Getsêmani, por Spurgeon	19
A Paixão de Cristo, por Thomas Adams	33
O Sangue, por Spurgeon	49
Ressurreição, por Spurgeon	62
Quem Somos	77

O Conselho Eterno de Deus*

John Gill

Eu agora considerarei as operações e transações entre as três Pessoas Divinas quando sozinhos, antes do início do mundo, ou que qualquer criatura existisse. Estes são principalmente o Conselho e Aliança de Deus em relação à salvação dos homens. Estes geralmente são unificados pelos teólogos... Mas eu acho que eles devem ser distinguidos e Conselho deve ser considerado como condutor, preparatório e introdutório à Aliança, embora ambos sejam de uma data eterna.

Eu começarei com o conselho de Deus, realizado entre as Três Pessoas Divinas – Pai, Filho e Espírito Santo – sobre o assunto da salvação do homem antes que o mundo existisse... Para dar alguma prova de que havia um conselho entre as Pessoas Divinas relativo à salvação dos homens, um argumento a favor disso pode ser retirado do propósito de Deus, Cujos os propósitos todos são chamados de Seus conselhos porque são fundamentados na mais elevada sabedoria (Isaías 25:1). Agora, o propósito de Deus sobre a salvação dos homens é a base e o fundamento do conselho realizado a seu respeito, no qual propósito, bem como conselho, todas as três Pessoas estão envolvidas. Pois o plano de salvação, que é “a multiforme sabedoria de Deus”, é “de acordo com o propósito eterno que ele [Deus Pai] estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Efésios 3:10-11).

Não apenas o Filho estava envolvido neste propósito ou conselho e com ele concordou, mas o Espírito também estava, Aquele que penetra “as profundezas de Deus” (1 Coríntios 2:10) e os aprova, que não são outros senão os propósitos e desígnios de Seu coração.

Parece que havia uma consulta realizada sobre a salvação dos homens a partir do Evangelho, o que é uma exposição e declaração do plano de salvação. Isto é chamado de “conselho de Deus” (Atos 20:27) e “a sabedoria de Deus”, a sabedoria oculta ordenada antes do mundo (1 Coríntios 2:6-7), pois isto não é outro, de fato, senão uma transcrição do Conselho e Aliança da Graça. A soma e substância da palavra e ministério da reconciliação é esta transação eterna entre Deus e Cristo a respeito dela... Que houve um acordo deste tipo entre o Pai e o Filho, que com propriedade suficiente pode ser chamado de “conselho de paz” (Zacarias 6:13), nós temos garantia suficiente a partir de 2 Coríntios 5:19: “Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando

* Extraído de Um Tratado Completo de Doutrina da Divindade Deduzida a partir das Escrituras, Baptist Standard Bearer, www.standardbearer.org | Fonte: <http://www.chapellibrary.org/files/9213/9405/4058/atonfg.pdf>

os seus pecados”, por “mundo”, intenciona-se os eleitos de Deus, que Ele tanto amou que deu o Seu Filho para ser o Salvador e a vida daqueles por quem Cristo entregou a Sua carne (João 3:16; 6:51). E sobre a paz e a reconciliação daqueles, ou de que forma faz a paz e expiação por eles, Deus estava em Cristo ou com Cristo, consultando, efetuando e planejando o esquema disso, que era este: não imputar os seus pecados a eles, mas a Cristo, agora chamado para ser o Salvador deles. Isto contém a soma do que queremos dizer com o conselho de paz. Eu continuo... para observar que as três Pessoas Divinas: Pai, Filho e Espírito e eles somente, foram envolvidos neste conselho:

Jeová o Pai, a primeira Pessoa em ordem de natureza, embora não em tempo, pode-se razoavelmente supor que liderou este assunto... Ele que – sobre a criação do homem, propôs isto às duas Pessoas – pode com propriedade mover uma consulta sobre a Sua salvação. Ele é o Ancião de dias, com Quem está a sabedoria e Quem tem conselho e entendimento. Sim, Ele é de admirável em conselho, bem como excelente em obra, e assim infinitamente apto para conduzir um caso desta natureza (Jó 12:12-13; Isaías 28:29).

Jeová, o Filho teve a mesma sabedoria, conselho e entendimento de Seu pai; pois tudo o que [o Pai] tem é Seu, nem Cristo pensou em ter por usurpação ser igual a Ele (Filipenses 2:6). Ele é a própria sabedoria... Ele é possuidor de sabedoria consumada. NEle, como mediador, estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Ele mesmo diz: “Meu é o conselho, e a verdadeira sabedoria” (Provérbios 1:20; 8:14; Colossenses 2:3). Sim, Ele é chamado de “Maravilhoso, Conselheiro” (Isaías 9:6), o que não apenas estima a Sua capacidade e habilidade para dar o melhor conselho e avisos para os homens, como Ele o faz, mas para assistir ao conselho do próprio Deus... Cristo o Filho de Deus era como um gerado de Seu Pai Divino, repousava em Seu seio, estava a par de Seus sinais, e devia estar em Seu conselho. Cristo, era em toda a consideração apropriado para isso.

O Espírito Santo teve um envolvimento neste Conselho e era adequado para isso... Ele não é apenas o Espírito de sabedoria aos homens... mas Ele é o Espírito de sabedoria, entendimento, conselho e conhecimento para e descanso em Cristo como Mediador (Isaías 11:2). Portanto, Ele deve ser uma Pessoa muito apropriada para envolver-se com o Pai e o Filho neste grande conselho. Pois nunca um tal conselho como este fora realizado, entre tais Pessoas, e sobre um assunto tão importante e interessante. O que é o próximo... a ser considerados mais particular e distintamente.

Agora, o assunto consultada não foi meramente sobre a salvação dos homens, nem quem seriam as pessoas que deveriam ser salvas nele... Mas [este foi sobre] quem deveria ser o Salvador ou o autor desta Salvação. Uma pessoa adequada para esta obra nunca poderia

ter sido concebida, descoberta e estabelecida sobre os homens e anjos: este foi o negócio deste grande conselho.

Pelo decreto da Eleição, os vasos de misericórdia foram preparados para a glória ou foram ordenados para a vida eterna. Deus resolveu ter misericórdia deles e salvá-los... O caso fica assim: ocorreu nos pensamentos de Jeová o Pai salvar os homens por meio de Seu Filho. Ele, em Sua infinita sabedoria viu [Seu Filho como] a pessoa mais apropriada para esta obra e em Sua própria mente O escolheu para isso... Agora no conselho eterno, Ele moveu e propôs isso ao Seu Filho, como o passo mais oportuno para operar a salvação planejada. [Seu Filho] prontamente concordou com Ele e disse: “Eis aqui venho (No princípio do livro está escrito de mim) Para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hebreus 10:7) a partir do Salmo 40:7-8. O Espírito Santo manifestou Sua aprovação dEle como a pessoa mais apropriada para ser o Salvador juntando-se com o Pai na missão dEle, como antes observado, e através da formação de Sua natureza humana no tempo e enchendo-O com Seus dons e graças, sem medida (João 3:34). O prazer e a satisfação das três Pessoas Divinas, neste caso, foram, assim, deliberados, consultados e aprovados sendo mais claramente vistos e observados no batismo de nosso Senhor (Mateus 3:16-17).

Mas não foi neste conselho apenas consultado quem deveria ser o Autor da salvação, mas também de que forma e maneira isto poderia ser efetuado – tanto para a segurança dos homens e para a demonstração da glória das perfeições Divinas.

Agora, deve ser observado que os eleitos de Deus – as pessoas a serem salvas – foram considerados nesta operação como criaturas caídas, o que a salvação por Cristo supõe; como pecadores em Adão, a quem o julgamento veio para a condenação; como ofensores às maldições da Lei justa e aos ressentimentos da Justiça Divina. Portanto, a satisfação deve ser feita à Lei e à Justiça de Deus: a Lei deve ser cumprida e a Justiça satisfeita por uma expiação.

Isto foi significado como o fundamento do Salvador, que aprovou isso como uma coisa mais apropriada a ser feita. Assim, Deus, sendo gracioso, disse: “Encontrei um resgate” (Jó 33:24). Isto foi estabelecido por infinita sabedoria neste conselho; e que este resgate, satisfação e expiação, seriam feitos obedecendo aos preceitos da Lei e pelo sofrimento da morte, a penalidade disso, que a Lei exigia do seu transgressor: “Tu certamente morrerás”, e assim o Feador por ele. Portanto, uma vez que era necessário que o Capitão e Autor da salvação, trazendo muitos filhos à glória, devesse ser aperfeiçoado por meio de sofrimentos; era adequado que assumisse a natureza na qual Ele seria capaz de obedecer e sofrer, até mesmo uma natureza do mesmo tipo daqueles que pecaram. Isto foi notificado no conselho para o Filho de Deus, e Ele aprovou como correto e adequado e disse: “Um

corpo me preparaste” (Hebreus 10:5), uma natureza humana completa, em propósito; e agora no conselho, Ele significou que Ele estava pronto para assumir isto em tempo.

Além disso, pareceu adequado e oportuno que a natureza humana assumida deveria ser santa e pura, sem pecado, para que se oferecesse sem mácula a Deus e fosse um sacrifício para retirar o pecado, o que não poderia ocorrer, se fosse pecador. Agora, aqui surge uma dificuldade, como tal natureza pode ser obtida, uma vez que a natureza humana seria contaminada pelo pecado de Adão. Quem seria capaz de “trazer uma coisa pura de uma impura” (Jó 14:4)? A Sabedoria Infinita supera essa dificuldade, propondo que o Salvador seria nascido de uma virgem; para que esta natureza individual a ser assumida não descendesse a partir de Adão por geração ordinária, mas seria formada de maneira extraordinária pelo poder do Espírito Santo. Isto foi aprovado em Conselho tanto pelo Filho e o Espírito, uma vez que Um prontamente assumiu esta natureza, desta forma, e o Outro a formou.

Mais uma vez, considerou-se necessário que essa natureza fosse tomada em união pessoal com o Filho de Deus, ou que o Salvador deveria ser Deus e homem em uma Pessoa; que Ele fosse homem para que Ele pudesse ter algo a oferecer e pelo que expiar os pecados do povo; e que Ele fosse Deus para oferecer virtude aos Seus atos e sofrimentos, para torná-los eficazes para os propósitos deles, e Ele fosse um Mediador apropriado em forma, um árbitro, entre Deus e os homens, para cuidar das coisas que pertencem a ambos.

Em suma, o assunto... consultado entre as três Pessoas Divinas foi a paz e a reconciliação dos eleitos de Deus por Cristo e a maneira e forma de fazer isso. Portanto, como antes observado, este acordo pode ser chamado com muita propriedade de Conselho de Paz.

A Necessidade da Morte de Cristo*

Stephen Charnock

“Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:26)

Vejam aqui o mal do pecado. Nada é mais adequado para mostrar a baixeza do pecado, e a grandeza Stephen Charnock da miséria por causa dele, do que a satisfação devida por ele; como a grandeza de uma enfermidade é vista pela força do remédio, e o valor da mercadoria pela grandeza do preço que custou. Os sofrimentos de Cristo expressam o mal do pecado, muito acima dos julgamentos mais severos sobre qualquer criatura, tanto no que diz respeito à grandeza da pessoa, e a amargura do sofrimento. Os gemidos moribundos de Cristo mostram a terrível natureza do pecado aos olhos de Deus; como Ele foi maior do que o mundo, por isso seus Sofrimentos declaram que o pecado é o maior mal do mundo. Quão maligno é que o pecado deva fazer Deus sangrar para curá-lo! Ver o Filho de Deus levado até a morte pelo pecado é a maior porção de justiça que jamais Deus executado. A terra tremeu sob o peso da ira de Deus, quando Ele puniu a Cristo, e os céus estavam escuros como se estivessem fechados para Ele, e Ele clama e geme, e nenhum alívio aparece; nada, senão o pecado é a causa da meritória aquisição disto.

O Filho de Deus foi morto pelo pecado da errônea criatura; se houvesse alguma outra maneira de expiar um mal tão grande, havia permanecido com a honra de Deus, que está inclinado a perdoar, remeter o pecado sem uma compensação por morte, não podemos pensar que Ele teria consentido que Seu Filho se submetesse assim a tão grande sofrimento. Nem todos os poderes no céu e na terra poderiam nos conduzir ao favor novamente, sem a morte de algum grande sacrifício para preservar a honra da veracidade e da Justiça de Deus; nem a interposição graciosa de Cristo, sem que Ele se tornasse mortal, e bebesse o Cálice da Ira, poderia aplacar a Justiça Divina; nem as Suas intercessões, sem que sofresse os golpes devidos a nós, poderiam remover a miséria da criatura caída. Toda a santidade da vida de Cristo, a Sua inocência e boas obras, não nos redimiriam, sem a morte. Ele foi, por esta que Ele fez expiação por nós, satisfazendo a justiça vindicatória do Pai, e restaurou-nos de uma morte espiritual e inevitável. Quão grandes eram os nossos crimes, que não poderiam ser lavados pelas obras de uma criatura pura ou a santidade da vida de Cristo, mas exigiram a efusão do sangue do Filho de Deus para a libertação deles! Cristo em Sua morte foi tratado por Deus como um pecador, como Alguém que permaneceu em

* Extraído de “Cristo, nossa Páscoa” | Fonte: <http://www.chapellibrary.org/files/3913/7643/2891/bochfg.pdf>

nosso lugar, caso contrário, Ele não poderia ter sido sujeito à morte. Pois Ele não tinha pecado de sua autoria, e “a morte é o salário do pecado” (Romanos 6:23). Isto não é consistente com a Bondade e a Justiça de Deus como Criador, o afligir uma criatura sem causa, nem com o Seu Infinito Amor por Seu Filho O moer por nada. Algum mal moral deve, portanto, ser a causa; pois nenhum mal físico é infligido com algum mal moral anterior. A morte, como uma punição, supõe uma falha. Cristo, não tendo nenhum crime Seu próprio, deve, então, ser um sofredor por nós. “Nossos pecados estavam sobre ele” (Isaías 53:6), ou transferidos sobre Ele. Vemos, assim, como o pecado é odioso a Deus, e , portanto, deve ser abominável para nós. Devemos ver o pecado nos sofrimentos do Redentor, e , em seguida, pensar amavelmente sobre eles, se pudermos. Vamos então, nutrir o pecado em nossos corações? Isto é fazer mais dos pregos que perfuraram Suas mãos, e dos espinhos que feriram a Sua cabeça, e fazer dos gemidos de Sua morte o tema de nosso deleite. É expor a Cristo que sofreu, para que sofra novamente; um Cristo que é ressurreto e ascendido, sentado à mão direita de Deus, novamente à terra; coloca-Lo sobre uma outra cruz e restringi-Lo a um segundo túmulo. Nossos corações quebrantariam diante da consideração da necessidade de Sua morte. Nós devemos expurgar o nosso coração de nossos pecados por meio do arrependimento, como o coração de Cristo foi aberto pela lança. É isto que “não convinha que o Cristo padecesse?” Nos ensina.

Não estabeleçamos o nosso descanso em qualquer coisa em nós mesmos, não em qualquer coisa abaixo de um Cristo morrendo; nem no arrependimento ou reforma.

O arrependimento é uma condição de perdão, não uma satisfação da justiça; isto às vezes move a Bondade Divina para afastar o julgamento, mas não é nenhuma compensação à Justiça Divina. Não há aquele bem no arrependimento quanto há o mal no pecado de que se arrepende, e a satisfação deve ter algo de equidade, tanto da injúria e da pessoa desonrada; a satisfação que é suficiente para uma pessoa particularmente errada não é suficiente para um príncipe justamente ofendido; pois a grandeza do mal remonta à dignidade da pessoa. Ninguém pode ser maior do que Deus, e, portanto, nenhuma ofensa pode ser tão maligna como as ofensas contra Deus; e poderiam algumas lágrimas ser suficientes aos pensamentos de alguém para lavá-los? O mal cometido contra Deus pelo pecado é de um nível mais elevado do que a ser compensado por meio de quaisquer boas obras da criatura; embora de mais grandiosa elevação. O arrependimento de qualquer alma é tão perfeito a ponto de ser capaz de responder à punição à Justiça de Deus exigida na Lei? E se a Graça de Deus nos ajudasse em nosso arrependimento? Não pode ser concluído a partir disso, que o nosso perdão é formalmente adquirido pelo arrependimento, mas que somos dispostos por ele a receber e valorizar um perdão. Não é congruente com a Sabedoria e Justiça de Deus a concessão de perdões a obstinados rebeldes. O arrependimento não é em nenhum lugar citado como expiatório do pecado; um coração quebrantado é chamado de um sacrifício (Salmos 51:17), mas não é um propiciatório. O pecado de Davi foi expiado antes que ele escrevesse esse salmo (2Samuel 12:13). Embora

um homem possa chorar muitas lágrimas como as gotas de água contidas no oceano, enviar o maior número de salvas de orações como houve gemidos emissões de cada criatura desde o a fundação do mundo; embora ele fosse capaz de sangrar tantas gotas de seu coração como se tivessem sido derramadas de veias de sacrifícios de animais, tanto na Judéia e de todas as partes do mundo; embora ele fosse capaz, e verdadeiramente dado a caridade de todos os metais das minas do Peru; ainda assim isto não poderia absolvê-lo da menor culpa, nem limpa-lo da menor impureza, nem conceder o perdão do menor crime por meio de qualquer valor intrínseco nos atos em si mesmos; os próprios atos bem como as pessoas podem falhar sob a censura da justiça ardente. Somente a morte de Cristo nos concede a vida. Somente o sangue de Cristo sacia àquele justo fogo que o pecado acendeu no coração de Deus contra nós. Indicar qualquer outro meio de apaziguamento de Deus, além da morte de Cristo, é fazer com que a Cruz de Cristo não tenha nenhum efeito. Isto nós devemos aprender a partir de “não convinha que o Cristo padecesse?”

Portanto, sejamos sensíveis sobre a necessidade de um interesse na morte do Redentor. Não pensemos em beber das águas da Salvação de nossas próprias cisternas, mas das feridas de Cristo. Não retirem vida de nossos próprios deveres mortos, mas dos gemidos de Cristo. Nós temos culpa. Nós mesmos podemos expia-la? Nós estamos sob Justiça; conseguiremos apaziguar isto por meio de qualquer coisa que possamos fazer? Há uma inimizade entre Deus e nós; podemos oferecer-Lhe qualquer coisa digna de ganhar a Sua Amizade? Nossas naturezas estão corrompidas; podemos sará-las? Nossos serviços estão contaminados; podemos purificá-los? Há uma grande necessidade de que possamos aplicar a morte de Cristo a todos aqueles, como havia para Ele o submeter-se a ela. O leproso não foi limpo e curado pelo derramamento do sangue do sacrifício por ele, mas pela aspersion do sangue do sacrifício sobre ele (Levítico14:7). Como a morte de Cristo foi considerada uma causa meritória, assim a aspersion de Seu sangue foi predito como a causa formal de nossa felicidade (Isaías 52:15). Por meio de Seu próprio sangue, Ele entrou no Céu e glória, e por nada senão o Seu sangue nós podemos ter a ousadia de esperar por isto, ou a confiança de obter isto (Hebreus 10:19). Toda a doutrina do Evangelho é Cristo crucificado (1 Coríntios 1:23), e toda a confiança de um Cristão deveria ser Cristo crucificado. Deus não teria misericórdia exercida com uma negligência da Justiça por meio do homem, embora a uma pessoa miserável: “Não respeitarás o pobre, nem honrarás o poderoso; com justiça julgarás o teu próximo” (Levítico 19:15). Será que Deus, que é infinitamente Justo negligencia a Sua própria regra? Nenhum homem é um objeto de piedade, até que ele apresente uma satisfação à Justiça. Como há uma perfeição em Deus que chamamos de misericórdia, o que exige fé e arrependimento da Sua criatura antes que Ele venha a conceder o perdão, assim há uma outra perfeição da justiça vingativa que exige uma satisfação. Se a criatura pensa que a sua própria miséria motiva a demonstração da perfeição da misericórdia, isto deve considerar que a honra de Deus requer também o contentamento de Sua justiça. Os anjos caídos, portanto não têm nenhuma misericórdia

concedida a eles, porque ninguém jamais satisfizes a Justiça de Deus por eles. Não vamos, portanto, cunhar novas formas de buscar perdão, e falsos modos de apaziguar a Justiça de Deus. O que podemos encontrar por detrás disso, capaz de contender contra as chamas eternas? Que refúgio pode haver por trás disso capaz de nos abrigar do ardor da Ira Divina? Podem as nossas lágrimas e orações serem mais prevalentes do que os clamores e lágrimas de Cristo, que não pôde, por toda a força deles, desviar a morte de Si mesmo, sem nossa perda eterna? Nenhum caminho senão a fé em Seu sangue. Deus, no Evangelho, nos envia Cristo, e Cristo pelo Evangelho nos traz a Deus.

Valorizemos este Redentor e Redenção por meio de Sua morte. Desde que Deus resolveu ver Seu Filho mergulhado em um condição de esvaziamento desgraçado, vestido na forma de um servo e exposto a sofrimentos de uma dolorosa cruz, ao invés de deixar o pecado impune, nós nunca deveríamos pensar nisto sem gratos retornos, tanto para o Juiz quanto para o Sacrifício. Pelo que Ele foi afligido, senão para adquirir a nossa paz? Moído, senão para sarar nossas feridas? Levado perante um juiz terreno para ser condenado, senão para que pudéssemos ser trazidos diante de um Juiz celestial para sermos absolvidos? Caído sob as dores da morte, senão para derrubar para nós os grilhões do inferno? E tornou-se amaldiçoado na morte, senão para que fôssemos abençoados com a vida eterna? Sem isto a nossa miséria teria sido irreparável, a nossa distância de Deus [seria] perpétua. Que relações poderíamos ter tido com Deus, enquanto nós estávamos separados dEle por crimes de nossa parte e por justiça da Sua? O muro deve ser derrubado, a morte deve ser sofrida, para que a justiça possa ser silenciada, e a bondade de Deus novamente comunicada a nós. Esta foi a maravilha do Amor Divino, agradar-se com os sofrimentos do Unigênito, para que Ele pudesse se agradar de nós, em consideração àqueles sofrimentos. Nossa Redenção em tal caminho, como por meio da morte e sangue de Cristo, não foi apenas por Graça. Seria assim se fosse apenas Redenção; mas sendo uma redenção por meio do Sangue de Deus, isto merece do apóstolo não menos do que o título do que “riquezas da Graça” (Efésios 1:7). E isto merece e espera não menos de nós do que tal elevado reconhecimento. Isto nós aprendemos a partir de “não convinha que o Cristo padecesse?”

A Intenção da Morte de Cristo*

John Owen

Pela finalidade da morte de Cristo, queremos dizer, em geral, tanto, em primeiro lugar, aquilo que o Seu Pai e Ele intencionaram com isso; e, em segundo lugar, o que foi efetivamente preenchido e realizado por isso. Sobre o que nós podemos obter uma breve visão a partir das expressões usadas pelo Espírito Santo:

PRIMEIRAMENTE: Vocês querem conhecer a razão final e a intenção para que Cristo veio ao mundo? Peça-mos a Ele, que conhecia Sua própria mente e todos os segredos do seio de Seu Pai, e Ele vai nos dizer que “o Filho do homem veio salvar o que estava perdido” (Mateus 18:11), para resgatar e salvar pobres pecadores perdidos. Essa foi sua intenção e projeto, como é novamente afirmado em Lucas 19:10. Pergunte também aos Seus apóstolos, que conhecem Sua mente, e eles vos dirão a mesma coisa. Assim, Paulo: “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1 Timóteo 1:15).

Agora, se vocês questionarão quem aqueles pecadores são em relação àquele Ele que teve esta graciosa intenção e propósito, Ele vos diz que Ele veio para “dar a Sua vida em resgate de muitos” (Mateus 20:28), em outros lugares nos chamam, crentes, que se distinguem do mundo. Pois Ele “deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai” (Gálatas 1:4). Essa foi a vontade e intenção de Deus, que Ele pudesse dar a si mesmo por nós para que pudéssemos ser salvos, sendo separados do mundo. Eles são a Sua Igreja: “Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5:25-27). As últimas palavras expressam também o próprio objetivo e finalidade de Cristo em dar a Si mesmo por alguém: para que eles sejam aptos para Deus e trazidos para perto dEle. À semelhança do que também é afirmado: “O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14).

Assim, claro, então e aparente é a intenção e concepção de Cristo e Seu Pai nesta grande obra – o que foi isto e em direção a quem, ou seja, para nos salvar, para nos libertar do mal

* Extraído de “A Morte da Morte na Morte de Cristo”, nas Obras de John Owen, Vol. 10, 157- 160, The Banner of Truth Trust, www.banneroftruth.org | Fonte: <http://www.chapellibrary.org/files/9213/9405/4058/atonfg.pdf>

do mundo, para nos limpar e nos purificar, para nos fazer santos, zelosos, frutíferos em boas obras, para nos tornar aceitáveis, e para nos conduzir a Deus. Por intermédio Dele, “temos acesso pela fé a esta graça na qual estamos firmes” (Romanos 5:2).

Além disso, o efeito e o produto da obra em si, ou que a obra é realizada e cumprida pela morte, derramamento de sangue, ou oblação de Jesus Cristo, não é menos claramente manifestado, mas é tão pleno e, muitas vezes, mais distintamente expresso [pelo seguinte]:

Primeiro, a reconciliação com Deus ao remover e matar a inimizade que havia entre Ele e nós. Pois, “porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho” (Romanos 5:10). “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação” (2 Coríntios 5:18). Se vocês gostariam de saber como esta reconciliação foi efetuada, o apóstolo nos dirá que: Ele na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades” (Efésios 2:15-16), assim, que “ele é a nossa paz” (Efésios 2:14).

Em segundo lugar, a justificação por tirar a culpa pelos pecados, obtendo a remissão e perdão deles, redimindo-nos do poder deles, com a maldição e ira devido a nós, por causa deles. Pois “por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção” (Hebreus 9:12). “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós” (Gálatas 3:13). “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24). Pois todos “pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos” (Romanos 3:23-25). Pois, nEle “temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados” (Colossenses 1:14).

Em terceiro lugar, a santificação ao purificar a impureza e contaminação por nossos pecados, renovando em nós a imagem de Deus, e suprimindo-nos com as graças do Espírito de santidade. Pois, “o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” (Hebreus 9:14). Sim, “o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1 João 1:7). Ele “havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados” (Hebreus 1:3). Para “santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta” (Hebreus 13:12). Ele deu a si mesmo pela Igreja, para a santificar, purificando-a para que ela seja santa e sem defeito (Efésios 5:25-27). Peculiarmente entre as graças do Espírito,

“a vós vos foi concedido, em relação a Cristo... crer nele” (Filipenses 1:29), Deus nos abençoa nEle com “toda bênção espiritual nos lugares celestiais” (Efésios 1:3).

Em quarto lugar, a adoção, com aquela liberdade evangélica e todos os gloriosos privilégios que pertencem aos filhos de Deus, pois “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos” (Gálatas 4:4-5).

Em quinto lugar, os efeitos da morte de Cristo não descansam aqui. Eles não nos deixam até que estejamos estabelecidos no céu em glória e imortalidade para sempre. Nossa herança é uma “possessão adquirida” (Efésios 1:14). “E por isso é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna” (Hebreus 9:15). A soma de tudo é: a morte e derramamento do sangue de Jesus Cristo, tem feito e efetivamente obteve para todos aqueles que estão envolvidos na redenção eterna, o que consiste em Graça aqui e Glória no além.

Assim, completas, claras e evidentes são as expressões nas Escrituras sobre as finalidades e efeitos da morte de Cristo, de forma que um homem pensaria em cada uma se pudesse correr e ler! Mas, nós devemos permanecer: entre todas as coisas na religião Cristã, não há nada mais escassamente questionado do que isso, o que parece ser um princípio mais fundamental. A persuasão espalhada é que há um resgate geral a ser pago por Cristo por todos: que Ele redimiu a todos e cada um – não apenas por muitos, Sua Igreja, os eleitos de Deus, mas também por todos da descendência de Adão.

Agora, os mestres desta opinião veem mui bem e facilmente que a finalidade da morte de Cristo que temos a partir do que a Escritura afirma; se aqueles antes recontados para serem frutos imediatos e produtos posteriores, então uma destas duas coisas seguirá, necessariamente: ou, primeiro, Deus e Cristo falharam em Sua finalidade proposta e não cumpriram o que pretendiam – a morte de Cristo não sendo um meio apropriadamente proporcional ao fim almejado... Afirmar isto parece-nos uma injúria blasfema à Sabedoria, Poder e Perfeição de Deus, como também depreciativo à dignidade e valor da morte de Cristo. Ou então, todos os homens, toda a posteridade de Adão, deve ser salva, purificada, santificada e glorificada o que certamente eles não serão. Pelo menos a Escritura e a lamentável experiência de milhões não consentirão.

Portanto, para lançar uma cor tolerável sobre a persuasão deles, eles devem negar e o fazem, que Deus ou Seu Filho teve qualquer objetivo absoluto ou final na morte ou derramamento de sangue de Jesus Cristo, ou que tal coisa foi imediatamente adquirida e

comprados por isso, como antes relatamos. Mas que Deus não planejou nada, nem houve qualquer coisa feita por Cristo, que nenhum benefício emerge imediatamente por Sua morte, mas que é comum a todos e a cada alma, embora nunca tão malditamente aqui e eternamente condenados no porvir, até que um ato de alguns, não adquiridos para eles por Cristo (pois se fosse, por que não tem eles isto todos igualmente), a saber, a fé, que os distingue dos outros. Agora, isto me parece [enfraquecer] a virtude, valor, frutos e os efeitos da satisfação e da morte de Cristo, servindo, inclusive, como uma base e fundamento a uma perigosa, desconfortável e errônea persuasão – Eu declararei, com o auxílio do Senhor, o que a Escritura promete quanto a ambas as coisas, tanto aquela assertiva que é intencionada a provar e pela qual é trazido para a sua comprovação; desejando o Senhor por meio de Seu Espírito que nos guie em toda a verdade, para dar-nos a compreensão de todas as coisas, e, se alguém tem uma mentalidade contrária, que revele a ele também.

O mais Extraordinário Evento*

Arthur Walkington Pink

A morte de Cristo, o Filho do Deus encarnado, é o evento mais notável de toda a história. A sua singularidade foi demonstrada de várias formas. Séculos antes que ocorresse, foi anunciada com uma plenitude incrível de detalhes por aqueles homens a quem Deus levantou no meio de Israel para direcionar os seus pensamentos e expectativas de uma mais ampla e mais gloriosa revelação de Si mesmo. Os profetas de Jeová descreveram o Messias prometido, não apenas como uma pessoa de alta dignidade, que realizaria milagres maravilhosos e benditos, mas também como alguém que seria “desprezado, e o mais rejeitado entre os homens” (Isaías 53:3), e cujas obras seriam encerradas por uma morte de vergonha e violência. Além disso, eles afirmaram que Ele deveria morrer, não apenas sob pena de execução humana, mas que “ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Isaías 53:10), sim, que Jeová bradaria: “Ó espada, desperta-te contra o meu pastor, e contra o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos. Fere ao pastor” (Zacarias 13:7).

Os fenômenos sobrenaturais que assistiram a morte de Cristo a distinguem claramente de todas as outras mortes. O escurecimento do sol ao meio-dia, sem qualquer causa natural, o terremoto que fendeu em pedaços as rochas e abriu as sepulturas, e o rasgar do véu do templo de alto a baixo proclamou que Aquele que estava pendurado na Cruz não era um sofredor comum.

Assim, também, o que se seguiu a morte de Cristo é igualmente notável. Três dias depois de Seu corpo ter sido colocado no túmulo de José, e o sepulcro ser seguramente selado, Ele, pelo Seu próprio poder (João 2:19; 10:18), arrebatou os grilhões da morte e subiu em triunfo da sepultura. Ele é agora vivo para sempre, tendo as chaves da morte e do inferno em Suas mãos (Apocalipse 1:18). Quarenta dias depois, depois de ter aparecido uma e outra vez em forma tangível diante de Seus amigos, Ele subiu ao Céu do meio de Seus discípulos. Dez dias depois, Ele derramou o Espírito Santo, por quem eles foram capacitados para anunciar aos homens de todas as nações, em seus respectivos idiomas, as maravilhas de Sua morte e ressurreição.

Como alguém já disse: “O efeito não foi menos surpreendente do que os meios empregados para realizá-lo. A atenção dos Judeus e Gentios estava entusiasmada, multidões foram

* Extraído de Estudos nas Escrituras, disponibilizado por Chapel Library. | Fonte: www.ChapelLibrary.org

persuadidas a reconhecê-Lo como o Filho de Deus e o Messias; e uma Igreja foi formada, a qual, não obstante a oposição poderosa e cruel perseguição, subsiste até o momento presente. A morte de Cristo foi o grande tema sobre o qual os Apóstolos foram ordenados a pregar, embora se soubesse de antemão que seria ofensivo a todas as classes de homens; e eles realmente fizeram deste o tema escolhido de seus discursos. ‘Porque’, disse Paulo, ‘nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado’ (1 Coríntios 2:2) ... No Novo Testamento, a Sua morte é representada como um evento da maior importância, como um fato sobre o qual repousa o Cristianismo, como o único motivo de esperança para os culpados, como a única fonte de paz e consolo, como de todos os motivos o mais poderosos para nos excitar a mortificar o pecado e nos dedicarmos ao serviço a Deus”.

A morte e ressurreição de Cristo não foi apenas o tema central da pregação apostólica e o principal assunto de seus escritos, mas isso é lembrado e celebrado no céu. O tema das canções dos remidos na glória é a Pessoa e o sangue do Salvador: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças” (Apocalipse 5:12). “A expiação feita pelo Filho de Deus é o princípio da esperança do pecador resgatado e será o tema de sua exultação, quando ele lançar a sua coroa diante do trono, cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro”.

Agora, é evidente a partir de todos esses fatos que há algo peculiar na morte de Cristo, algo que inequivocamente o separa de todas as outras mortes, e, portanto, a torna digna de nossa mais diligente, piedosa e reverente atenção e estudo. Convém-nos por tudo o que é grave, solene e salutar, ter justas e corretas concepções disso, pelo que se entende não só que devemos saber quando isso aconteceu e em que circunstâncias isso ocorreu, mas que devemos nos esforçar mais intensamente para [descobrir] qual era o projeto do Salvador em submeter-se a morrer na Cruz, por que foi que Jeová O feriu, e exatamente o que foi realizado por meio disso.

Mas à medida que tentamos nos aproximar de um assunto tão importante, tão maravilhoso, mas tão indizivelmente solene, lembremo-nos de que isso pede um coração cheio de temor, bem como um senso de nossa absoluta indignidade. Tocar a própria orla das coisas santas de Deus deve inspirar temor reverente. Mas, para obter os mais íntimos segredos de Sua Aliança, contemplar os eternos conselhos da Santíssima Trindade, esforçar-nos para adentrar ao significado daquela transação única no Calvário, que foi velado com a escuridão, exige um grau especial de graça, temor e humildade, de ensino celestial, e humilde ousadia da fé... Quando nos lembramos de que a Expiação é o assunto mais importante que pode envolver as mentes de homens ou anjos; que não somente garante a felicidade eterna de todos os eleitos de Deus, mas também dá ao universo a visão mais

completa das perfeições do Criador; que nisso estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, enquanto que por meio disso são reveladas as riquezas insondáveis de Cristo; que através dela a própria Igreja que foi comprada, está sendo feita a conhecer aos principados e potestades nos lugares celestiais, a multiforme sabedoria de Deus (Efésios 3:10), então, que supremo momento supremo deve ser este para compreendê-lo corretamente! Mas como é que o homem caído apreende essas verdades das quais o seu coração depravado é tão oposto? Toda a força do intelecto é menos do que nada quando ele tenta, em sua própria força, compreender as coisas profundas de Deus. Uma vez que um homem não pode receber nada se não lhe for dado do céu (João 3:27), muito mais é necessária uma iluminação especial por meio do Espírito Santo se ele deve adentrar completamente neste mais elevado mistério.

“Grande é o mistério da piedade” (1 Timóteo 3:16). Incrível além de toda a concepção finita é aquela transação que se consumou no Gólgota! Ali nós contemplamos o Príncipe da Vida morrendo. Ali nós vemos o Senhor da Glória transformado em um espetáculo de vergonha inefável. Ali vemos o Santo de Deus feito pecado por Seu povo. Ali testemunhamos o Autor de toda a bênção feito uma maldição por vermes da terra. Este é o mistério dos mistérios, que Aquele que não é outro senão Emanuel, pudesse descer tão baixo a ponto de unir a infinita majestade da Divindade com o mais baixo nível de humilhação que era possível descer. Ele não poderia ter ido mais baixo e ser Deus. Bem disse o Puritano Sibbes: “Deus, para demonstrar o Seu amor para conosco, mostrou a Si mesmo nisto: que Ele poderia ser Deus e ir tão baixo a ponto de morrer”.

Para que fonte, então, podemos clamar por luz, para a compreensão, para uma explicação e interpretação da Cruz? O raciocínio humano é inútil, a especulação é profana, as opiniões dos homens são inúteis. Assim, nós ficamos absolutamente calados até que Deus se agradou em fazê-lo conhecido a nós em Sua Palavra...

O plano da Redenção, a obra de nosso Fiador, e a satisfação que Ele prestou às reivindicações da Justiça contra nós não tem paralelo nas relações dos homens entre si. Somos levados acima da esfera das mais elevadas relações de seres criados para os majestosos conselhos do Deus eterno e independente. Traremos a nossa própria linha para medi-los? Estamos na presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo – um em perfeição, vontade e propósito. Se a justiça do Pai exige um sacrifício, o amor do Pai o provê. Mas o amor do Filho corre em paralelo com o do Pai; e não apenas empreendimento de forma geral, mas também em todos os atos disso nós vemos o consentimento pleno e livre do Filho. Em toda a obra, vemos o amor do Pai, tão claramente demonstrado quanto o amor do Filho. E mais uma vez, vemos o amor do Filho pela justiça e ódio pela iniquidade tão claramente apresentados como os do Pai naquela obra que seria impossível dizer se a manifestação

de amor ou de justiça é mais surpreendente. Ao expor sobre o empreendimento, ouvimos o Filho dizer com amoroso deleite: “Eis que venho para fazer a tua vontade” (Hebreus 10:7, 9). Enquanto Ele contempla sua conclusão, nós O ouvimos dizer: “Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la” (João 10:17). Eles são um na manifestação gloriosa de perfeições comuns e no regozijo de todos os benditos resultados. O Filho é glorificado por meio de tudo o que é para a glória do Pai. E, enquanto, na consumação deste plano, a sabedoria de Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – será exibida, como não poderia de outra forma ter sido, aos principados e potestades nos lugares celestiais; o homem arruinado será exaltado em Cristo para alturas da glória e felicidade, o que de outra forma seria inatingível.

Getsêmani*

Charles Haddon Spurgeon

“E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra” (Lucas 22:44 – ARA)

Poucos foram feitos participantes das aflições do Getsêmani. A maioria dos discípulos não estava lá. Eles não eram suficientemente maduros na graça para serem capazes de contemplar os mistérios “da agonia”. Ocupados com a festa de Páscoa em suas casas, eles representavam os muitos que viviam sob a lei, mas eram meros bebês e lactantes no que se refere ao espírito do Evangelho. Os muros do Getsêmani apropriadamente tipificam esta fraqueza na graça que efetivamente esconde da contemplação dos crentes simples as profundas maravilhas da comunhão. A doze, ou melhor, a onze [discípulos] foi concedido o privilégio de entrar no Getsêmani e contemplar esta grandiosa visão. Dos onze, oito foram deixados a certa distância; eles tinham comunhão, mas não aquele tipo de intimidade a que são admitidos os homens grandemente amados. Apenas três altamente favorecidos, que tiveram com Ele no monte da transfiguração, e testemunharam o milagre da ressurreição na casa de Jairo – apenas estes três puderam aproximar-se ao véu de Sua misteriosa angústia: neste véu mesmo estes não deveriam adentrar; uma distância de um tiro de pedra deveria estar entre eles. Ele deveria pisar o lagar sozinho, e do povo ninguém deveria estar com Ele. Pedro e os dois filhos de Zebedeu, representam os poucos santos eminentes, experimentados, instruídos na graça, que podem ser descritos como “Pais” estes fizeram negócios em muitas águas, podem em algum grau, mensurar a enorme onda Atlântica da paixão do seu Redentor; havendo passado muito tempo sozinhos com Ele, eles podem ler Seu coração bem melhor do que aqueles que meramente O viram em meio à multidão.

A alguns espíritos escolhidos isto é dado, para o bem de outros, e para seu próprio fortalecimento para [enfrentar] algum conflito futuro, especial e tremendo, para adentrar no círculo íntimo e ouvir as súplicas do sofrimento do Sumo Sacerdote; eles têm comunhão com Ele em Seus sofrimentos, e são feitos semelhantes à Sua morte. Contudo, eu digo, mesmo estes, os eleitos dentre os eleitos, estes escolhidos e favoritos especiais dentre os cortesãos do rei, mesmo estes não podem adentrar no lugar secreto do sofrimento do Salvador, como para compreender todas as Suas agonias. “Teus desconhecidos sofri-

* Sermão Nº 493. pregado na Manhã de Domingo, 8 de Fevereiro de 1863, por, no Tabernáculo Metropolitano, Newington. Fonte: Spurgeon.org | Título Original: Gethsemane

mentos” é a notável expressão da Liturgia Grega; pois há uma câmara interna em Sua aflição, isolada do conhecimento e companheirismo humanos. Não foi aqui que Cristo foi mais do que nunca um “Indescritível presente” para nós? Acaso não está certo Watts quando canta –

*“E todos os júbilos desconhecidos que Ele proporciona
Foram comprados com agonias desconhecidas.”*

Uma vez que não seja possível para nenhum crente, por mais experimentado que seja, saber por ele mesmo tudo o que nosso Senhor suportou no lugar de prensa de azeite, quando Ele foi esmagado sob a mais alta e mais baixa pedra do moinho do sofrimento mental e malícia infernal, isto é claramente muito além da capacidade do pregador em expressá-lo a vocês. O próprio Jesus deve dar-lhes acesso às maravilhas do Getsêmani: quanto a mim, posso apenas convidá-los a entrar no jardim, pedindo a vocês que tirem as sandálias dos pés, porque o lugar em que estamos é terra santa. Eu não sou Pedro, nem Tiago, nem João, mas alguém que, de bom grado, como eles, gostaria de beber do cálice do Mestre, e ser batizado com o Seu batismo. Eu tenho até agora avançado apenas tão longe quanto está o grupo de oito [discípulos], mas ali eu tenho escutado os gemidos profundos do Homem de dores. Alguns de vocês, meus veneráveis amigos, devem ter aprendido bem mais do que eu; mas vocês não se recusarão a ouvir novamente o ruído das muitas águas que se esforçaram para [tentar] apagar o Amor do Grandioso Esposo das nossas almas [Ezequiel 1:24].

Muitos assuntos exigirão nossa breve consideração. Vem Espírito Santo, Sopra luz em nossos pensamentos, vida em nossas palavras.

I. Venham mais perto e contemplem a INEXPRIMÍVEL AFLIÇÃO DO SALVADOR.

As emoções daquela dolorosa noite são expressas através de muitas palavras na Escritura. João O descreve como dizendo quatro dias antes da Sua Paixão, “Agora está minha alma perturbada” enquanto advertia sobre o ajuntamento de nuvens Ele quase não sabia onde entregar-se e clamou “E que direi eu?” [João 12: 27]. Mateus escreveu sobre Ele, “ele começou a entristecer-se e a angustiar-se muito”. [Mateus 26:37]. Sobre a palavra *ademein* traduzida como “angustiar-se muito”, Goodwin comenta que havia uma desorientação na agonia do Salvador, pois em sua origem a palavra significa “separado do povo – homens confusos, tornando-se separados da humanidade”. Que pensamento, meus irmãos, que nosso Bendito Senhor tenha sido levado ao limite máximo da desorientação pela intensidade de Sua angústia. Mateus apresenta o próprio Salvador dizendo “A minha

alma está *cheia de tristeza*, até a morte”. [Mateus 26:38]. Aqui a palavra *Perilupos* significa envolvido, cercado, sobrecarregado de dor. “Ele foi submergido completamente (até a cabeça e orelhas) em sofrimento e não tinha como desafogar-se,” é a forte expressão de Goodwin. O pecado não deixa nenhuma brecha pela qual possa entrar o consolo, e, portanto, quem carrega o pecado deve estar inteiramente imerso em dor. Marcos registra que Ele começou a ter pavor, e a angustiar-se [Marcos 14:33]. Neste caso *thambeisthai*, com o prefixo *ek*, demonstra assombro ao extremo, como aquele de Moisés quando sentiu grande temor e tremor. Ó bendito Salvador, como nós podemos suportar pensar em Ti como um homem assombrado e temeroso! Todavia, foi assim quando os terrores de Deus se dispuseram em batalha contra Ti. Lucas usou a forte linguagem do meu texto – “e posto em agonia”. [Lucas 22:44]. Estas expressões, as quais cada uma é digna de ser tema de um sermão, são quase suficientes para expressar que a aflição do Salvador era de um caráter sumamente extraordinário justificando bem a exclamação profética “Atendei, e vede, se há dor como a minha dor, que veio sobre mim”. [Lamentações 1:12]. Ele permaneceu ante a nós em miséria incomparável. Ninguém foi tão afligido pelos poderes das trevas quanto Ele; é como se os poderes do inferno tivessem dado o comando às suas legiões: “Não pelejem nem contra pequenos nem contra grandes, mas somente contra o próprio Rei de Israel”.

Se professássemos compreender todas as causas das agonias de nosso Senhor, a sabedoria nos repreenderia com o questionamento “Entraste tu até as origens do mar, ou passeaste no mais profundo do abismo?” [Jó 38:16]. Não podemos fazer mais do que olhar as causas reveladas do sofrimento. Surgiu, em parte, do horror de sua alma *quando compreendeu plenamente o significado do pecado*. Irmãos, quando vocês foram primeiramente convencidos do pecado e o viram como algo extremamente pecaminoso, embora sua compreensão de pecaminosidade fosse apenas débil comparada com sua real atrocidade, ainda assim o terror apoderou-se de vocês. Lembram-se daquelas noites de insônia? Como o salmista, você disse: “envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequeidão de estio” [Salmos 32:3-4]. Alguns de nós podem se lembrar de quando nossas almas escolheriam antes a estrangulação do que a vida [Jó 7:15], quando se as sombras da morte nos tivessem escondido da Ira de Deus nós ficaríamos muito felizes em dormir na sepultura para não fazer nossa cama no inferno [Salmos 139:8]. Nosso bendito Senhor viu o pecado em sua escuridão natural. Ele teve a mais nítida percepção do traiçoeiro assalto sobre seu Deus, de Seu ódio homicida contra sua própria pessoa, e influência destruidora do pecado sobre a humanidade. Seria esperado que o terror se apoderasse dEle, pois uma visão do pecado deve ser de longe mais aterrorizante do que uma visão do inferno, o qual é apenas a sua prole.

Outra profunda fonte de dor é encontrada no fato de que Cristo agora *assumiu mais plenamente Sua posição oficial em relação ao pecado*. Ele agora foi feito pecado. Ouça a palavra! Ele, que não conheceu o pecado, foi feito pecado por nós, para que fôssemos feitos justiça de Deus nEle. Naquela noite as palavras de Isaías foram cumpridas – “O SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”. [Isaías 53:6]. Agora Ele ficou como quem leva o pecado, o substituto aceito pela Justiça Divina para suportar a plenitude da ira Divina a qual nós nunca poderíamos suportar. Naquela hora o céu olhou para Ele como estando no lugar do pecador, e tratou-Lhe como um homem pecador merecia ser amplamente tratado. Ó, queridos amigos, quando o imaculado Cordeiro de Deus percebeu a Si mesmo no lugar do culpado, quando Ele não podia recusar tal lugar porque Ele tinha aceitado isto voluntariamente de modo a salvar os Seus escolhidos, o que deve ter sentido a Sua alma, como Sua natureza perfeita deve ter sido escandalizada com tão estreita associação com a iniquidade?

Nós acreditamos que neste momento, nosso *Senhor teve uma nítida visão de toda a vergonha e sofrimento de Sua crucificação*. A agonia foi apenas uma das primeiras gotas do tremendo aguaceiro que foi descarregado sobre a Sua cabeça. Ele previu a chegada apressada do discípulo traidor, a captura pelos soldados, juízos simulados ante ao Sinédrio, Pilatos e Herodes, os açoites e golpes, a coroa de espinhos, a vergonha, a cuspidas. Tudo isto veio a Sua mente, e, como está é uma lei geral de nossa natureza, que a visão antecipada de julgamento é mais penosa do que o julgamento em si, podemos conceber como foi que Ele que não respondeu nenhuma só palavra quando em meio ao conflito, não pôde conter a si mesmo de intenso choro e lágrimas na expectativa do julgamento. Amados amigos, se vocês pudessem reviver ante o olho de suas mentes os terríveis incidentes de Sua morte a perseguição pelas ruas de Jerusalém, a crucificação, a febre, a sede, e, acima de tudo, o desamparo do Seu Deus, vocês não poderiam surpreender-se que Ele começou a angustiar-se, e ficou muito entristecido.

Mas possivelmente uma raiz de amargura ainda mais frutífera era esta – *que agora o Seu Pai começara a retirar a Sua presença dEle*. A sombra deste grande eclipse começou a cair sobre Seu espírito quando Ele ajoelhou-se naquela fria meia-noite entre as olivas do Getsêmani. O sensível consolo que alegrava o Seu espírito foi retirado; A bendita aplicação da promessa que Cristo Jesus necessitava como homem foi removida, tudo o que entendemos pelo termo “consolações de Deus” foi ocultado de Seus olhos. Ele foi deixado sozinho em Sua fraqueza para lutar pela libertação do homem. O SENHOR permaneceu como se fosse um espectador indiferente, ou melhor, como se fosse um adversário, Ele O feriu “com ferida de inimigo, e com castigo de quem é cruel”.

Mas, em nosso julgamento o auge de sofrimento do Salvador no jardim refere-se às

tentações de Satanás. Esta hora, mais do que em qualquer outro momento de Sua vida, ainda mais do que o conflito de quarenta dias no deserto, foi *o momento de Sua tentação*. “Esta é a vossa hora e o poder das trevas”. Agora Ele poderia dizer enfaticamente, “vem o príncipe deste mundo”. Este foi o Seu último combate corpo a corpo contra todas as hostes do inferno, e aqui Ele deveria suar grandes gotas de sangue antes que a vitória pudesse ser alcançada.

Nós temos um vislumbre das fontes do grande abismo que foram quebradas quando as águas da aflição inundaram a alma do Redentor. Irmãos, [vejamos] esta lição antes de nós deixarmos a contemplação. “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”. [Hebreus 4: 15-16]. Pensemos que nenhum sofrimento pode ser desconhecido para Ele. Nós apenas corremos com homens que vão a pé – ele teve que contender com cavaleiros; nós apenas passamos até os tornozelos pelos rasos córregos do sofrimento – Ele teve que dar braçadas contra as enchentes do Jordão [Jeremias 12:5]. Ele nunca falhará em socorrer Seu povo quando tentado; tal como se disse na antiguidade, “Em toda a angústia deles Ele foi angustiado, e o anjo da Sua presença os salvou” [Isaías 63:9].

II. Continuemos a contemplar A TENTAÇÃO DE NOSSO SENHOR.

Ao início de Sua carreira, a serpente começou a morder o calcanhar do prometido libertador; e agora, conforme se aproximava o tempo no qual a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, este antigo dragão realizou um ataque desesperado contra o seu grande destruidor. Não é possível a nós que ergamos o véu onde a revelação tem permitido que este oculte, mas nós podemos fazer alguma ideia das sugestões com as quais Satanás tentou nosso Senhor. Vamos, contudo, assinalar de forma cautelosa, antes de nós tentarmos pintar este quadro, que independentemente do que Satanás possa ter sugerido ao nosso Senhor, Sua natureza perfeita, em nenhum nível, de nenhuma forma, submeteu-se a isso e ao pecado. As tentações foram, sem dúvidas, da natureza mais abominável, mas estas não deixaram nenhuma mancha ou imperfeição sobre Ele, que permaneceu sendo o primeiro entre dez mil [Cantares de Salomão 5:10]. O príncipe deste mundo veio, mas ele não teve nada em Cristo. Ele gerou as faíscas, mas estas não caíram, como em nosso caso, sobre palha seca; elas caíram como no oceano, e foram apagadas de imediato. Ele lançou as flechas de fogo, mas estas não puderam sequer deixar cicatriz na carne de Cristo; estas acertaram sobre o escudo de Sua natureza perfeitamente justa, e caíram com as suas pontas quebradas, para a frustração do adversário.

Mas, pensem vocês, que foram estas tentações? Parece-me, a partir de algumas pistas disponíveis, que elas foram mais ou menos assim – havia primeiro, *uma tentação para deixar o trabalho inacabado*; podemos inferir isto a partir da oração – “se é possível, passe de mim este cálice”. “Filho de Deus,” o tentador disse, “é isto então? Foste Tu realmente chamado para carregar o pecado do homem? Disse Deus, “Pus o socorro sobre um que é poderoso” [Salmos 89:19]. E és Tu, o eleito de Deus, para carregar toda esta carga? Olhe Tua fraqueza! Estás suando, mesmo agora, grandes gotas de sangue; Certamente Tu não és Aquele a quem o Pai tem ordenado a ser poderoso para salvar; ou se Tu fores, o que ganharias por isto? De que isto Te servirá? Tu já tens glória suficiente. Olhe quão miseráveis são aqueles pelos quais Tu ofereces a ti mesmo como um sacrifício; Teu tesoureiro, Judas, apressa-se pra trair-Te pelo preço de um escravo comum. O mundo pelo qual Tu sacrificas a Ti mesmo descartará o Teu nome como algo maligno, e a Tua Igreja, pela qual Tu pagas o preço de resgate, do que ela é merecedora? Uma multidão de mortais! Tua divindade poderia criar seres semelhantes a qualquer momento em que Te aprover; então, por que precisarias Tu, derramar Tua alma até a morte?”. Tais argumentos poderiam ter sido usados por Satanás; a astúcia infernal de um que tem estado tentando os homens por milhares de anos, saberia como inventar todos os tipos de maldades. Ele derramaria as mais ardentes brasas do inferno sobre o Salvador. Foi lutando contra esta tentação, dentre outras, que, estando em agonia, nosso Senhor orou mais intensamente.

A Escritura indica que nosso Senhor foi [de tal forma] assaltado *pelo medo que Suas forças não teriam sido suficientes*. Ele foi ouvido no que Ele temia. Como, então, Ele foi ouvido? Um anjo foi-Lhe enviado para fortalecê-IO. Seu temor, então, foi, provavelmente, produzido por um senso de fraqueza. Eu imagino que o vil demônio teria sussurado em seu ouvido – “Tu! Tu toleras ser castigado por Deus e ser aborrecido pelos homens! Opróbrio já tem ferido teu coração; Como Tu suportarás ser envergonhado publicamente e levado para fora da cidade como coisa imunda? Como Tu suportarás ver Teus parentes chorosos e Tua mãe de coração partido aos pés da Tua cruz? Teu espírito afetuoso e sensível será intimidado sob isto. Enquanto Teu corpo, já está enfraquecido; Teus longos jejuns já Te têm debilitado; Tu Te tornarás uma presa para a morte bem antes que Teu trabalho seja cumprido. Tu certamente falharás. Deus tem Te desamparado. Agora eles perseguirão e prenderão a Ti; eles entregarão Tua alma ao leão, e Tua vida ao poder do cão”. Então, ele poderia retratar todos os sofrimentos da crucificação, e dizer, “Pode suportar o Teu coração, ou podem Tuas mãos serem fortes no dia em que o Senhor procederá contra Ti?” A tentação de Satanás não foi dirigida contra a Divindade, mas contra a humanidade de Cristo, e, portanto, o maligno provavelmente se concentraria na fraqueza do homem. “Tu mesmo não disseste, ‘Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo?’ [Salmo 22:6]. Como Tu irás suportar quando as nuvens da Ira de Deus se ajuntarem sobre Ti? A tempestade certamente fará naufragar todas as tuas esperanças. Não pode ser; Tu não

podes beber deste cálice, nem ser batizado com este batismo”. Desta maneira, imaginamos, nosso Mestre foi tentado. Mas vejam, Ele não se rende a isto. Estando em agonia, palavra esta que significa em um ringue de luta, Ele peleja com o tentador como Jacó com o anjo. “Não,” disse Ele, “Eu não serei subjugado pelas provocações dirigidas à minha fraqueza; eu sou forte na força da minha Divindade, eu ainda irei vencer-Te”. Contudo, a tentação foi tão terrível, que para dominá-la, Sua depressão mental Lhe provocou “um suor como grandes gotas de sangue que caíram ao chão”.

Possivelmente, também, a tentação pode ter surgido a partir de uma sugestão *de que Ele estava completamente abandonado*. Eu não sei – pode haver sofrimentos mais severos do que este, mas certamente este é um dos piores, ser totalmente abandonado. “Veja,” disse Satanás, enquanto ele sussurrava isto entre seus dentes – “veja, Tu não tens um amigo em lugar algum! Olhe para o céu, Teu Pai calou as entranhas de Sua compaixão contra Ti. Nem um só anjo da corte de Teu Pai alongará sua mão para ajudar-Te. Vejas Tu adiante, nem um daqueles espíritos que honraram Teu nascimento interferirá para proteger a tua vida. Todo o céu é desleal a Ti; Tu és deixado sozinho. E quanto a terra, não estão todos os homens sedentos do Teu sangue? Não ficarão satisfeitos os judeus ao ver Tua carne transpassada pelos cravos, e não irá o romano regozijar-se quando Tu, o Rei dos Judeus, estiver preso à cruz? Tu não tens nenhum amigo entre as nações; o alto e o poderoso zombam de Ti, e o pobre move sua língua em escárnio. Tu não tinhas onde descansar a Tua cabeça quando estavas em Teu melhor estado; Tu não tens agora lugar aonde abrigo seja dado a Ti. Veja as companhias com quem Tu tens tido doce segredo, de que eles servem? Filho de Maria, veja ali Teu irmão Tiago, veja ali Teu amado discípulo João, e teu valente Apóstolo Pedro – eles dormem, eles dormem; e acolá os oito, como covardes dormem quando Tu estás consumido em Teus sofrimentos! E onde estão os outros quatrocentos? Eles se esqueceram de Ti; eles estarão nas suas fazendas e comércio pela manhã. Oh! Tu não tens deixado nenhum amigo no céu ou na terra. Todo o inferno está contra Ti. Eu tenho despertado a minha cova infernal. Eu enviei minhas cartas saídas de todas as regiões convocando todo príncipe das trevas para caírem sobre Ti esta noite, e nós não pouparemos nossas setas. Nós usaremos todo o nosso poder infernal para oprimir-Te, e o que farás, Tu que estás sozinho?” Esta pode ter sido, esta era a tentação; eu acredito que era, porque a aparição de um anjo junto a Ele, fortalecendo-O, removeu este temor. Ele foi ouvido quanto ao que temia, Ele não estava mais sozinho, mas o céu estava com Ele. Pode ser que esta seja a razão da sua ida três vezes aos seus discípulos – como Hart a expressa:

*“Para trás e para frente, três vezes ele correu
como se ele solicitasse algum auxílio humano.”*

Ele veria por Si mesmo se era realmente verdade que todos os homens O haviam

abandonado; Ele encontrou todos adormecidos; mas talvez Ele recebeu algum pequeno consolo ao pensar que eles estavam dormindo, não por deslealdade, mas por tristeza, o espírito, na verdade estava pronto, mas a carne era fraca.

Pensamos que Satanás atacou também o nosso Senhor com um escárnio realmente cruel. Você sabe em que disfarce o tentador pode vestir-se, e quão cruelmente sarcástica insinuação ele pode fazer – “Ah! Tu não serás capaz de efetivar a redenção do Teu povo. Tua sublime benevolência se demonstrará uma farsa, e Teus amados perecerão. Tu não prevalecerás para salvá-los do meu domínio. Tuas ovelhas dispersas certamente serão minhas presas. Filho de Davi, eu sou equiparado a Ti, Tu não podes livrar-se da minha mão. Muitos de Teus escolhidos entraram no céu na força da Tua expiação, mas eu irei arrastá-los dali, e [vou] extinguir as estrelas da glória; eu irei diminuir os coristas de Deus nos átrios do céu, pois Tu não cumprirás a Tua fiança, Tu não podes fazê-lo. Tu não és capaz de levar ao alto todo este grande povo; eles ainda perecerão. Veja, não são as ovelhas dispersas, agora que o Pastor está ferido? Eles todos se esquecerão de Ti. Tu nunca verás [fruto do] penoso trabalho de Tua alma. Teu desejado objetivo nunca será atingido. Tu serás para sempre o homem que começou a construir, mas não foi capaz de finalizar”. Talvez esta seja verdadeiramente o motivo pelo qual Cristo foi olhar por três vezes os seus discípulos. Vocês têm visto uma mãe, ela é muito fraca, fadigada com uma grave enfermidade, mas ela trabalha sob um pavor doloroso que seu filho venha a morrer. Ela se levanta de sua cama, na qual a doença a jogou, por um breve período de descanso. Ela contempla ansiosamente a sua criança. Observa o mais fraco sinal de recuperação. Mas ela mesma está dolorosamente doente, e não pode aguentar mais que um instante fora de sua própria cama. Ela não consegue dormir, ela agita-se sofredamente, pois seus pensamentos vagueiam; ela se levanta para olhar novamente – “Como tu estás, filho meu, como tu estás? São aquelas palpitações do teu coração menos violentas? Está o teu pulso estabilizado? Mas, ai! Ela está fraca, e ela deve ir para a cama novamente, contudo ela não consegue descansar. Ela retornará uma e outra vez para vigiar aquele a quem ama. Então, penso eu, Cristo olhou para Pedro, Tiago e João, como a dizer: “Não, eles não estão todos perdidos ainda, eles estão à [minha] esquerda e, olhando-os como protótipo de toda a Igreja, Ele parecia dizer: “Não, não, eu triunfarei ; eu terei o domínio, lutarei até o sangue; pagarei o preço do resgate, e libertarei os meus amados do seu inimigo”.

Agora, estas, penso eu, eram Suas tentações. Se vocês puderem formar uma ideia mais completa do que [Suas tentações] eram além destas, então ficarei satisfeito. Com esta única lição eu deixo este ponto – *“Orem para que não entreis em tentação”*. Esta é a própria expressão de Cristo; Sua própria dedução a partir de Sua aflição. Vocês todos têm lido, queridos amigos, a ilustração de John Bunyan da luta de Cristão contra Apolião. Este mestre-pintor a esboçou de maneira bastante vívida. Ele diz, “esta furiosa luta prolongou-

se até perto do meio-dia, hora em que se esgotaram as forças de Cristão, eu nunca o vi durante todo o tempo ter sequer um olhar de alegria, até perceber que havia ferido Apolião com a sua espada de dois gumes; então de fato, ele sorriu e olhou para o céu! Mas, esta foi a visão mais terrível que já vi”. Este é o significado desta oração, “Não nos deixe cair em tentação”. Oh, vocês que vão imprudentemente aonde são tentados, vocês que oram [pedindo] por aflições – e eu tenho conhecido alguns tolos o suficiente para fazerem isto – vocês que se colocam aonde tentam o maligno para os tentarem, prestem atenção ao exemplo do próprio Mestre. Ele suou grandes gotas de sangue quando foi tentado. Oh! Orem a Deus para poupá-los de tamanha aflição. Orem esta manhã e todos os dias, “Não nos deixe cair em tentação”.

III. Observem queridos irmãos, o SUOR SANGRENTO.

Nós lemos, que “Era o seu suor como grandes gotas de sangue”. Devido a isto, alguns escritores têm suposto que o suor não era realmente sangue, mas tendo apenas a aparência de sangue. Esta interpretação, entretanto, tem sido rejeitada pela maioria dos comentaristas, de Agostinho em diante, e é geralmente afirmado que a palavra “como” não apenas expressa *semelhança* com sangue, mas significa que era real e literalmente sangue. Nós encontramos a mesma linguagem utilizada no texto: “Nós vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai”. Agora, claro, isso não quer dizer que Cristo era como o unigênito do Pai, já que ele realmente O é. Assim, geralmente, essa expressão da Sagrada Escritura apresenta, não uma mera semelhança com algo, mas a própria coisa em si. Acreditamos, assim, que Cristo realmente suou sangue. Esse fenômeno, embora um tanto incomum, tem sido comprovado em outras pessoas. Há vários casos registrados, alguns em antigos livros de medicina de Galeno, e outros mais recentes, de pessoas que depois de prolongada fraqueza, sob medo da morte, têm suado sangue. Mas este caso é completamente único em si mesmo, por várias razões. Se vocês observarem, Ele não apenas suou sangue, mas em grandes gotas; o sangue solidificou, e formou grandes coágulos. Eu não posso expressar melhor o que se entende pela palavra “gotas” – gotas grandes e pesadas. Isso não foi visto em caso algum. Algumas pequenas efusões de sangue foram observadas em casos de pessoas que estavam previamente debilitadas, mas nunca grandes gotas. Quando se diz “que caíam ao chão”, isto mostra a sua copiosidade, de maneira que elas não somente estavam sobre a superfície e foram absorvidas pelas Suas vestes, até que Ele se tornasse como “novilha ruiva” [Números 19:2], que fora sacrificada naquele mesmo local, mas as gotas caíram ao chão. Aqui Ele permanece inigualável. Ele era um homem com boa saúde, [tendo] apenas cerca de 30 anos de idade, e estava trabalhando sob nenhum medo da morte; mas a pressão mental decorrente de sua luta contra a tentação, e a tensão de toda a sua força, a fim de frustrar a tentação de Satanás, teriam forçado seu

corpo à uma excitação sobrenatural, que seus poros expeliram grandes gotas de sangue, as quais caíam ao chão. Isso prova quão tremendo deve ter sido o peso do pecado quando foi capaz de esmagar o Salvador de forma que Ele destilou gotas de sangue! Isto demonstra, meus irmãos, o tremendo Poder de Seu Amor.

É uma linda observação a do velho Isaac Ambrose, de que a goma que exsuda da árvore que não é cortada é sempre a melhor. Esta preciosa alcanforeira produziu as mais doces especiarias quando foi ferida sob nodosos chicotes, e quando foi perfurada pelos pregos na cruz; mas vejam, ela produziu adiante seu melhor tempero quando não havia chicote, nem prego, nem ferida. Isto expõe o caráter voluntário dos sofrimentos de Cristo, desde que sem uma lança o sangue fluía livremente. Não havia necessidade de colocar a sanguessuga, ou aplicar a faca; [o sangue] flui espontaneamente. Não havia necessidade de que os governantes clamassem “Brotá, ó poço” de si mesmo fluem torrentes de cor carmesim [Números 21:17]. Queridíssimos amados amigos, se os homens sofrem alguma terrível dor de cabeça – eu não estou familiarizado com temas médicos – aparentemente o sangue corre para o coração. As bochechas ficam pálidas, desmaios ocorrem, o sangue flui ao interior, como para nutrir o homem interno, enquanto este passa por esta aflição. Mas vejam o nosso Salvador em Sua agonia; Ele é tão completamente alheio de si mesmo, que, em vez de Sua agonia impulsionar Seu sangue para o coração, para nutrir-se, dirige-o para fora para orvalhar a terra. A agonia de Cristo, na medida em que O derrama sobre a terra, retrata a plenitude do sacrifício que Ele realizou pelos homens.

Vocês não percebem, meus irmãos, quão intensa deve ter sido a luta pela qual Ele passou, e não ouvirão a Sua voz *para vocês?* – “Vós ainda não resististes até o sangue, combatendo contra o pecado” [Hebreus 12:4]. Tem sido a porção de alguns de nós ter severas tentações – de outra maneira não saberíamos como ensinar outros – tão severas que na peleja contra elas, o suor frio e pegajoso brotou de nossas testas. O lugar nunca será esquecido por mim – um local solitário; onde, meditando sobre o meu Deus, uma pressa terrível de blasfêmia cobriu minha alma, ao ponto de que eu preferia a morte a esta provação; e eu caí de joelhos ali e então, pois a agonia era horrível, enquanto minha mão estava sobre minha boca para evitar que as blasfêmias fossem faladas. Uma vez que Satanás seja permitido a realmente tentar você com a tentação de blasfêmia, e você nunca a esquecerá, mesmo que viva até que os seus cabelos tornem-se brancos; ou deixá-lo atacar vocês com um pouco de luxúria, ainda que vocês odeiem e detestem o simples pensamento disto, e [prefeririam] perder o seu braço direito a entregar-se a ela [à tentação], contudo, ele virá, os acusará, e perseguirá, e atormenta-los-á. Pelejem contra isto até mesmo suar, meus irmãos, sim, até o sangue. Nenhum de vocês pode dizer, “Eu não pude evitá-lo; eu fui tentado”. Resistam até que vocês suem sangue ao invés de pecar. Não diga: “Eu estava tão pressionado por isto, e foi tão conformado ao meu temperamento natural que eu não podia deixar de cair

[no pecado]”. Olhem para o grande Apóstolo e Sumo Sacerdote de sua profissão, e suem até o sangue ao invés de render-se ao grande tentador de suas almas. Orem que vós não entreis em tentação, para que quando entreis nela, vós possais, com confiança, dizer, “Senhor, eu não procurei por isto, por isso ajude-me a vencê-la, por causa do Teu nome”.

IV. Eu quero que vocês, em quarto lugar, observem A ORAÇÃO DO SALVADOR.

Queridos amigos, quando somos tentados e desejamos vencer, a melhor arma [que temos] é a oração. Quando você não pode usar a espada e o escudo, tome para si a famosa arma de Toda-oração. Assim fez o seu Salvador. Consideremos Sua oração. *Era uma oração solitária*. Ele afastou-se até mesmo de Seus três melhores amigos a uma distância de um tiro de pedra. Crente, especialmente em tentação, esteja mais em oração solitária. Assim como a oração pessoal é a chave para abrir o céu, também é a chave para fechar os portões do inferno. Assim como ela é um escudo para evitar, também é a espada usada para lutar contra a tentação. Oração familiar, oração social, oração na Igreja, não bastarão. Estas são muito preciosas, mas o melhor tempero forjado fumegará no seu incensário em suas devoções particulares, onde nenhum ouvido escuta, exceto Deus. Retirem-se à solidão, se vocês querem triunfar.

Observem, também, que foi uma *oração humilde*. Lucas disse que Ele ajoelhou-se, mas outro evangelista diz que Ele prostrou-se com o rosto em terra. O Quê! O Rei prostrou-se com o rosto em terra? Então, onde deve ser Teu lugar, Tu, humilde servo do grande Mestre? Acaso o Príncipe prostra-se rente ao chão? Onde, então, te prostrarás tu? Que pó e cinzas cobrirão tua cabeça? Que panos de sacos cingirão teus lombos? Humildade nos proporciona um ponto de apoio na oração. Não há esperança de alguma prevalência real com Deus, que abate ao soberbo, sem que nos humilhemos a nós mesmos para que Ele possa nos exaltar no tempo devido.

Além disto, esta foi uma *oração filial*. Mateus O descreve como dizendo “O, meu Pai,” e Marcos diz “Aba, Pai”. Vocês encontrarão constantemente uma fortaleza no dia da tribulação para pleitear sua adoção. Daí que a oração, na qual está escrito, “Não nos deixes cair em tentação, mas livrai-nos do mal,” começa com “Pai nosso, que estás no céu”. Peçam como uma criança. Vocês não têm direitos como súditos; Vocês os perderam por sua traição, mas nada pode confiscar o direito de uma criança à proteção de um pai. Não se envergonhem de dizer, “Meu Pai, ouça o meu clamor”.

Novamente, observem que esta *era uma oração perseverante*. Ele orou por três vezes, usando as mesmas palavras. Não se contentem até que vocês prevaleçam. Sejam como a

viúva insistente, cuja solicitação contínua obteve o que a sua primeira súplica não pôde ganhar. Continuem em oração, velando nas mesmas com ações de graças.

Além disso, vejam como brilhava com um calor incandescente – esta foi *uma oração intensa*. “Ele orou mais intensamente”. Que gemidos eram aqueles emitidos por Cristo! Que lágrimas, que brotaram da fonte profunda de Sua natureza! Façam orações intensas se vocês querem prevalecer contra o adversário.

E por último, aquela *foi uma oração de renúncia*. “Contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres”. Cedam, e Deus cederá. Deixe ser conforme a vontade de Deus, e a Sua vontade será o melhor. Sê perfeitamente satisfeito em deixar o resultado de tua oração nas mãos dAquele que sabe quando, como, e o quê dar, e o quê reter. Assim suplicante, intensa e insistentemente, também misturando com humildade e resignação, tu prevalecerás.

Queridos amigos, nós devemos concluir, prosseguir ao último ponto tendo isto como uma lição prática – “*Levantem e orem*”. E se vocês estão em tentação, sejam mais do que nunca foram antes em suas vidas, urgentes, apaixonados, importunos com Deus, para que Ele os salve no dia de sua luta.

V. Como o nosso tempo se esgotou, nós concluímos com este último ponto, que é A PREVALÊNCIA DO SALVADOR.

A nuvem se foi. Cristo ajoelhou-se, e a oração é finalizada. “Mas”, diz alguém, “Cristo prevaleceu em oração?” Amados, poderíamos ter alguma esperança que Ele prevaleceria no céu se Ele não tivesse prevalecido na terra? Não poderíamos suspeitar que se Seu intenso clamor e lágrimas não houvessem sido ouvidos então, Ele poderia falhar *agora*? Suas orações apressaram-se, e, portanto, Ele é um bom intercessor para nós. “Como Ele foi ouvido?” A resposta será, de fato, dada brevemente. Ele foi ouvido, penso eu, em três aspectos. A primeira resposta graciosa que foi dada a Ele foi, que *Seu espírito foi subitamente acalmado*. Que diferença há entre “Minha alma está profundamente triste,” – Sua pressa indo de um lado ao outro, Sua repetição por três vezes, em oração, a singular inquietação que estava sobre Ele – que contraste entre tudo isto e Sua ida ao encontro do traidor com [as palavras] “Com um beijo trais o Filho do homem?” Como um mar agitado antes, e agora tão calmo quanto quando Ele mesmo disse, “Aquiete-se! Acalme-se!” e as ondas se aquietaram [Marcos 4:39]. Vocês não conhecerão paz tão profunda quanto a que reinou no Salvador quando diante de Pilatos Ele não respondeu uma palavra sequer. Ele está calmo até o fim, tão calmo quanto se fosse o Seu dia de triunfo em vez de Seu dia de tribulação. Agora, penso eu, isto foi concedido a Ele em resposta à Sua oração. Ele teve

sofrimentos talvez mais intensos, mas Seu espírito agora estava quieto como para enfrentá-los com maior determinação. Como alguns homens, os quais quando inicialmente escutam os disparos em uma batalha são todos temerosos, mas à medida que a batalha cresce calorosa e eles estão em maior perigo, eles são tranquilos e têm domínio de si; eles estão feridos, estão sangrando, estão morrendo; mesmo assim eles estão calmos como a véspera de um verão; a onda inicial de tribulação se foi, e eles podem enfrentar o inimigo em paz – então, o Pai ouviu o clamor do Salvador, e soprou uma paz tão profunda em Sua alma, que foi como um rio, e Sua justiça como as ondas do mar.

Continuando, nós acreditamos que Ele foi atendido *por Deus tê-Lo fortalecido através de um anjo*. Nós não sabemos como isto ocorreu. Provavelmente, isto foi através do que o anjo disse, e igualmente provável é que isto foi pelo que ele fez. O anjo pode ter sussurrado as promessas; retratado diante de Seus olhos a glória de Seu êxito; esboçado Sua ressurreição; mostrou a cena de quando os Seus anjos levariam Seus carros desde ao alto para carregá-Lo ao Seu trono; recordou ante a Ele a memória do tempo de Seu advento, a perspectiva de quando Ele reinará de mar a mar, e do rio até os confins da terra; e então O fortaleceu. Ou, talvez, por meio de algum método desconhecido, Deus enviou tal poder ao nosso Cristo, que se tornou como Sansão com seus cabelos tosquiados, que recebeu, subitamente, todo o poder e majestosa energia requerida para a terrível luta. Então, Ele andou para fora do jardim não mais como um verme, nem como homem, mas fortalecido com invisível poder que O tornou um digno combatente contra todos os exércitos que estavam ao seu redor. Uma tropa O subjugou, como Gade na antiguidade, mas Ele triunfou no final. Agora Ele pode entrar pelo meio de uma tropa; agora Ele pode saltar uma muralha [Salmo 18: 29]. Deus enviou força do alto pelo Seu anjo, e fez forte o Cristo homem para a batalha e para a vitória.

E acredito que podemos concluir dizendo que Deus O ouviu ao concedê-Lo agora, não apenas força, *mas uma vitória real sobre Satanás*.

Eu não sei se o que Adam Clarke supõe é correto, de que no jardim Cristo pagou a maior parte do preço em relação ao que Ele fez inclusive na cruz; mas, estou muito convencido de que são muito insensatos aqueles que atingem tal refinamento que pensam que a expiação foi realizada na cruz, e em mais em nenhum outro lugar. Nós acreditamos que a expiação foi feita tanto no jardim quanto na cruz; e parece-me que no jardim uma parte da obra de Cristo foi finalizada, completamente finalizada, e esta foi o Seu conflito com Satanás. Eu compreendo que agora, Cristo tem que suportar mais a falta da presença do Seu Pai e os ultrajes do povo e dos filhos dos homens, do que as tentações do maligno. Eu creio que estas foram finalizadas quando Ele levantou [depois de estar] de joelhos em oração, quando Ele elevou-se do chão onde marcou o Seu rosto na terra com gotas de

sangue. A tentação de Satanás havia, enfim, terminado, e Ele poderia ter dito em relação a esta parte da obra: “Está consumado; a cabeça do dragão é esmagada; Eu o venci”. Talvez nestas poucas horas que Cristo passou no jardim, toda a energia dos agentes da iniquidade foi concentrada e dissipada. Talvez, neste conflito, tudo o que a astúcia poderia inventar, tudo o que a malícia podia idealizar, tudo o que a prática infernal poderia sugerir, foi provado em Cristo, estando o Diabo livre de suas correntes para este propósito, tendo Cristo entregue a ele, como Jó o foi, para que ele pudesse tocá-IO em Seus ossos e em Sua carne, sim, tocá-IO em Seu coração e alma, e maltratar o Seu espírito. Pode ser que cada Diabo no inferno e cada demônio do abismo foi convocado, cada um dar vazão ao seu próprio ódio e para derramar suas energias reunidas e malícia sobre a cabeça de Cristo. E ali Ele permaneceu, e Ele poderia ter dito, ao levantar-se, para enfrentar o próximo adversário, um demônio em forma humana, Judas: “Eu vim neste dia de Bozra, com vestes tintas de Edom; Eu pisei sobre os meus inimigos, e os venci de uma vez por todas; agora eu vou suportar os pecados dos homens e a Ira de meu Pai, e finalizar o trabalho que Ele deu-me a fazer” [Isaías 63:1]. Se assim foi, então Cristo foi ouvido em Seu temor reverente; Ele temia a tentação de Satanás, e foi livre dela; Ele temeu Sua própria fraqueza, e foi fortalecido; Ele temeu Sua própria inquietação mental, e foi acalmado.

O que poderemos dizer, então, em conclusão, senão esta lição. Não o disse “Tudo o que pedirdes em oração, crendo, o recebereis” [Mateus 21:22]. Então, se suas tentações alcançam as mais tremendas alturas e forças, continuem apegados a Deus em oração, e vocês prevalecerão. Pecador cuidadoso! Este é um consolo para você. Santo atribulado! Este é um regozijo para você. A lição desta manhã é para todos e para cada um de nós—“Orem para que não caiam em tentação”. Se estivermos em tentação, peçamos que Cristo ore por nós para que nossa fé não falhe, e quando passarmos pela tribulação, esforcemo-nos para fortalecer nossos irmãos, como Cristo nos fortaleceu neste dia.

[Adaptado de The C. H. Spurgeon Collection, Version 1.0, Ages Software. Veja todos os 63 volumes de sermões CH Spurgeon em Inglês Moderno, e mais de 525 traduções em espanhol, acesse: www.spurgeongems.org

A Paixão de Cristo*

Thomas Adams

“[Ele] se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave” (Efésios 5:2b)

Esta última parte do versículo é um claro e vívido crucifixo, talhado pela mão do mais primoroso escultor – não para maravilhar nossas aparências corporais com um pedaço de madeira, cobre, ou pedra, curiosamente gravado para o aumento de uma devoção carnal; mas para apresentar ao olho de nossa consciência a penosa paixão e graciosa compaixão de nosso Salvador Jesus Cristo, que *“entregou a si mesmo por nós”*. Este crucifixo apresenta ao olho de nossa consciência sete consideráveis circunstâncias. Os pontos encontram-se como prontos para o nosso sermão como o caminho de Betânia para Jerusalém: aquele que entrega, o que entrega, o que é entregue, entregue a quem, para quem, por quem, a maneira da entrega, [e] o efeito da dádiva.

I. QUEM: A pessoa que entrega é *Cristo*. A qualidade de Sua Pessoa altamente recomenda o Seu superabundante amor por nós.

A. Ascensão: Nós ascenderemos a esta consideração por quatro degraus ou níveis e descenderemos por quatro outros. Em ambos, indo acima e indo abaixo, nós perceberemos o admirável amor do doador.

1. Nós O consideraremos um homem: “Eis aqui o homem” (João 19:5), disse Pilatos. Nós podemos permanecer e nos admirar em Seu mais baixo degrau que um homem possa entregar a si mesmo para outro homem. “Porque apenas alguém morrerá por um justo” (Romanos 5:7). Mas este Homem deu a Si mesmo por homens injustos, para morrer não uma comum, mas uma penosa morte, expondo a Si mesmo à Ira de Deus [e] à tirania de homens e demônios. Deveria apiedar os nossos corações por ver um pobre animal mudo tão aterrorizado; quanto mais o Homem, a imagem de Deus!

2. O Segundo degrau de Sua entrega, um homem inocente. Pilatos poderia dizer: “Eis que, examinando-o... nenhuma culpa... acho neste homem”; não, nem mesmo Herodes. Não,

* Texto originalmente editado por Chapel Library, 2603 West Wright St., Pensacola, Florida 32505, USA. Edição Nº 226, “Christ Upon The Cross”, páginas 25 -39. Fonte: ChapelLibrary.org | Título Original: “The Passion Of Christ”

nem o Diabo, que poderia ter tido certo contentamento com uma tal vantagem. Assim, a esposa de Pilatos enviou ao seu marido a palavra: “Não entres na questão desse justo” (Mateus 27:19). Assim, a Pessoa não é apenas um homem, mas também um homem justo que entregou a Si mesmo para suportar tais horrores por nós. Se nós nos apiedamos da morte de malfeitores, como deveria ser a nossa compaixão para com um inocente!

3. No terceiro degrau, Ele não é apenas um homem e um bom homem, mas também um grande homem – desce da realeza dos antigos patriarcas e reis de Judá. Pilatos escrevera Seu título, e ele responderia: “O que escrevi, escrevi”, [e] não o alteraria. E qual era aquele? “Jesus Nazareno, o *Rei dos Judeus*” (João 19:19). Agora, como é a pessoa, assim é a paixão: o mais nobre doador, a mais excelente dádiva. Aquele tão grande Rei sofreria tal desprezo e descrédito a serem lançados sobre Ele, quando a menor parte de Sua desgraça teria sido muito para um homem de condição inferior; aquele homem, um bom homem, um grande homem, sofreu tal calúnia, tal calamidade, por nossa causa – aqui foi um incomparável, um inefável amor.

4. Isto é o suficiente, mas não é tudo. Ainda há um maior degrau a subir. É este: Ele era mais do que um homem – não apenas o maior dos homens, sim, *maior do que todos os homens*. Ele era mais do que o Filho do homem; [Ele era] o próprio Filho de Deus. Como o centurião reconheceu: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (Marcos 15:39). Aqui estão todos os quatro degraus para cima: um homem, um homem inocente, um homem principesco, e ainda mais do que um homem – mesmo o próprio Deus. Salomão foi um grande rei, mas aqui está [Alguém] maior do que Salomão. Salomão foi *Christus Domini*, mas aqui está *Christus Dominus*. Aquele era o ungido do Senhor, mas este é o Senhor Ele mesmo ungido. E aqui todas as línguas silenciam, e a admiração sela cada lábio. Este é um profundo som fora do alcance. Você pode, talvez, sonolentemente ouvir isto e ser afetado friamente por isto, mas, deixe-me dizer; principados e potestades, anjos e serafins, ficam maravilhados diante disto.

B. Descida: Nós vemos a ascensão. Deveremos nós trazer à baixo novamente esta consideração por tantos degraus?

1. Considerem-nO, Deus Todo-Poderoso, tomando sobre Si a natureza humana. Este é o primeiro degrau de descida. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:14). E “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gálatas 4:4). Isto foi feito por revestir-se de nossa natureza, não por retirar a Sua própria. A Humanidade é unida à Divindade, mas a Divindade não é desassociada de si mesma. Ele é tanto Deus quanto homem, ainda assim, apenas um Cristo: um, não por confusão de substância, mas por unidade de Pessoa. Agora, nisto este eterno Deus tornou-se homem, Ele sofreu mais do que um homem pode sofrer,

seja vivendo ou morrendo. Que o homem pudesse ter se tornado em um animal, em um verme, em pó, em nada, não é tão grande depreciação quanto que o Deus glorioso pudesse se tornar em homem. Ele que “não teve por usurpação ser igual a Deus... fazendo-se semelhante aos homens” (Filipenses 2:6-7). Ele que herdou “mais excelente nome do que” os anjos, tornou-se menor do que os anjos (Hebreus 1:4). Mesmo o resplendor da glória de Deus assume nEle a baixeza de nossa natureza; e Ele que estabeleceu as fundações da terra e fez o mundo está agora no mundo feito por Ele mesmo. Este é o primeiro degrau de descida.

2. O Segundo degrau o conduz ainda mais baixo. Ele é feito homem; mas que homem? Deixem-nO ser o monarca universal do mundo e ter a fidelidade e reverência devidas a Ele por todos os reis e imperadores como Seus vice-reis. Deixem-nO andar sobre coroas e cetros, e deixem príncipes comparecem em Sua corte – aqui havia alguma majestade que podia, um pouco, tornar ao Filho de Deus. Não semelhante conteúdo: “[Ele] tomou [sobre Si] a forma de servo” (Filipenses 2:7). Ele nos instrui a humildade por Seu próprio exemplo. “Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mateus 20: 28). [Oh, Israel] “mas me deste trabalho com os teus pecados” (Isaías 43:24). Ele entregou a Si mesmo como um servo, não como um mestre. Ele que é o Filho de Deus é feito servo do homem. Orgulhosamente cego e cegamente miserável homem, que tu possas ter tal servo como o Filho do teu Criador. Este é o segundo degrau de descida.

3. Isto ainda não é baixo o suficiente. “Mas eu sou verme, e não homem” (Salmos 22:6), disse o Salmista sobre Sua Pessoa – sim, a vergonha dos homens e desprezado do povo. Ele é chamado de o Rei da Glória: “levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória” (Salmos 24:7). Mas Isaías diz: “Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens... era desprezado, e não fizemos dele caso algum” (Isaías 53:3). Oh, a piedade de Deus que aqueles dois pudessem vir tão próximos conjuntamente: o Rei da glória e o desprezo dos homens – a mais nobre majestade, a mais amorável humildade. Assim diz o apóstolo: “[Ele] esvaziou-se a si mesmo” (Filipenses 2:7). Ele que requer toda a honra como apropriadamente devida a Ele fez a si mesmo não de pouca, mas de nenhuma reputação.

Aqui havia desalento; sim, aqui havia rejeição. Deixem-nO ser colocado em Seu pobre berço, os Belemitas O rejeitaram – a manjedoura deve servir, [não havia] nenhum quarto para Ele na hospedaria. Sim, “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11). Todo o Israel é mui quente para Ele; Ele se apraz em voar para o Egito por proteção. Veio Ele a Jerusalém, a qual Ele honrou com Sua presença, instruiu com Seus sermões, maravilhou com Seus milagres, molhou e orvalhou com Suas lágrimas? Ele O rejeitaram! “Quis eu... tu não quiseste” (Mateus 23:37). Veio Ele a Sua parentela? Eles O ridicularizaram e difamaram, como se eles estivessem com vergonha de Sua aliança. Veio

Ele aos Seus discípulos? Eles “tornaram para trás, e já não andavam com ele” (João 6: 66). Permanecerão ainda os Seus discípulos com Ele? Então eles dizem: “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (João 6:68). Ainda assim, por fim, um O traiu, outro O negou, todos O abandonaram! E Jesus é deixado sozinho em meio aos Seus inimigos. Pode a malícia ainda adicionar algum agravante a mais a Sua depreciação? Sim, eles O crucificaram com os malfeitores; a qualidade de Sua companhia é feita para aumento de Sua desonra. Em meio aos ladrões, como se fosse o príncipe dos ladrões, disse Lutero, Ele que “não teve por usurpação ser igual ao [santíssimo] Deus”, é feito igual a ladrões e assassinos; sim, como se fosse, um capitão dentre eles. Este é o terceiro degrau.

4. Mas nós devemos ir ainda mais baixo. Contemplem agora o mais baixo degrau e a maior rejeição. “O Senhor me afligiu, no dia do furor da sua ira” (Lamentações 1:12). “Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Isaías 53:10). Nenhum fardo parece pesado quando os consolos de Deus ajudam a carregá-lo. Quando Deus da consolo, a vergonha produz apenas ofertas e ataques inúteis. Mas agora, por rejeição de tudo anterior, o [Pai] vira as Suas costas para Ele como um estranho; o [Pai] O fere como a um inimigo. [Jesus] brada: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Salmos 22:1). Como pode o sol e estrelas, céu e terra, permanecerem enquanto o seu Criador assim queixa-se! O degrau anterior era profundo; Ele foi crucificado com iníquos, contado entre os ímpios. Ainda ladrões obtiveram melhor morte do que Ele. Nós não encontramos zombaria, nem insultos, nem provocações, nem ofensas contra eles. Eles não tinham nada sobre ele senão a dor; Ele [teve] tanto a desprezo quanto tormento [também]. Se desprezo e escárnio podem maltratar a Sua boa alma, Ele deverá tê-los em estrondos de artilharia atirados contra Ele. Mesmo o mais vil inimigo dará isto; Judeus, soldados, perseguidores, sim, padecentes malfeitores, não poupam escarnecer dEle. Seu sangue não pode satisfazê-los sem Sua reprovação. Os discípulos são apenas homens fracos, os Judeus apenas cruéis perseguidores, os demônios apenas inimigos maliciosos; todos estes fazem apenas o seu tipo. Mas o mais baixo degrau é [que] Deus O abandonou; e em Seus sentimentos, Ele é esquecido do Altíssimo. Pesem todas estas circunstâncias, e vocês verdadeiramente contemplarão a Pessoa que deu a Si mesmo por nós.

II. O QUE: Nós chegamos à ação. Dar é o argumento de uma disposição livre. “[Eu] dou a minha vida... Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la” (João 10:17-18). Ele que dá a vida *para nós* desiste de Sua própria vida *por nós*. Ele não vende, coloca, deixa, ou empresta, mas *dá*. Ele foi oferecido por que Ele seria oferecido... Ele veio com voluntariedade e celeridade; nenhuma resistência humana poderia impedi-Lo. Nem os cômoros de nossas menores enfermidades,

nem as montanhas de nossas mais grosseiras iniquidades, poderiam parar a Sua misericordiosa marcha em nossa direção.

Ele deu a Sua vida; quem poderia priva-Lo disto? Para todas as forças armadas do sumo sacerdote Ele oferece apenas um confronto verbal: “Eu Sou” (João 18:5-6), e elas se retiram e recuam; Sua própria respiração dispersou a todos eles. Ele poderia tão facilmente ter ordenado fogo do céu para consumi-los ou vapores da terra para sufoca-los; Ele que controla demônios poderia facilmente ter dominado os homens. Mais do que doze legiões de anjos estavam à sua volta, e cada anjo habilitado a conquistar... homens. Ele dá a [Seus inimigos] a permissão para toma-Lo, sim, poder para mata-Lo; de Si mesmo é este poder que O apreende. Mesmo enquanto Ele permanece desprezado diante de Pilatos, ainda Ele o diz: “Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado” (João 19:11). Sua própria força O conduz, não os Seus adversários. Ele poderia ter sido libertado, mas Ele não quis... A perda de Sua vida era necessária, ainda isto era também voluntário; desta forma Ele entregou o espírito. Apesar de todo o mundo, Ele poderia ter mantido a Sua alma junto ao Seu corpo, [mas] Ele não quis... O homem não poderia retirar o Seu espírito; portanto, Ele o entregou... Ele voluntariamente sofreu a morte; do contrário, Ele não teria sido tão bem afetado como mártir comum. Mas Ele orou por três vezes: “passa de mim este cálice”... Mas... Ele voluntariamente submeteu a Si mesmo a beber deste cálice: “Pai... não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres”... Assim, Cristo, pela força de Sua vontade natural, temeu a morte; mas pela Sua razão, percebendo que o corte, ferida, crucificação da Cabeça traria saúde para todo o corpo de Sua Igreja, e que ou Ele deve sangrar sobre a cruz ou nós devemos todos queimar no inferno – contemplem agora Ele voluntaria e alegremente entregando a Si mesmo em oferta e sacrifício a Deus por nós.

Mas foi uma mera morte temporal que nosso Salvador temeu? Não. Ele viu a intensa ira de Seu Pai e desta forma temeu. Muitos homens resolutos não têm um pouco de receio; diversos mártires suportaram surpreendentes tormentos com magnanimidade. Mas agora, quando Ele que lhes deu força estremece diante da morte, deveríamos dizer que Ele foi um covarde? Ai de mim, aquilo que teria oprimido o homem não poderia fazê-Lo estremecer; aquilo que Ele temeu, nenhum homem mortal, senão Ele mesmo já sentiu; ainda assim, Ele temeu.

O desespero de muitos milhares de homens não era tanto como para Ele temer. Ele viu aquilo que ninguém viu: *a ira de um Deus infinito!* Ele perfeitamente percebeu a causa do medo: nosso pecado e tormento. Ele viu o fundo do cálice: quão amarga e turva era cada gota deste frasco. Ele verdadeiramente compreendeu o fardo que nós fazemos leve; os homens não temem o inferno porque eles não o conhecem. Se eles pudessem ver através das portas abertas de horrores insuportáveis daquele abismo, tremendo e estremeçando

seguiriam como uma malária através de seus ossos. Este insuportável peso Ele viu: que a esponja de vingança deve ser torcida por Ele, e Ele deve sugá-la até a última e menor gota. Cada talento de nossas iniquidades deve ser colocado sobre ele, até, como “se aperta um carro cheio de feixes” (Amós 2:13). E com toda esta pressão, Ele deve montar em Sua carruagem de morte – na cruz – e ali suportá-la até que o apaziguado Deus ceda a uma conclusão: “Está consumado” (João 19:30).

O filósofo poderia dizer que um homem sábio miserável é mais infeliz do que um tolo [que é] miserável porque ele compreende a sua miséria. [Da mesma forma,] as dores de nosso Salvador foram agravadas pela plenitude de seu conhecimento. Não maraviha, então, Se ele pudesse justamente tomar as palavras de Davi fora de sua boca: “Enquanto sofro os teus terrores, estou perturbado” (Salmos 88:15). Este pensamento atraiu dEle aquelas [gotas] de sangue (Lucas 22:44). Seus olhos tinham anteriormente chorado por nossos delitos; todo o Seu corpo agora chora – não um leve orvalho, mas Ele transpira sólidas gotas de sangue. Os espinhos, açoites e cravos buscam o sangue dEle, mas não com tanta dor quanto este suor. A violência exterior inclinou sobre aquelas; estas, o extremo de Seu pensamento perturbado. Aqui, então, foi a Sua causa de medo: Ele viu nossa destruição eterna, se Ele não sofresse. Ele viu os horrores que Ele deveria sofrer para nos resgatar, por isso aqueles gemidos, lágrimas, choros, e suor – ainda Seu amor conquistou tudo. Por natureza, Ele poderia ter evitado voluntariamente este cálice. Por causa do amor para conosco, Ele tomou-o em uma mão disposta. Assim Ele propôs, assim Ele realizou. E agora para testemunhar o Seu amor, diz o meu texto, ele livremente entregou.

III. POR QUEM

A. Quem não é. Esta é a terceira circunstância, a dádiva: Ele mesmo. Não *um anjo*, pois, um anjo não pode suficientemente mediar entre uma natureza imortal ofendida e uma natureza mortal corrompida. Os anjos gloriosos são benditos, mas finitos e limitados e, portanto, inábeis para esta expiação. Eles não podem tão sensivelmente “compadecer-se das nossas fraquezas” (Hebreus 4:15), como Aquele que estava em nossa própria natureza, em tudo tentado como nós somos, mas sem pecado.

Nem *santos*, pois eles não têm mais óleo do que servirá às suas próprias lâmpadas: eles têm o suficiente para si mesmos, e não *de si mesmos* – [ou seja] tudo de Cristo, mas [não há] nada de sobra. Insensatos chorarm: “Dai-nos do vosso azeite”. [Os santos] respondem: “Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós” (Mateus 25:9). Eles não poderiam [ser] propiciação pelo pecado, [aqueles que] eram eles mesmos culpados do pecado e por natureza passíveis de condenação. Miseráveis

idólatras, que creditam esta honra neles contra as suas vontades; como eles abominariam tal sacrílega glória!

Nem os *ricos do mundo*: “Não com coisas corruptíveis, como prata ou ouro” (1 Pedro 1:18). Fosse as riquezas do velho mundo reunidas às riquezas do novo mundo; estivessem todos os veios minerais da terra esvaziados de seus metais puros, este pagamento não seria vigente a Deus – custará mais para redimir almas. “Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas, Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele” (Salmos 49:7)...

Nem por sangue de bodes e bezerras (hebreus 9). Ai! Aqueles sacrifícios da lei eram apenas demonstrações embotadas, as meras figuras desta oblação, misticamente apresentando à sua fé no “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Este Cordeiro foi prefigurado nos sacrifícios da Lei e agora apresentado nas [ordenanças] do Evangelho, morto de fato, desde o princípio do mundo. Quem tinha o poder de nos beneficiar antes que Ele fosse – Ele mesmo um ser humano? Nenhum destes serviriam.

Quem entregou a Ele então? Ele mesmo, Aquele que era tanto Deus quanto homem; que assim participando de ambas as naturezas, nossa mortalidade e imortalidade de Deus, Ele pode ser um perfeito mediador. Ele veio entre os homens mortais e Deus imortal, mortal com os homens e somente como Deus. Como homem Ele sofreu, como Deus Ele satisfez; como Deus e homem Ele salvou. Ele entregou a Si mesmo: Ele mesmo totalmente e Ele mesmo, somente.

B. Ele mesmo totalmente: Ele mesmo todo, Toda a Sua pessoa, alma e corpo, divindade e humanidade. Embora a Divindade não pudesse sofrer, ainda assim em relação à união pessoal das duas naturezas em um Cristo, a Sua própria paixão é atribuída de alguma maneira a Divindade. Por isso, é chamado de “sangue de Deus” (Atos 20:28) e “o Senhor da glória” é dito “ser crucificado” (1 Coríntios 2:8). A distinção escolar aqui torna tudo simples. Ele entregou todo o Cristo, embora não tudo de Cristo; como Deus apenas Ele não poderia, como homem apenas Ele não poderia, fazer esta satisfação por nós. A Deidade é impassível; ainda assim, isto seria impossível sem esta Deidade para a grande obra de nossa salvação ser lavrado. Se alguém perguntar como a humanidade sofreria sem violência à Divindade, estando unidos em uma pessoa, permita-o compreender isto através de uma comparação familiar. Os raios de sol brilham sobre uma árvore, o machado corta a árvore, ainda assim não pode ferir os raios do sol. Desta forma, a Divindade ainda permanece ilesa, apesar de o machado da morte ter [cortado] abaixo a humanidade. Seu corpo sofreu ambos, o sofrimento e a espada; Sua alma [sofreu] tristeza, não a espada;

Sua deidade não [sofreu] nem tristeza, nem a espada. A Divindade estava em pessoa aflita, ainda que não em dor.

C. Ele mesmo, somente. Ele entregou a Si mesmo, somente, sem companheiro ou consolador.

1. Sem um companheiro que pudesse compartilhar ou a Sua glória ou os nossos agradecimentos, ambos pelos quais Ele é justamente zeloso. Os sofrimentos de nosso Salvador não necessitam de ajuda... Não, “sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1 João 1:7) – Seu sangue e Seu apenas. Oh, bendito Salvador, cada gota de Teu sangue é capaz de resgatar um mundo crente.

E então? Será preciso a ajuda de homens? Como é Cristo, o Salvador perfeito, se qualquer ato de nossa redenção é deixado para o desempenho de santo ou anjo? Não, as nossas almas devem morrer se o sangue de Jesus não puder salvá-las. E seja qual for o erro espiritual [que] possa disputar pelos méritos dos santos, a consciência angustiada brada: “Cristo, e ninguém senão Cristo!... Cristo, e Cristo somente; Jesus, e apenas Jesus; misericórdia, misericórdia, perdão, consolo, por causa de nosso Salvador!” “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12).

2. *Sem um consolador.* Ele estava tão longe de ter um participante de Sua paixão que Ele não tinha ninguém que em compaixão de alguma maneira pudesse aliviar Suas dores. A compaixão é apenas um pobre consolo da calamidade, ainda assim, mesmo aquela era ausente. “Não vos comove isto a todos vós que passais pelo caminho?” (Lamentações 1:12). É tão doloroso o sofrimento para Cristo, e não é nada para você? [É a sua piedade] um assunto não merecedor de sua recompensa? O homem naturalmente deseja e espera a facilidade; se ele não pode ser entregue, ainda [ele deseja] ser compadecido. “Compedeei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me tocou” (Jó 19:21). Cristo pode fazer aquele pedido de Jó, mas em vão: não havia ninguém para consola-Lo, ninguém para se compadecer dEle. Isto é ainda uma pequena mistura de frescor, se outros forem tocados com um senso de nossa miséria; em seus corações, eles desejam-nos bem e poderiam dar-nos consolo se pudessem. Mas Cristo não teve em Seus mais pesarosos sofrimentos algo como um consolador.

Os mártires lutaram valentemente sob o estandarte de Cristo, porque Ele estava com eles para confortá-los. Mas quando Ele sofre, nenhum alívio é permitido. Os mais cruéis tormentos encontram algum alívio no suporte de amigos e consolos. Cristo, depois de Seu singular combate com o Diabo no deserto, tinha anjos para atendê-Lo. Em Sua agonia no

jardim, um anjo foi enviado para confortá-Lo. Mas quando Ele veio para o principal ato da nossa redenção, nenhum anjo foi visto. Nenhum daqueles espíritos gloriosos pôde olhar através das janelas do céu para dar-Lhe qualquer alívio. E se eles [desejavam consolar a] Ele, eles não poderiam – quem pode levantar-se onde o Senhor lançar-se-á para baixo? Que cirurgião pode sarar os ossos que o Senhor tem quebrado? Mas sua mãe e outros amigos estavam perto, vendo, suspirando, chorando. Ai! O que fizeram aquelas lágrimas, senão aumentar o Seu sofrimento?

De quem então Ele deve esperar consolo? Dos Seus apóstolos? Ai! Eles fugiram. Recear o seu próprio perigo abafou a sua compaixão quanto à Sua miséria. Ele poderia dizer como Jó: “todos vós sois consoladores molestos” (Jó 16:2). De quem, então? Os judeus eram Seus inimigos, e rivalizavam com os demônios em impiedade. Não, mesmo o Pai está irado, e Aquele que uma vez disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:17), agora está furioso. Ele esconde o Seu rosto de [Cristo], mas coloca Sua pesada mão sobre Ele e O esbofeteia com angústia. Assim, [Cristo] entregou a Si mesmo, e somente a Si mesmo, para a nossa redenção.

IV. PARA QUEM: Para Deus, e esta é a quarta circunstância. A quem Ele deve oferecer este sacrifício de expiação, senão para Aquele que foi ofendido? – e este é Deus: “Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que é mal à tua vista” (Salmos 51:4). “Pai, pequei contra o céu e perante ti” (Lucas 15:21). Todos os pecados são cometidos contra Ele. Sua Justiça está descontente e deve ser satisfeita. Com o que e [com] quem Deus está irado? – com pecados e conosco, e conosco pelo pecado. Em Sua justa ira, Ele deve ferir – mas a quem? Em Cristo não há pecado. Agora Deve Deus fazer como Anás ou Ananias? “Se falei mal”, disse Cristo, “dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres?” (João 18:23). Assim, Paulo a Ananias: “Deus te ferirá, parede branqueada; tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir?” (Atos 23:3). [Da mesma forma] Abraão suplicou a Deus: “Não faria justiça o Juiz de toda a terra?” (Gênesis 18:25) – especialmente justiça ao Seu Filho, e para aquele Filho que O glorificou na terra e a Quem Ele tem agora glorificado no céu. Nós devemos buscar a resposta a partir da profecia de Daniel: “será cortado o Messias, mas não para si mesmo” (Daniel 9:26). Não para Si mesmo? Para quem, então? Para a solução disto, devemos passar para o quinto ponto; e nós encontraremos

V. POR QUEM: *Para nós.* Ele tomou sobre Si mesmo a nossa pessoa. Ele tornou-se fiador por nós. E, eis! Agora, a conduta da justiça pode proceder contra Ele! Ele que vai se tornar um fiador e tomará sobre Si a dívida deve ser capaz de pagá-la. Assim, este Cordeiro inocente deve ser feito um sacrifício. “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por

nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). Sete vezes, em três versículos, a promessa de Isaías apregoa isto: nós, nossos, nos (Isaías 53:4-6). Nós todos éramos enfermos, gravemente enfermos; cada pecado era uma doença mortal. “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades”, disse o profeta. Ele foi o nosso médico – um grande médico. Todo o mundo estava enfermo de morte e, portanto, precisava de um poderoso médico. Então, Ele foi, e [Ele] tomou uma estranha conduta para nossa cura, a qual não foi dando-nos remédio, mas tomando o nosso remédio por nós. Outros pacientes tomam a porção prescrita; mas nosso Médico bebeu a porção Ele mesmo, e assim, nos recuperou.

Ele que não tinha motivo para sofrer por Ele mesmo, sofreu *por mim*. Oh, Senhor Jesus, Tu sofreste não a tua própria, mas as minhas feridas. Tão monstruosos eram os nossos pecados que a mão da Justiça eterna estava pronta a nos atacar com um golpe mortal. Cristo, em Sua própria Pessoa se pôs de pé entre o golpe e nós e suportou por um tempo, o que poderia ter nos abatido para sempre. Nós fizemos mau uso da imortalidade que tínhamos para nossa morte; Cristo usou a mortalidade que Ele tinha para nossa vida. Ele nos amou, [ainda que nós] éramos Seus completos inimigos. Aqui, então, foi o amor sem limites, além da imitação. “Inefável misericórdia”, diz Bernardo [de Claraval] “que o Rei da glória eterna renderia a Si mesmo para ser crucificado por um tão pobre miserável, sim, um verme; e isto não um verme amável, não um verme vivo; pois nós tanto odiávamos a Ele e dEle, quanto estávamos mortos em delitos e pecados”... O sacrifício de Cristo foi tão docemente temperado: tanto sangue foi derramado pelo o camponês no campo quanto pela príncipe na corte. O [chamado] da salvação é geral: “os que dentre vós temem a Deus, [e operam justiça], a vós vos é enviada a palavra desta salvação” (veja Atos 13:26). Como não há isenção da maior miséria, assim não há isenção da mínima misericórdia. Aquele que não crer e se arrepender será condenado, seja ele tão rico; aquele que o faz; seja ele tão pobre, será salvo.

Este ponto do crucifixo, “para nós”, exige mais pontual meditação. Tudo o que deixamos não dito, não devemos ocultar disto. Pois, de fato, isto conduz o texto familiar a nós, mesmo dentro de nossas consciências, e fala efetivamente a todos nós: a mim que falo e a vocês que ouvem, com esta aplicação do profeta: “Tu és este homem” (2 Samuel 12:7). Nós somos aqueles por causa de quem nosso bendito Salvador foi crucificado. Por nós, Ele suportou as dores atrozes; por nós, para que nunca possamos prová-las. Portanto, nós dizemos com aquele Pai da [Igreja]: “Deixem-No ser fixado sobre todo o vosso coração, Aquele que por vós foi fixado na Cruz”.

A. As finalidades pelas quais Cristo morreu na cruz. Nós devemos considerar os usos que fazemos disto pelas finalidades para as quais Cristo o realizou. Isto serve para salvar, para mover, e para nos mortificar.

1. Para nos salvar: Este era o Seu propósito e realização: tudo o que Ele fez, tudo o que Ele sofreu, foi para nos redimir. “Pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:5). Pelo Seu suor, nós somos refrigerados; por Seus sofrimentos, nós somos alegrados; por Sua morte, nós somos salvos. Pois ainda naquele dia, o qual era para Ele o dia mais difícil que jamais um homem suportou, foi para nós “o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação” (2 Coríntios 6:2). O dia foi mal em relação aos nossos pecados e Seus sofrimentos; mas, afinal, em relação ao que Ele pagou e o que Ele comprou, [foi] um dia bom, o melhor dia, um dia de alegria e júbilo.

Mas se esta salvação é operada para nós, ela deve ser *aplicada* a nós, sim, para cada um de nós. Por que alguns recebem mais benefício por Sua paixão do que outros, não é culpa dEle que foi submetido a isto, mas daqueles que não se comprometem a aplicá-la às suas próprias consciências. Não devemos apenas acreditar na letra deste texto; mas deixe que cada um tome um punhado deste feixe e coloque-o em seu próprio seio, assim, tornando *para nós* em *para mim*. Como Paulo: “vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual *me* amou, e se entregou a si mesmo por *mim*”. Bendita fé, que no plural, *nós*, coloca na alma singular, *mim*. Cada um é rebelde, culpado e condenado pela Lei suprema; a morte espera para nos prender e a condenação para nos receber. O que devemos fazer, senão orar, suplicar, implorar, chorar, até que possamos obter o nosso perdão selado no sangue de Jesus Cristo e cada um encontrar um seguro testemunho em sua própria alma de que Cristo se entregou por *mim*.

2. Isso deve *nos mover*. Foi tudo isso feito por nós, e não não devemos ser comovidos? “Não vos comove isto... Atendei, e vede, se há dor como a minha dor” (Lamentações 1:12). Toda a Sua Agonia, Seus brados, lágrimas, gemidos e dores foram por nós. Deve Ele, então, sofrer por nós, e devemos nós não sofrer por nós mesmos? Por nós mesmos, eu digo, não tanto por Ele. Permitam que Sua paixão nos mova à compaixão, não por Seus sofrimentos (ai! Nossa piedade não pode Lhe fazer bem nenhum), mas por nossos pecados, os quais causam [sofrimentos]. “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos” (Lucas 23:28). Por nós mesmos: não por Seus sofrimentos que são passados, mas nossos próprios que deveriam ter sido, e (exceto a nossa fé coloca-O em nosso lugar) serão.

Deve Ele chorar por nós, e nós não lamentaremos? Deve Ele beber tão profundamente por nós este cálice de sofrimento, e nós não devemos brindá-Lo? Porventura a ira de Deus faz o Filho bradar, e não devem tremer os servos por quem Ele sofreu? Toda criação parece sofrer com Cristo – sol, terra, pedras, sepulcros – apenas o homem, por quem Cristo sofreu tudo, não sofre nada. Porventura Sua paixão rasga o véu, despedaça as pedras, fende as rochas, sacode a terra, abre as sepulturas – e são os nossos corações mais difíceis do que

aquelas criaturas insensíveis para que não possam ser penetrados? Porventura o céu e a terra, do sol e elementos, sofrem com Ele, e isto não é nada para nós? Nós, homens miseráveis que somos, erámos os principais neste assassinato de Cristo, enquanto Judas, Caifás, Pilatos, os soldados, os Judeus, eram todos apenas os acessórios e as causas instrumentais. Podemos buscar transferir isto de nós mesmos e derivar este hediondo fato para os Judeus; mas o executor não propriamente matou o homem. Pecados, nossos pecados, eram os assassinos! De nós, Ele sofreu; e para nós, Ele sofreu. Reúnam isto em vossos pensamentos e me digam se a Sua paixão não tem motivo para nos comover.

E ainda assim os nossos corações estão tão endurecidos que nós não conseguimos suportar um sermão de uma hora sobre este grande tema. Cristo esteve muitas horas morrendo por nós; nós não conseguimos sentar uma hora para ouvir sobre isto! Oh, que nós deveríamos encontrar a falha no calor ou frio ao ouvir estes mistérios celestiais, quando Ele suportou por nós tal calor, tal suor, tal agonia, que através de Sua carne e pele, Ele suou gotas de sangue. Porventura Ele chorou lágrimas de sangue coagulado por nós, e nós não podemos chorar lágrimas de água por nós mesmos? Ai! Como morreríamos por Ele, como Ele morreu por nós, quando estamos cansados de ouvir o que Ele fez por nós?

3. Isso deve *mortificar-nos*. Cristo entregou a Si mesmo à morte por nossos pecados para que Ele pudesse nos livrar da morte e de nossos pecados. Ele veio não só para destruir o Diabo, mas para “destruir as obras do diabo” (1 João 3:8). Nem Ele retira apenas do pecado o poder de nos condenar, mas também o poder para nos governar e reinar em nós (Romanos 6:6, 12). Assim que a morte de Cristo, como responde à justiça de Deus por nossos pecados, assim deve matar em nós a vontade de pecar. Cristo sofreu em todas as partes para que em tudo nós possamos ser mortificados. Seus sofrimentos foram tão abundantes que os homens não podem saber o seu número, nem os anjos a sua natureza, nem os homens nem anjos a sua medida. Sua paixão encontrou um fim; nossas considerações não o conseguem.

B. Seu sofrimento de todas as formas por nós: em todos os momentos, em todos os lugares, em todos os sentidos, em todos os membros, no corpo e alma também. Tudo por nós.

1. Em *todos os momentos*. Em Sua infância pela pobreza e Herodes; na força dos Seus dias pelos poderes da terra, pelos poderes do inferno – sim, mesmo pelos poderes do céu. De dia, Ele não tem carne, à noite, um travesseiro. Mesmo aquele santo período da grande Páscoa é destinado para a Sua morte. Quando eles matariam o cordeiro Pascal em ação de graças, eles matam o Cordeiro de Deus com impiedade. Eles admiram a sombra, ainda assim condenam a substância. Tudo por nós, para que todos os momentos possam nos

render consolo. Assim, o apóstolo docemente [diz]: “[Ele] Que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele” (1 Tessalonicenses 5:10).

2. Em *todos os lugares*. No berço por aquela raposa (Lucas 13:32), nas ruas pelos maldizentes, no penhasco por aqueles que O teriam jogado de cabeça dali, no templo por aqueles que “pegaram em pedras para lhe atirarem” (João 8:59). Na sala do sumo sacerdote pelos golpeadores, no jardim pelos traidores, no caminho, ao carregar a Sua cruz, E por fim, no Calvário, um vil e pútrido lugar, em meio aos ossos de malfeitores crucificados. Ainda, tudo por nós para que em todos os lugares, a misericórdia de Deus possa nos proteger.

3. Em *todos os sentidos*. Para o seu paladar, eis! Ele sofreu com fel e vinagre – um gole amargo para um homem moribundo! Seu tato sentiu mais: os cravos penetrando em Suas mãos e pés, os lugares mais sensíveis à dor, sendo as partes mais resistentes do corpo. Seus ouvidos são cheios de insultos blasfêmicos que a multidão selvagem arrotou contra ele. Não Ele, mas Barrabás, eles clamaram a Pilatos, preferindo um assassino ao invés do Salvador. Vocês lerão os discursos objetuais para a Sua audição (ver Mateus 27:29, 39, 42, 44, 49)? Em tudo, considerem a sua blasfêmia [e] a Sua paciência. Para os Seus olhos, onde Ele pode direcioná-los sem espetáculos de dores? A injúria de Seus inimigos, de um lado, mostrando a sua mais extrema maldade; o choro e lamentação de Sua mãe, do outro lado, cujas lágrimas podem ferir Seu coração. Se algum sentido fora menos atingido, foi o Seu olfato – e ainda assim, os ossos putrefatos do Calvário não poderiam ter cheiro agradável.

Assim, sofreram todos os Seus sentidos. Aquele gosto que seria deleitoso com o vinho da videira que “desce docemente”, é suprido com vinagre. Ele espera por uvas boas, eis que vê “uvas bravas” (Isaías 5:4). Ele espera vinho; Ele recebe vinagre. Aquele cheiro que deveria ser refrescante com a cheirosa essência de “camas de especiarias”; a piedade de Seus santos é preenchida com o cheiro de iniquidades. Aquelas mãos que manuseiam o cetro dos céus estão fracas para carregar a cana da reprovação e suportar os cravos da morte. Aqueles olhos que eram uma “chama de fogo” (Apocalipse 1:14), em relação ao qual o próprio sol era escuridão, deve contemplar os aflitivos objetos de vergonha e tirania. Aqueles ouvidos, para fruir os elevados coristas do céu cantarem as suas notas mais doces, deve ser fatigados com as provocações e zombarias de blasfêmia.

Tudo isso por nós! Não apenas para satisfazer aqueles pecados em que os nossos sentidos se comprometeram, mas para mortificar esses sentidos e preservá-los daqueles pecados; para que os nossos olhos possam não ser mais cheios de adultérios nem lançar olhares cobiçosos sobre os bens de nossos irmãos; para que os nossos ouvidos não possam mais

dar tão ampla concessão e entradas de boas-vindas a relatos lascivos, os encantamentos de Satanás. Para que o pecado em todos os nossos sentidos pudesse ser mortificado – o veneno esgotado, o sentido purificado.

4. Em *todos os membros*. Olhem para aquele corpo bendito, concebido pelo Espírito Santo e nascido de uma virgem pura: é todo açoitado, martirizado, torturado, mutilado – que lugares você pode encontrar livres? Para começar a Sua cabeça: aquela cabeça, o qual os anjos reverenciam, é coroada com espinhos. Aquele rosto, que é “mais formoso do que os filhos dos homens” (Salmo 45:2), deve ser odiosamente cuspidos por judeus i-mundos. Suas mãos, que fizeram os céus, são estendidos e presos em uma cruz. Os pés, que pisaram no pescoço dos Seus e nossos inimigos, sentem semelhante [dor]. E a boca deve ser golpeada, a qual “falou como nunca nenhum homem algum falou” (João 7:46).

Ainda, tudo isso por nós. Sua cabeça sangrava pelas iníquas imaginações de nossas cabeças. Sua face foi suja com saliva por que nós cusparamos blasfêmias insolentes contra o céu. Seus lábios foram afligidos para que nossos lábios pudessem doravante produzir discursos temperados. Seus pés sangraram para que nossos pés não pudessem ser ligeiros para derramar sangue. Todos os Seus membros sofreram pelos pecados de todos os nossos membros – para que nossos membros não possam mais ser servos do pecado, mas “para servirem à justiça para santificação” (Romanos 6:19). Ele seria sujo com a saliva deles para que Ele pudesse nos lavar. Ele estaria com olhos vendados para que Ele tirasse o véu de ignorância de nossos olhos. Ele suportou que a cabeça fosse ferida para que Ele pudesse renovar saúde para todo o corpo.

Seis vezes, nós lemos que Cristo derramou Seu sangue: 1. Quando Ele foi circuncidado aos oito anos de idade, Seu sangue foi derramado. 2. Em Sua agonia no jardim, onde Ele suou gotas de sangue. 3. Em Sua flagelação, quando os algozes implacáveis buscaram sangue de seus lados sagrados. 4. Quando Ele foi coroado de espinhos, esses espinhos afiados feriram e atormentaram a bendita cabeça e derramou sangue. 5. Em Sua crucificação, quando Suas mãos e pés foram perfurados, o sangue jorrou. 6. Por fim, após Sua morte, “um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (João 19:34). Todos os Seus membros sangraram, para mostrar que Ele sangrou por todos os Seus membros. Nem uma gota deste sangue foi derramado por Ele mesmo, tudo [disto era] por nós: por Seus inimigos, perseguidores, crucificadores – nós mesmos.

Mas o que será de nós, se tudo isso não puder nos mortificar? Como viveremos com Cristo, se com Cristo, não morreremos (Romanos 6:8)? – mortos para o pecado, mas vivos para a justiça. Como Eliseu reviveu o filho da sunamita: “E subiu à cama e deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, e os seus olhos sobre os olhos dele, e as

suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu” (2 Reis 4:34). Desta forma, o Senhor Jesus, para nos restaurar, que estávamos mortos em nossos delitos e pecados, propagou e aplicou toda a Sua paixão a nós: coloca Sua boca de bênção sobre a nossa boca de blasfêmia; Seus olhos de santidade sobre os nossos olhos de concupiscência, e Suas mãos de misericórdia sobre nossas mãos de crueldade; e estende a Sua graciosa Pessoa sobre os nossos miseráveis “eus”, até que começamos a ficar aquecidos, a recuperar a vida, e o Espírito Santo [entra] dentro de nós.

5. Em Sua *alma*. Tudo isso foi apenas o exterior de Sua paixão. “Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora” (João 12:27). A dor corporal é apenas um corpo de dor; a própria alma do sofrimento é o sofrimento da alma. Todas as aflições exteriores foram somente fisgadas em relação àquilo que a Sua alma sofreu. “O espírito do homem sustera a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o suportará?” (Provérbios 18:14). Ele tinha um coração dentro deste sofrimento invisível, angústia desconhecida. Esta dor chamou aquele grande clamor, aquelas lágrimas amargas (Hebreus 5:7). Ele havia muitas vezes enviado os clamores de compaixão, [mas] de paixão e queixa não até agora. Ele havia chorado lágrimas de piedade, as lágrimas de amor, mas nunca antes as lágrimas de angústia. Quando o Filho de Deus, assim chora, aqui há mais do que o corpo angustiado: a alma está agonizante.

Ainda assim, tudo isso [era] por nós. Sua alma estava no lugar de nossas almas! O que elas teriam sentido se estivessem no lugar da dEle? Tudo [foi] por nós: a satisfação, o benefício. Por tua embriaguez e queda por bebidas fortes, Ele bebeu vinagre. Por tua imoderada glotonaria, Ele jejuou. Por tua preguiça, Ele exercitou a Si mesmo em dores contínuas. Tu dormes seguro; Teu salvador está, então, vigiando, observando, orando. Teus braços são acostumados a abraços lascivos; Ele por isto abraçou a rude cruz. Tu enfeitas a ti mesmo com trajes orgulhosos; Ele é humilde e modesto por isto. Tu cavalgas em pompa; Ele viaja à pé. Tu descansas em tua cama; Teu Salvador não teve um travesseiro. Tu te fartas, e Ele transpira isto fora, um suor sangrento. Tu enches e insufla a ti mesmo com uma pleurite de impiedade. Contemple a incisão feita na Cabeça por ti: Teu Salvador sangra até a morte. Agora julgue se esse ponto (por nós) não tem uma aproximada aplicação derivada deste texto com nossas próprias consciências. Visto que Cristo fez tudo isso para ti e para mim, então ore com Agostinho²: “Senhor, me dê um coração para desejar-Te, desejando por busca-Te, buscando para encontrar-Te, encontrando para amar-Te – amando, para não mais ofender-Te”.

Há duas partes principais partes desde crucifixo, ainda a manusear.

VI. A FORMA: A próxima é a *FORMA*: uma oferta e sacrifício. Toda a Sua vida foi uma oferta, a Sua morte um sacrifício. Ele entregou a si mesmo muitas vezes para nós, uma oblação eucarística, [mas apenas] uma vez um sacrifício expiatório. No primeiro, Ele fez por nós tudo o que deveríamos fazer; no último Ele sofreu por nós tudo o que deveríamos sofrer. “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24)... Assim, “agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9:26).

VII. O EFEITO: O último ponto é o *efeito* em um cheiro suave. Aqui é o fruto e eficácia de tudo. O Senhor nunca se agradou com o homem pecaminoso até aqui. Ele nunca fora tão irado, aqui está a pacificação, em cheiro suave... Nós deveríamos morrer, e Tu pagaste por isto; nós temos ofendido, e Tu és punido. Uma misericórdia sem par, um favor sem mérito, um amor sem medida. Portanto, eu concluo o meu sermão, como se nós todos encerrássemos as nossas orações, com esta única cláusula: *Por nosso Senhor Jesus Cristo*. Oh, Pai de misericórdia, aceite o nosso sacrifício de oração e louvor por Seu sacrifício de dor e mérito; ainda por amor de nosso Senhor Jesus Cristo! Amém.

O Sangue*

Charles Haddon Spurgeon

“Vendo eu sangue, passarei por cima de vós”. (Êxodo 12:13)

O POVO DE DEUS está sempre seguro. “Todos os seus santos estão na sua mão” [Deuteronômio 33:3]. E a mão de Deus é um lugar de segurança, bem como um lugar de honra. Nada pode ferir o homem que fez o seu refúgio em Deus. “Deste um mandamento que me salva” [Salmos 71:3], disse Davi – e cada filho crendo em Deus pode dizer o mesmo! Peste, fome, guerra, tempestade todos estes receberam o mandamento de Deus para salvar o Seu povo. Embora a terra deva tremer sob os pés do homem, o Cristão pode permanecer firme e embora os céus deverão ser enrolados e o firmamento deverá passar como um rolo que é queimado pelo calor ardente, entretanto um Cristão não precisa temer! O povo de Deus será salvo – se eles não podem ser salvos debaixo dos céus, eles serão salvos nos céus. Se não há segurança para eles no tempo de angústia sobre a terra sólida, serão “arreatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” [1 Tessalonicenses 4:17], e para sempre salvos! Agora, no momento em que este livro do Êxodo fala, o Egito foi exposto a um perigo terrível. O próprio Jeová estava prestes a marchar pelas ruas de todas as cidades do Egito. Não era apenas um anjo destruidor, mas Jeová, Ele próprio, porque assim está escrito: “Eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todo o primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais” [Êxodo 12:12]. Ninguém menos do que EU SOU, o grande Deus, tinha jurado “cortar Raabe” [Isaías 51.9] com a espada da vingança! Tremam, vocês habitantes da terra, porque Deus veio para baixo, para o meio de vós, provocado, indignado e finalmente despertado de Seu aparentemente sono de paciência. Ele cingiu a Sua terrível espada e Ele veio para vos ferir! Trema, por medo, todos os que têm pecado em vocês, pois quando Deus caminha pelas ruas, espada empunhada, Ele não ferirá a todos vocês?

Mas ouça! A voz da Aliança da Misericórdia fala! Os filhos de Deus estão seguros, apesar de um Deus Irado estar nas ruas. Assim como eles são salvos da vara dos ímpios, assim eles são salvos da espada da Justiça – sempre e para sempre salvos – porque não havia um fio de cabelo da cabeça de um israelita que foi tocado – Jeová os manteve seguros, sob Suas asas. Enquanto Ele fez em pedaços seus inimigos como um leão, contudo Ele protege Seus filhos, cada um deles! Mas, amados, enquanto isso é sempre verdade, que o povo de

* Sermão Nº 228. Pregado na Manhã de Domingo, 12 de Dezembro de 1858, por C. H. Spurgeon, no Music Hall, Royal Surrey Gardens. Fonte: SpurgeonGems.Org | Título Original: “The Blood”

Deus é salvo, há outro fato que é igualmente verdadeiro, ou seja, que o povo de Deus é salvo somente através do sangue. A razão pela qual Deus poupa o Seu povo no tempo da calamidade é porque ele vê a marca do sangue em sua testa. Qual é a base dessa grande verdade de Deus, que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus? Qual é a causa que todas as coisas assim produzir bem para eles, senão esta: que são comprados com o precioso sangue de Cristo? Por isso, é que nada pode feri-los, porque o sangue é sobre eles e todo o mal deve passar por eles. Foi assim naquela noite no Egito. Deus estava lá fora com Sua espada. Mas Ele lhes poupou porque viu a marca de sangue na verga da porta e sobre os dois postes laterais. E assim é com conosco. No dia em que Deus, em Sua Ira Ardente sairá do Seu lugar de habitação para assombrar a terra com terrores e condenar os ímpios, nós estaremos seguros! Se coberto com a justiça do Salvador e aspergidos com o Seu sangue, nós somos encontradas nEle!

Eu ouvi alguém dizer que estou agora a chegar ao velho tema? Este pensamento me ocorreu quando eu estava me preparando para a pregação: que eu deveria ter que dizer-lhe uma velha história outra vez. E assim como eu estava pensando nisto, acontecendo de folhear um livro, encontrei-me com uma anedota de Judson, o missionário para a Birmânia. Ele havia passado por inauditas dificuldades e havia realizado proezas perigosas para seu Mestre. Ele voltou, após 30 anos de ausência, para a América. Anunciado para falar a uma assembleia em uma cidade provincial e uma vasta multidão tendo se reunido desde grandes distâncias para ouvi-lo, ele se levantou no final do serviço habitual e, como todos os olhos estavam fixos e todos os ouvidos atentos, ele falou por cerca de 15 minutos com muita paixão do precioso Salvador, do que Ele fez por nós e daquilo que nós devíamos a Ele. E ele sentou-se, visivelmente afetado. “As pessoas estão muito desapontadas”, disse um amigo dele no caminho de casa “eles se perguntam porque você não falou de outra coisa”. “O é que eles querem?”, Ele respondeu: “Eu apresentei, com o melhor de minha capacidade, o assunto mais interessante do mundo”. “Mas eles queriam algo diferente – uma história”. “Bem, eu tenho certeza que eu dei-lhes uma história – a mais emocionante que pode ser concebida”. “Mas eles tinham ouvido antes! Eles queriam algo novo de um homem que tinha acabado de chegar de Antípodas”. “Então, eu estou contente que eles tenham dito que um homem vindo dos Antípodas não tinha nada melhor para dizer do que a história maravilhosa do que a morte amorosa de Jesus! Meu ofício é pregar o Evangelho de Cristo. E quando eu posso falar tudo, eu não me atrevo a brincar com a minha comissão. Quando eu olhei para aquelas pessoas hoje lembrei que eu iria ao encontro delas, como eu poderia me levantar e fornecer alimentos à vã curiosidade e agradar a sua fantasia com histórias divertidas, no entanto decentemente amarradas juntas em um ponto da religião? Isso não é o que Cristo quis dizer com a pregação do Evangelho. E então como eu poderia doravante atender à sua temerosa acusação: ‘Eu lhe dei uma oportunidade para dizer-lhes de mim. Você gastou ela ao descrever suas próprias aventuras!’” Então eu pensei: Bem, se

Judson contou a velha história, depois de ter estado 30 anos longe e não consegui encontrar nada melhor, eu vou apenas voltar a este assunto antigo que é sempre novo e sempre fresco para nós – o precioso sangue de Cristo, pelo qual somos salvos.

Em primeiro lugar, então, o sangue. Em segundo lugar, a sua eficácia. Em terceiro lugar, a única condição anexada a ele “vendo eu o sangue”. E em quarto lugar, uma lição prática.

I. Primeiro, então, O SANGUE EM SI. No caso dos israelitas era o sangue do cordeiro Pascal. No nosso caso, amados, é o sangue do Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo!

1. O sangue do qual eu tenho para falar solenemente nesta manhã é, antes de tudo, o sangue de uma Vítima Divinamente nomeada. Jesus Cristo não veio a este mundo sem nomeação. Ele foi enviado aqui pelo Pai. Este, aliás, é um dos fundamentos subjacentes da esperança Cristã. Podemos contar com a aceitação de Jesus Cristo por Seu Pai, porque seu Pai decretou que Ele fosse o nosso Salvador desde antes da fundação do mundo! Pecador, quando eu vos anuncio o sangue de Cristo, nesta manhã, eu estou pregando algo que é bem-gradável a Deus, pois o próprio Deus escolheu Cristo para ser o Redentor! Ele próprio o separou desde antes da fundação do mundo, e Ele mesmo, o próprio Jeová, o Pai, colocou sobre Ele a iniquidade de todos nós! O sacrifício de Cristo não é trazido a você sem mandado. Não é algo que Cristo fez clandestinamente e em segredo. Ele foi escrito no Grande decreto desde toda a eternidade, que Ele era o Cordeiro imolado desde antes da fundação do mundo. Como ele mesmo disse: “Eis aqui venho; no rolo do livro de mim está escrito. Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu” [Salmos 40:7-8 e Hebreus 10:7-9]. É a vontade de Deus que o sangue de Jesus deveria ser derramado! Jesus é o Salvador escolhido por Deus para os homens. E aqui, ao abordar o ímpio, eu digo, é um argumento forte para com eles. Pecador! Você pode confiar em Cristo, que Ele é capaz de salvá-lo da Ira de Deus, porque o próprio Deus lhe designou para salvar!

2. Cristo Jesus, também, como o Cordeiro, não foi apenas uma Vítima Divinamente nomeada, mas Ele foi impecável. Se tivesse havido um pecado em Cristo, Ele não tinha sido capaz de ser nosso Salvador. Mas Ele era sem mancha ou defeito sem pecado original, sem qualquer prática de transgressão. Nele não havia pecado, apesar de que Ele “como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” [Hebreus 4:15]. Aqui, novamente, está a razão pela qual o sangue é capaz de salvar – porque é o sangue de uma Vítima inocente, uma Vítima somente porque a causa de Sua morte estava em nós e não em Si mesmo. Quando o pobre cordeiro inocente era condenado à morte pelo chefe da família do Egito, eu posso imaginar que pensamentos como estes passaram por sua mente. “Ah”, ele dizia, assim que

ele enfiou a faca no cordeiro: “Esta pobre criatura morre, não por qualquer culpa que ele já teve, mas para me mostrar que eu sou culpado e que eu merecia morrer assim”. Vire, então, os seus olhos para a Cruz e veja Jesus lá sangrando e morrendo por você. Lembre-se – “Não por Seus próprios pecados, Ele morreu para expiar”.

O pecado não tinha ponto de apoio Nele, nunca O perturbava! O príncipe deste mundo veio e o observou, mas ele disse: “Não tenho nada em Cristo. Não há espaço para eu plante meu pé – nenhum pedaço de terra corrupto que eu possa chamar de meu”. Ó, Pecador, o sangue de Jesus é capaz de salvá-lo porque Ele era perfeitamente inocente e “porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” [1 Pedro 3:18]. Mas alguns dirão: “Por que tem o sangue de Cristo tal poder para salvar?” Minha resposta é não somente porque Deus designou esse sangue e porque era o sangue de um ser inocente e imaculado, mas porque o próprio Cristo era Deus! Se Cristo fosse um mero homem, meus ouvintes, vocês não poderiam ser exortados a confiar nEle. Ele não seria sempre tão impecável e santo, não haveria eficácia no seu sangue para salvar. Mas Cristo era “verdadeiro Deus de verdadeiro Deus”. O sangue que Jesus derramou foi sangue como de Deus. Era o sangue do Homem, pois Ele era homem como nós, mas a Divindade estava aliada à humanidade para que a eficácia do sangue se derivasse dele!

3. Você pode imaginar qual deve ser o valor do sangue de próprio e querido Filho de Deus? Não, você não pode colocar uma estimativa sobre ele que deva sequer chegar a uma milionésima parte de sua preciosidade! Eu sei que você estima este sangue como além de todo o preço, se você tiver sido lavado nele. Mas eu também sei que você não estima o suficiente. Foi a admiração dos anjos que Deus devesse condescender em morrer. Isto será a maravilha de todas as maravilhas – a maravilha incessante da eternidade – que Deus deve tornar-se homem para morrer! Ó, quando pensamos que Cristo era Criador do mundo e que sobre os Seus ombros pendia toda a sustentação do universo, nós não podemos admirar que Sua morte seja poderosa para redimir e que Seu sangue deva purificar do pecado! Vinde, Santos e Pecadores! Reúnam-se em multidão ao redor da Cruz e vejam este homem, tomado pela fraqueza, desmaiado, gemendo, sangrando e morrendo. Este homem também é “Deus sobre todos, bendito eternamente” Porventura não há poder para salvar? Não existe eficácia em um sangue assim? Você pode imaginar qualquer extensão do pecado, que deverá se mostrar maior do que o poder da Divindade – qualquer altura da iniquidade que deverá superar as alturas sem topo da Divindade? Eu posso conceber uma profundidade de pecado que deverá ser mais profunda do que o Infinito? Uma amplitude da iniquidade que deverá ser mais ampla do que a Divindade? Porque Ele é Divino, Ele “pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus” [Hebreus 7:25]. Divinamente designado; impecável e Divino – Seu sangue é o sangue pelo qual você pode escapar da do furor da Ira de Deus!

4. Mais uma vez – o sangue do qual falamos hoje é o sangue, uma vez derramado por muitos para a remissão dos pecados. O cordeiro pascal era morto a cada ano, mas agora Cristo apareceu para tirar o pecado pelo oferecimento de Si mesmo e agora não há mais nenhuma menção de pecado, pois Cristo, de uma vez por todas, tirou o pecado pela oferta de Si mesmo. O judeu sacrificava o cordeiro, todas as manhãs e cada tarde, pois havia uma menção constante do pecado. O sangue do cordeiro não poderia tirá-lo. O cordeiro servia para hoje, mas não para o pecado de amanhã – o que devia ser feito com este? Pois, uma nova vítima deveria sangrar! Mas ó, meu Ouvinte, a nossa maior alegria é que o sangue de Jesus foi derramado uma vez e Ele disse: “Está consumado”. Não há mais necessidade do sangue de touros ou de bodes, ou de qualquer outro sacrifício! Esse sacrifício foi “aperfeiçoado para sempre aos que são santificados” [Hebreus 10:14]. Trêmulo Pecador! Venha para a Cruz novamente! Seus pecados são pesados e muitos, mas a expiação por eles é completada pela morte de Cristo! Olhe, então, para Jesus e lembre-se que Cristo não precisa de nada para complementar o Seu sangue! A estrada entre Deus e o homem está acabada e aberta – o manto para cobrir a sua nudez está concluído – sem um pedaço de pano vosso! O banho no qual você está a ser lavado está completo – completamente cheio até a borda e não precisa de nada para ser adicionado. “Está consumado!” Deixe isso ressoar em seus ouvidos. Não há nada agora que possa dificultar que seja salvo, se Deus fez você está disposto agora a crer em Jesus Cristo! Ele é um Salvador completo, cheio de Graça para um pecador vazio!

5. E, no entanto, devo acrescentar mais um pensamento e, em seguida, deixar este ponto. O sangue de Jesus Cristo é o sangue que foi aceito. Cristo morreu – foi sepultado. Mas nem céu nem terra poderiam dizer se Deus havia aceito o resgate. Havia a necessidade do selo de Deus sobre a grande Carta Magna da salvação do homem e esse selo foi colocado, meu Ouvinte, naquela hora em que Deus chamou o anjo e ordenou-lhe que descesse do céu e removesse a pedra! Cristo foi colocado em confinamento vil na prisão da sepultura como refém pelo Seu povo. Até que Deus houvesse assinado o mandado de absolvição de todo o Seu povo, Cristo devia permanecer nos laços da morte. Ele não tentou sair da sua prisão. Ele não saiu de forma ilegal, por cortar as barras de sua masmorra, ele esperou – Ele guardou o lenço, dobrando-o por si só – Ele colocou as roupas da sepultura em um lugar separado. Ele esperou, esperou pacientemente. E, finalmente, desceu do céu, como o flash de um meteoro, o anjo desceu, tocou a pedra e a rolou para longe! E quando Cristo veio para fora, ressuscitando dos mortos na Glória do poder de Seu Pai, em seguida, foi o selo colocado sobre os Grandes Caracteres da nossa Redenção! O sangue foi aceito e o pecado foi perdoado. E agora, Alma, não é possível para Deus te rejeitar, se você vir no dia de hoje a Ele suplicando pelo sangue de Cristo! Deus não pode – e aqui falamos com reverência – o Eterno Deus não pode rejeitar um pecador que implora pelo sangue de Cristo – pois se Ele o fizesse, viria a negar a Si mesmo e contradizer todos os seus antigos atos!

Ele aceitou o sangue e Ele vai aceitá-lo! Ele nunca poderá revogar essa aceitação Divina da ressurreição. E se você for a Deus, meu Ouvinte, rogando simples e somente pelo sangue d'Aquela que foi pendurado no madeiro, Deus deve deixar de ser Deus antes que Ele possa rejeitá-lo, ou rejeitar esse sangue!

E ainda tenho medo de que eu não tenha sido capaz de fazer você pensar no sangue de Cristo. Rogo-vos, pois, apenas por um momento, tente imaginar por si mesmo Cristo na Cruz. Deixe sua imaginação descobrir a assembleia em volta reunida heterogénea sobre aquela pequena colina do Calvário. Levante os olhos e veja as três cruzes colocadas sobre esta colina elevada. Veja no centro da testa a coroa de espinhos de Cristo. Você vê as mãos que estiveram sempre cheias de bênçãos, pregado firmemente no madeiro maldito? Olhe para Seu rosto querido, mais desfigurado do que o de qualquer outro homem! Você O vê agora, quando Sua cabeça se curva sobre o Seu peito nas agonias extremas de morte? Ele era um homem de verdade, lembre-se. Era uma cruz real. Não pense nessas coisas como invenções, fantasias ou romances – havia um tal Ser e Ele morreu como eu O descrevi!

Deixe sua imaginação concebê-Lo e, em seguida, fique quieto um momento e medite sobre esse pensamento – “O sangue deste o Homem, a quem agora eu vejo morrendo em agonia, deve ser a minha Redenção. E se eu serei salvo, devo colocar a minha única confiança nisto, Ele sofreu por mim, quando Ele mesmo “Levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” [1 Pedro 2:24]. Se Deus o Espírito Santo deve ajudá-lo, então você vai estar em um estado correto para avançar para o segundo ponto.

II. A EFICÁCIA DESTE SANGUE. “Vendo eu sangue, passarei por cima de vós”.

1. O sangue de Cristo tem um poder tão Divino para salvar que nada senão ele pode alguma vez salvar uma alma! Se algum israelita insensato tivesse desprezado o mandamento de Deus e dissesse: “Eu vou espargir algo mais sobre os umbrais”, ou, “Eu vou adornar a verga com joias de ouro e prata”, ele teria morrido! Nada poderia salvar a sua casa, senão o sangue aspergido. E agora vamos todos lembrar que “ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” [1 Coríntios 3:11], pois “em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” [Atos dos Apóstolos 4:12]. Os meus trabalhos, minhas orações, minhas lágrimas não podem me salvar! O sangue, o sangue por si só, tem o poder de redimir! Sacramentos, por melhor que eles podem ser atendidos, não podem me salvar. Nada além de seu o sangue, ó Jesus, poderá me redimir da culpa do pecado! Embora eu desse rios de óleo e a gordura de dez mil animais cevados; embora eu desse o

meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo pelo pecado da minha alma – tudo seria inútil! Nada além do sangue de Jesus tem em si o mínimo poder de salvar. Ó, vocês que estão confiando no seu batismo infantil, em sua confirmação e Ceia do seu Senhor, você está confiando em mentiras! Nada além do sangue de Jesus pode salvar! Eu não me importo como certa ordenança, como verdadeira forma, como a prática bíblica – é tudo uma vaidade para você, se você confiar nisto. Deus me livre que eu devesse dizer uma palavra contra ordenanças, ou contra as coisas santas, mas as mantenha em seus lugares. Se você torná-los a base da salvação de sua alma, eles são mais leves do que uma sombra e quando você mais precisar delas, você deverá encontrá-las como falhas! Não há, repito-o mais uma vez, o menor átomo de poder salvífico em qualquer lugar, senão no sangue de Jesus! Esse sangue tem o único poder para salvar e qualquer outra coisa na qual você deverá confiar é um refúgio de mentira. Esta é a Rocha e essa é a obra perfeita. Todas as outras coisas são devaneios. Elas devem ser arrastadas no dia em que Deus virá para provar de que tipo são as nossas obras. O SANGUE destaca-se em majestade solitária, a única Rocha da nossa Salvação!

2. Este sangue não é simplesmente a única coisa que pode salvar, mas ele deve salvar sozinho. Coloque qualquer coisa com o sangue de Cristo e você está perdido! Confie a qualquer outra coisa com ele e você perece. “É verdade”, diz alguém, “que o sacramento não podem me salvar, mas vou confiar nele, e em Cristo, também”. Você é um homem perdido, então! Tão zeloso é Cristo de Sua honra, que qualquer coisa que você colocar com Ele, por melhor que seja, torna-se de fato o seu o que é colocado com Ele, um anátema! E o que é que você colocaria com Cristo? Suas boas obras? O quê? Você vai unir um réptil com um anjo – unir seu eu com a carruagem da salvação com Cristo? Quais são as suas boas obras? Suas justiças são “trapos de imundície”. E deverá os trapos imundos serem unidos à Justiça celestial impecável de Cristo? Não deve e nunca deverá!

Confie em Jesus somente e você não pode perecer. Mas confiar em qualquer coisa juntamente com Ele e você está tão certamente condenado como se você confiasse em seus pecados. Jesus somente – Jesus somente – somente Jesus! Esta é a Rocha da nossa Salvação! E aqui, deixe-me parar e combater algumas poucas formas e aspectos que a nossa justiça própria sempre assume. Ó, diz alguém, “eu poderia confiar em Cristo, se eu sentisse mais os meus pecados”. Senhor, isso é um erro condenável! Deve o seu arrependimento, o seu senso de pecado, ser um co-Salvador? Pecador! O sangue é que te salva, e não suas lágrimas – a morte de Cristo, e não o seu arrependimento! Está ordenado neste dia o confiar em Cristo. Não em seus sentimentos, e não em suas dores por conta do pecado. Muitos homens foram trazidos à grande aflição da alma, porque eles olhavam mais para seu arrependimento do que para a Obediência de Cristo –

*“Poderiam suas lágrimas para sempre fluir,
Poderia seu zelo nenhuma trégua conhecer –
Tudo isso seu pecado não poderia expiar,
Cristo deve te salvar e Cristo somente.*

Não, diz o outro: “mas eu sinto que eu não valorizo o sangue de Cristo como deveria e, portanto, eu tenho medo de crer”. Meu amigo, é uma outra forma insidiosa do mesmo erro! Deus não diz: “Quando eu vejo sua estima do sangue de Cristo, passarei por cima de você. Não, mas quando eu vir o sangue”. Não é a sua estima deste sangue, é o sangue que te salva! Como eu disse antes, esse magnífico, solitário sangue deve estar sozinho.

“Não”, diz outro, “mas se eu tivesse mais fé, então eu deveria ter esperança”. Isso, também, é uma forma muito mortal do mesmo mal! Você não deve ser salvo pela eficácia de sua fé, mas pela eficácia do sangue de Cristo. Não é o seu acreditar, é a morte de Cristo! Eu convido você a crer, mas não para olhar para a sua crença como a sua Salvação. Nenhum homem vai para o Céu, se ele confia em sua própria fé. Você pode muito bem confiar em suas próprias boas obras como a evidência de sua fé. Sua fé deve lidar com Cristo – não consigo mesma. O mundo paira sobre o nada – mas a fé não pode pairar sobre si mesma – ele deve pendurar-se em Cristo! Às vezes, quando minha fé é vigorosa, eu me pego fazendo isso. Há alegria que flui em meu coração e depois de um tempo eu comecei a achar que a minha alegria de repente se afastava. Eu examino as causas e encontro que a alegria veio porque eu estava pensando em Cristo. Mas quando eu comecei a pensar sobre a minha alegria, então a minha alegria fugiu – você não deve pensar em sua fé, mas em Cristo! A fé vem da meditação sobre Cristo. Vire, então, os olhos, não para a fé, mas para Jesus. Não é o seu apegar-se a Cristo que o salva – é a Seu apegar-se a você! Não é a eficácia do seu crer nEle – é a eficácia do Seu sangue aplicado a você através do Espírito.

Eu não sei como acompanhar suficientemente a Satanás em todos os seus ardis no coração humano, senão nisto. Eu sei que ele está sempre tentando passar para trás esta grande Verdade de Deus – o sangue, e o sangue sozinho, tem poder para salvar. “Ó”, diz outro, “se eu tivesse tal-e-tal experiência, então eu poderia confiar”. Amigo, não é a sua experiência, é o SANGUE! Deus não disse: “Quando eu vejo a sua experiência”, mas, “vendo eu o sangue de Cristo”. “Não”, diz alguém, “mas se eu tivesse Graças tais e tais, que eu poderia esperar”. Não, mas Ele não disse: “Quando vejo as teus Graças”, mas, “vendo eu o sangue”. Obtenha Graça, obtenha o máximo possível de fé, amor e esperança, mas ó, não os coloque onde o sangue de Cristo deveria estar! O único pilar de sua esperança deve ser a Cruz e tudo o que você coloca para reforçar a Cruz de Cristo é desagradável a Deus e deixa de ter qualquer força para com Ele, porque é um anti-Cristo. O sangue de Cristo, então, sozinho, salva! Coloque qualquer coisa com ele e ele não salva.

3. Mais uma vez podemos dizer do sangue de Cristo, é todo-suficiente. Não há caso o qual o sangue de Cristo não pode atender. Não há pecado que não possa lavar. Não há multiplicidade de pecado que ele não possa limpar, nenhum agravamento de culpa que ele não possa remover. Você pode ser duplamente tingindo como a escarlata. Você pode ter ficado na lixívia de seus pecados esses 70 anos, mas o sangue de Cristo pode tirar a mancha! Você pode ter quase blasfemado dEle tantas vezes quanto você respirou, você pode ter rejeitado quantas vezes você ouviu o Seu nome. Você pode ter quebrado o Seu *Sabbath*, você pode ter negado Sua existência, você pode ter duvidado de Sua Deidade, você pode ter perseguido Seus servos, você pode ter pisado em Seu sangue, mas tudo isso o sangue pode lavar!

Você pode ter cometido prostituição, sem número – não, o assassinato em si pode ter contaminado suas mãos – mas esta fonte cheia de sangue pode lavar todas as manchas! O sangue de Jesus Cristo nos limpa de todo o pecado. Não há nenhuma espécie de um homem, não há abortivo da humanidade [1 Coríntios 15:8], nenhum demônio em forma humana que esse sangue não possa lavar! O inferno pode ter procurado fazer um modelo de iniquidade, ele pode ter se esforçado para colocar o pecado e pecado e pecado juntos até que fez um monstro em forma de homem – um monstro abominável da humanidade, mas o sangue de Cristo pode transformar aquele monstro! Sete demônios de Madalena ele pode expulsar. Ele pode aliviar a lepra profunda, ele pode curar a ferida de aleijados, sim, o membro perdido ele pode restaurar! Não há doença espiritual, que o Grande Médico não possa curar. Esta é a grande panacéia, o remédio para todas as doenças! Nenhum caso poderá exceder a sua virtude, isto nunca será tão preto ou vil; todo-suficiente, todo-suficiente sangue!

4. Porém vou mais longe. O sangue de Cristo salva seguramente. Muitas pessoas dizem: “Bem, eu espero que serei salvo pelo sangue de Cristo”. E talvez, diz um aqui, que está acreditando em Cristo: “Bem, eu espero que Ele irá salvar”. Meu caro amigo, isso é um insulto sobre a honra de Deus! Se alguém lhe dá uma promessa e você diz: “Bem, eu espero que ele irá cumpri-la” – isso não implica que você tem pelo menos alguma pequena dúvida sobre se ele irá ou não? Agora, eu não espero que o sangue de Cristo irá lavar meu pecado – Eu sei que isso que está removido por ser lavado no seu sangue e que é a verdadeira fé que não supõe sobre o sangue de Cristo, mas que diz: “Eu sei que é assim. Esse sangue purifica. No momento em que foi aplicado à minha consciência ele me limpar e continua a purificar”. O israelita, se fosse fiel à sua fé, não entraria e diria: “Eu espero que o anjo destruidor passará por mim”. Mas ele diria: “Eu sei que ele irá. Eu sei que Deus não pode me ferir. Eu sei que Ele não ferirá. Existe a marca de sangue, eu estou seguro além de qualquer dúvida. Não há a sombra de um risco da minha perdição. Eu estou, eu devo ser salvo”. E assim eu prego um seguro Evangelho nesta manhã – “Aquele que crê no Senhor

Jesus Cristo não pereça, mas tenha a vida eterna” [João 3:16]. “E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer”, Ele disse, “e ninguém as arrebatará da minha mão” [João 10:28]. Ó, pecador, eu não tenho a menor sombra de dúvida sobre se Cristo irá te salvar se você confia em Seu sangue! Ó não, eu sei que Ele irá! Tenho certeza de que Seu sangue pode salvar. E eu te peço, em nome de Cristo, creia nEle! Acredite que esse sangue é seguro para limpar, não só de que ele pode limpar, mas que deve limpar, “pelo qual devamos ser salvos”, diz a Escritura. Se tivermos esse sangue sobre nós, devemos ser salvos, ou então é de se supor um Deus infiel e um Deus cruel. De fato, um Deus transformado de tudo o que é semelhante a Deus em tudo o que é baixo!

5. E mais uma vez – aquele que tem esse sangue aspergido sobre ele é salvo por completo. Nenhum cabelo da cabeça de um israelita foi perturbado pelo anjo destruidor. Eles estavam completamente salvos – assim quem crê no sangue é salvo de todas as coisas. Eu gosto da antiga tradução do capítulo da Romanos. Houve um mártir uma vez convocado ante Bonner. E depois que ele expressou sua fé em Cristo, Bonner disse: “Você é um herege e será condenado”. “Não”, disse ele, citando a versão antiga, “Portanto, agora nenhuma condenação há para aqueles que acreditam em Jesus Cristo”. E isso traz um pensamento doce perante nós. Não há condenação para o homem que tem o sangue de Cristo sobre ele – ele não pode ser condenado por Deus. É impossível! Não existe tal coisa, não pode haver tal coisa. Não há condenação. Ele não pode ser condenado, pois não há condenação para aquele que está em Cristo Jesus. Deixe o sangue ser aplicado à verga e ao umbral – não há nenhuma destruição. Há um anjo destruidor para o Egito, mas não há nenhum para Israel. Há um inferno para os ímpios, mas nenhum para o justo. E se não há nenhuma, eles não podem ser colocados lá. Se não há nenhuma condenação, eles não podem sofrê-la. Cristo salva completamente – todo pecado é lavado, todas as bênçãos asseguradas – a perfeição é fornecida e Glória eterna é o infalível resultado.

Acho então, tenho permanecido tempo suficientemente sobre a eficácia do Seu sangue. Mas nenhuma língua de serafim pode jamais dizer o seu valor. Preciso ir para casa para o meu quarto e chorar, porque eu sou impotente para contar esta história e, no entanto, tenho laborado para contá-la de forma simples, para que todos possam entender. E eu oro, portanto, para que Deus o Espírito possa levar alguns de vocês a colocar a sua confiança de forma simples, completa e inteira no sangue de Jesus Cristo!

III. Isso nos leva ao terceiro ponto, sobre o qual eu devo ser muito breve e o terceiro ponto é – A ÚNICA CONDIÇÃO. “O quê?”, Pergunta um: “Você prega uma salvação condicional?” Sim, eu prego, há esta única condição – “Onde eu vir o sangue passarei por cima de vós”. Que condição abençoada! Deus não diz, quando você ver o sangue, mas quando Eu vê-lo.

Seus olhos da fé podem ser tão fracos que você não pode ver o sangue de Cristo. Sim, mas os olhos de Deus não são escurecidos – Ele pode vê-lo – sim, Ele deve vê-lo – pois Cristo no céu está sempre apresentando Seu sangue diante da face de Seu Pai. O israelita não podia ver o sangue – ele estava dentro da casa. Ele não podia ver o que estava na verga e no umbral da porta – mas Deus podia vê-lo. E esta é a única condição para a salvação do pecador – Deus ver o sangue. Não é você vê-lo! O quão seguro, então, estão todos os que confiam no Senhor Jesus Cristo! Não é a fé que é a condição de sua garantia. É o simples fato de que o Calvário é posto perpetuamente diante dos olhos de Deus em um Salvador ressuscitado e ascendido. “Vendo eu o sangue, passarei por cima de vós”. Caia de joelhos e, em seguida, em oração, vocês almas duvidosas e que este seja o vosso apelo – “Senhor, tem piedade de mim por causa do sangue. Eu não posso vê-lo como eu quero, mas Senhor, Tu o vês e Tu disseste: “vendo-o eu, passarei por cima de vós’ Senhor, Tu o vês neste dia de hoje – passe por cima do meu pecado e me perdoe por sua querida causa somente”.

IV. E agora, por fim, qual é a lição? A lição do texto é isso para o Cristão. Cristão, tome cuidado para que você lembre-se sempre de que nada além do sangue de Cristo pode salvá-lo. Eu prego a mim mesmo hoje o que eu vos anuncio. Muitas vezes eu me encontro assim – Tenho orado para que o Espírito Santo possa repousar em meu coração e limpar e expelir uma paixão má e atualmente encontro-me cheio de dúvidas e medos. E quando eu pergunto a razão, encontro que é isso – eu tenho buscado a obra do Espírito até que eu ponho a obra do Espírito, onde a obra de Cristo deveria estar! Ora, é um pecado colocar as suas próprias obras, onde a Obra de Cristo deveria estar, mas é tão pecado colocar a obra do Espírito Santo lá! Você nunca deve fazer o Espírito de Deus um anti-Cristo, e você praticamente faz isso quando você coloca a obra do Espírito como a base de sua fé.

Você não ouve muitas vezes os Cristãos dizerem: “Eu não posso acreditar em Cristo hoje como eu podia ontem, pois ontem eu senti esses doces e abençoados prazeres”. Agora, o que é isso, senão colocar as suas circunstâncias e sentimentos onde Cristo deveria estar? Lembre-se, o sangue de Cristo é capaz de salvá-lo em uma boa ou em uma má circunstância! O sangue de Cristo deve ser a sua confiança, tanto quando você está cheio de alegria como quando você está cheio de dúvidas. E aqui é que sua felicidade estará em perigo, por começar a colocar suas boas circunstâncias e bons sentimentos no lugar do sangue de Cristo!

Ó, irmãos e irmãs, se pudéssemos viver sempre com um único olho fixo na Cruz, nós sempre seríamos felizes! Mas quando temos um pouco de paz e um pouco de alegria, começamos a prezar a alegria e a paz tanto que nos esquecemos da fonte de onde eles vêm. Como o Sr. Brooks diz: “Um marido que ama sua esposa, talvez, muitas vezes, dê

suas joias e anéis – mas suponho que ela deve sentar-se e começar a pensar em suas joias e anéis tanto que ela esqueça o seu marido? Seria próprio do marido de levá-los para longe dela para que ela possa fixar suas afeições inteiramente nele”. E é assim conosco. Jesus nos dá as joias da fé e do amor e começamos a confiar nelas e Ele os leva para longe, a fim de que possamos vir novamente como culpados, pecadores desamparados e depositemos a nossa confiança em Cristo. Para citar um verso que costumo repetir – Eu acredito que o espírito de um cristão deve ser, desde a sua primeira hora até a sua última, o espírito dessas duas linhas -

*“Nada em minhas mãos eu trago,
Simplesmente à Tua Cruz me agarro”.*

Essa é a lição ao santo.

Mas um minuto, há uma lição aqui para o pecador. Pobres, trementes, culpados Pecadores autocondenados, eu tenho uma palavra do Senhor para você. “O sangue de Jesus Cristo nos purifica”, ou seja, você e eu, “nos purifica de todo pecado” [1 João 1:7]. Esse “nós” inclui você, se agora você está sentindo a sua necessidade de um Salvador! Agora este sangue é capaz de salvar você e a você está ordenado simplesmente confiar neste sangue e você será salvo. Mas eu ouvi você dizer: “Senhor”, você disse, “Se eu sentisse minha necessidade. Agora eu sinto que eu não a sinto, eu só desejo que eu sinta a minha necessidade o suficiente”. Bem, não traga os seus sentimentos, então, mas somente confie no sangue. Se você pode confiar simplesmente no sangue de Cristo, quaisquer que os seus sentimentos possam ser, ou não ser, este sangue é capaz de salvar! Mas você está dizendo: “Como hei de ser salvo? O que devo fazer?” Bem, não há nada que você possa fazer. Você deve deixar por completo as obras, a fim de ser salvo! Deve haver uma negação de todos os seus feitos. Você deve obter Cristo em primeiro lugar e, em seguida, você pode fazer tanto quanto você quiser. Mas você não deve confiar em seus atos! Seu negócio agora é levantar seu coração em uma oração como esta – “Senhor, Tu tens me mostrado algo de mim mesmo; me mostraste algo do meu Salvador”. Vês o Salvador pendurado na cruz? Vire seus olhos para Ele e diga: “Senhor, eu confio em Ti, eu não tenho mais nada para confiar, mas eu confio em Ti. Para afundar ou nadar, meu Salvador, eu confio em Ti”. E tão certo, Pecadores, como vocês podem colocar a sua confiança em Cristo, vocês estão tão seguros quanto o Apóstolo ou Profeta! Nem a morte, nem o inferno pode matar a pessoa cuja a firme confiança está ao pé da Cruz! “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”. “Quem crer e for batizado será salvo. Aquele que crê não será condenado”. Aquele que crê será salvo, mesmo que seus pecados sejam muitos. Aquele que crê não será condenado, sejam seus

pecados mui poucos e sejam suas virtudes muitíssimas! Confie em Jesus AGORA!
Pecador, confie em Jesus SOMENTE.

*“Nem todo o sangue de animais
Mortos nos altares dos Judeus
Poderia dar paz consciência culpada,
Ou lavar a mancha!
Mas Cristo, o Cordeiro celeste,
Leva todos os nossos pecados –
Um sacrifício de mais nobre nome
E sangue mais rico do que aqueles”.*

[Adaptado de The C. H. Spurgeon Collection, Version 1.0, Ages Software. Veja todos os 63 volumes de sermões
CH Spurgeon em Inglês Moderno, e mais de 525 traduções em espanhol, acesse: www.spurgeongems.org

Ressurreição!*

Charles Haddon Spurgeon

“Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? Insensato! o que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo, ou de outra qualquer semente. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer, e a cada semente o seu próprio corpo” (1 Coríntios 15:35-38).

Nós pregamos com palavras; Deus prega a nós em atos e ações. Se apenas percebessemos isto, a Criação e a Providência são dois sermões contínuos, fluindo da boca de Deus. As estações do ano são quatro Evangelistas, cada um deles com o seu testemunho para proferir a nós. Será que o verão não nos prega sobre a bondade de Deus, a riqueza da Sua bondade, aquela generosidade com que Ele se agradou em prover a terra, não simplesmente com alimentos para o homem, mas com delícias para ambas as orelhas e olhos com a bela paisagem, os pássaros melodiosos e as flores de várias tonalidades? Alguma vez você já ouviu a voz mansa e delicada do outono, que carrega o molho de trigo e sussurra para nós no farfalhar das folhas videntes? Ele nos convida a nos prepararmos para morrer. “Todos nós”, diz ele, “nos desvanecemos como uma folha e todas as nossas justiças são apenas como trapos da imundícia”. Em seguida, vem o inverno, coroadado de neve e ele troveja um mais poderoso sermão que, se apenas o ouvíssemos, ele nos impressionaria com os terrores da vingança de Deus e veríamos em quanto tempo ele pode retirar da terra todas as suas amabilidades e a revestir em tempestade, quando Ele vier, Ele mesmo, para julgar a terra com justiça e os povos com equidade. Mas parece-me que a primavera lê para nós um mais excelente discurso sobre a grande Doutrina da Revelação. Neste próprio mês de abril, que, se não é a própria entrada da primavera, mas certamente nos apresenta a sua plenitude; este mesmo mês – tendo por seu nome o título do mês de abertura, nos fala da Ressurreição. Como já temos andado através de nossos jardins, campos e bosques, nós temos visto os botões florais prestes a irromperem sobre as árvores e as flores das árvores frutíferas apressando-se para desdobrarem-se; temos visto as flores enterradas surgindo do relvado, e elas nos falaram com doces, doces vozes, as palavras: “Vocês, também, devem ressurgir novamente, vocês, também, serão enterrados na terra como sementes que se perdem no inverno, mas vocês deverão elevar-se novamente, e viverão, e florescerão na primavera eterna”.

* Sermão Nº 306. Pregado na Manhã de Domingo, 1 de Abril, 1860, por C. H. Spurgeon, no Exeter Hall, Strand. Fonte: SpurgeonGems.org | Título Original: “Resurgam”

Eu proponho nesta manhã, como Deus deva permitir, ouvir aquela voz de primavera, proclamando a Doutrina da Ressurreição – uma meditação em tudo a mais apropriada a partir do fato de que no Sabbath retrasado consideramos o tema da morte – e eu espero que, nessa ocasião, impressões mui solenes tenham sido feitas sobre as nossas mentes. Que as impressões semelhantes voltem agora, acompanhadas por outras mais alegres, quando olharmos para além do túmulo, através do Vale da Sombra da Morte, para aquela luz resplandecente à distância – o esplendor e glória da vida e da imortalidade!

Ao falar para vocês sobre este texto, gostaria de observar no início que a Doutrina da Ressurreição dos mortos é uma Doutrina peculiar ao Cristianismo. Os pagãos, por meio da fraca luz da natureza, foram capazes de falar sobre a verdade da imortalidade da alma. Esses professores de religião que negam esta imortalidade, não estão tão aprimorados em aprender quanto os próprios gentios. Quando vocês encontrarem com alguém que acha que a alma do homem pode, eventualmente, tornar-se aniquilada, façam-lhes um presente daquele pequeno catecismo realizado pela Assembléia de Westminster, que leva o título de “Catecismo para Jovens e Ignorantes”. Deixem-nos ler este para que por meio do qual comecem a entender que Deus não fez o homem em vão! A ressurreição do corpo foi o que era novo nos tempos Apostólicos. Quando Paulo se levantou nas Colinas de Marte, no meio da erudita assembleia dos Areopagitas, se ele tivesse lhes falado sobre a imortalidade da alma, eles não teriam rido; ele teria sido respeitado, pois esta foi uma das verdades sublimes que seus próprios homens sábios haviam ensinado. Mas, quando ele passou a afirmar que a carne e o sangue, que foram colocados no túmulo ainda devem ressurgir mais uma vez, que os ossos que se haviam tornado a morada de vermes, que a carne que havia corrompido e deteriorado deveria realmente começar, renovada, a viver – que o corpo, bem como a alma devem viver – alguns escarneciam, e outros diziam: “Vamos o ouviremos novamente sobre o assunto”. O fato é: a razão ensina a imortalidade do espírito – é a Revelação de Deus, que sozinha, ensina a imortalidade do corpo. É somente Cristo que traz a vida e a imortalidade à luz por meio do Evangelho! Ele foi o proclamador mais evidente desta grande Verdade de Deus. Apesar de que isto havia permanecido na fé secreta de muitos do antigo povo de Deus, anteriormente, ainda assim, Ele foi quem primeiro estabeleceu em termos claros a grande Verdade de Deus de que haverá uma ressurreição dos mortos, tanto dos justos quanto dos injustos. Tanto quanto eu sei, a Doutrina não foi contestada na Igreja Cristã. Houve alguns poucos hereges que negaram-na em momentos diferentes, mas eles têm sido tão poucos, tão absolutamente insignificantes, que em não vale a pena tomar qualquer aviso de seus escrúpulos, ou das objeções que eles incitaram. Ao invés disso, daqui, voltaremos para o nosso texto; um que assumirá que a Doutrina é verdadeira e assim continuará a proferir algumas palavras de explicação sobre isso.

Primeiro, então, o nosso texto sugere a verdadeira identidade do corpo ressurreto. O

Apóstolo usa a figura de uma semente, um grão de trigo murcho. Ele é colocado no chão – ali morre. Toda a parte do amiláceo se decompõe e forma um particularmente bom solo, no qual o germe atinge a si mesmo e sobre o qual o germe da vida se alimenta. A semente em si morre, com a exceção de uma partícula quase tão pequeno para ser percebida, que é a vida real contida no interior da semente. Aos poucos, nós vemos uma lâmina verde surgindo – esta cresce, aumenta e cresce, até que se torna o milho na espiga e, posteriormente, o grão cheio na espiga. Agora ninguém tem qualquer suspeita, senão que o mesmo milho ressurgiu do solo em que fora lançado. Coloque-o na terra, nós acreditamos que ele brota e estamos acostumados a falar disto em nossa linguagem comum como sendo a mesma semente que semeamos, embora a diferença seja marcante e maravilhosa. Aqui vocês têm uma planta de cerca de três metros de altura, tendo muitos grãos de milho e ali vocês tinham no outro dia um pouco de grãos murchos; ainda assim, ninguém duvida, senão que os dois são a mesma coisa! Assim será na ressurreição dos mortos; o corpo está aqui, mas como uma semente atrofiada. Não há beleza nela para que a desejemos. Ele é colocado em um túmulo, como o trigo, que é semeado na terra, ali apodrece e se deteriora. Mas Deus preserva dentro de si uma espécie de germe de vida que é imortal e quando a trombeta do arcanjo estremecerá os céus e a terra, este deve expandir-se para a plena flor da humanidade! Ele florescerá da terra em uma forma muito mais gloriosa do que a humanidade que fora enterrada. Vocês são, meus Irmãos e Irmãs, hoje, apenas como um monte de trigo, um monte de pobre milho murcho. Apesar desta beleza terrena que alegra nosso semblante, estamos, afinal, murchos e sem valor, em comparação com o que os nossos corpos serão quando eles ressuscitarão de seus leitos de poeira silenciosa e frio barro úmido. No entanto, enquanto eles serão diferentes, eles serão precisamente os mesmos; devem ser o mesmo corpo! A identidade será preservada. Embora eles terão apenas pouca semelhança, ainda assim, nenhum homem dúvida de que o próprio corpo que foi semeado na terra ressurgiu para a vida eterna!

Eu suponho que se eu trouxesse aqui um certo grão de semente e você nunca tivesse visto a imagem da planta em que ela iria tornar-se e eu a submetesse a mil pessoas aqui presentes e lhes fizesse esta pergunta – “Qual será a forma que esta semente assumirá quando crescer em uma planta e carregar uma flor” – nenhum de vocês poderiam dizer qual seria. No entanto, quando vocês a vissem surgir, diriam: “Bem, eu não tenho nenhuma dúvida de que o girassol surgiu de sua própria semente. Estou certo de que uma violeta brota uma semente de violeta. Eu não posso duvidar de que o lírio tem a sua própria raiz adequada”. E outra vez, quando vocês veem a semente, vocês talvez imaginam ver alguma pequena semelhança, pelo menos vocês nunca desconfiam da identidade. Embora existam grandes extremos de diferença entre a pequena semente de mostarda e a grande árvore sob os ramos nos quais as aves do céu constroem seus ninhos, vocês nunca, por um momento, questionam que estas sejam exatamente a mesma coisa; a identidade é

preservada. Assim será na ressurreição dos mortos – a diferença será extraordinária, mas o corpo ainda deve ser o mesmo.

Para afirmar isso, a antiga Igreja Cristã tinha o hábito em seu credo de acrescentar uma frase ao Artigo que assim segue: “Creio na ressurreição dos mortos”. Eles acrescentaram, em palavras latinas para este efeito – “Creio na ressurreição dos mortos, desta própria carne e sangue”. Eu não conheço que a adição já tenha sido autorizada pela Igreja, mas ela foi usado continuamente, especialmente no momento em que houve uma discussão quanto à veracidade da Doutrina da Ressurreição do corpo. A própria carne e sangue que estão enterrados, os próprios olhos que são fechados na morte, as próprias mãos, que endurecem ao lado de meu cadáver; estes mesmos membros viverão novamente – não as partículas idênticas da mesma matéria mais do que as mesmas partículas do mesmo trigo ressurgem para compor uma lâmina e tornar o grão cheio na espiga. Ainda assim, elas são idênticas, no verdadeiro sentido do termo. Elas brotarão deste corpo – serão o verdadeiro resultado e aperfeiçoamento destes miseráveis carne e sangue, que agora arrastam-se conosco aqui em baixo!

Dez mil objeções têm sido levantadas contra isso, mas todas elas são prontamente respondidas. Alguns disseram: “Mas, quando os corpos dos homens estão mortos e estão alocados na sepultura, eles muitas vezes são desenterrados e o sacristão descuidado os mistura com o molde comum. Não, às vezes acontece que eles são levados embora do jardim da igreja e espalhados sobre os campos, para se tornarem um adubo rico para o trigo, de modo que as partículas do corpo são absorvidas pelo milho que está crescendo e eles viajam em ciclo, até que tornam-se a alimentação do homem – de modo a que a partícula, que poderia estar no corpo de um homem entra no corpo de um outro!” “Agora,” eles dizem, “como é que todas estas partículas são localizadas?” Nossa resposta é, se for necessário, cada átomo pode ser localizado! A Onipotência e Onisciência poderiam fazê-lo; se fosse necessário que Deus buscasse e descobrisse cada átomo individual que já existiu, Ele seria capaz de detectar a atual morada de cada partícula! O astrônomo é capaz de dizer a posição de uma estrela pela refração do movimento da outra. Por seu cálculo, além da observação, ele pode descobrir um corpo celeste desconhecido – a sua imensidão o coloca ao seu alcance. Mas, para Deus, não há nada pequeno ou grande – Ele pode descobrir a órbita de um átomo pela refração na órbita de um outro átomo – Ele pode buscar e alcançar cada partícula separada. Mas lembre-se, isso não é necessário em absoluto, pois, como eu disse antes, a identidade pode ser preservada sem ser o mesmo com os átomos. Basta voltar para a excelente ilustração de nosso texto. O trigo é a mesma coisa, mas no novo trigo que cresceu pode não haver uma partícula solitária daquela matéria que estava na semente lançada ao chão. Uma pequena semente que não deve pesar a centésima parte de uma onça¹ cai na terra e brota e produz uma árvore da floresta que

deve pesar duas toneladas. Agora, se houver qualquer parte da semente original na árvore, ela deve ser na proporção de uma parte milionésima, ou algo menos do que isto – e ainda assim a árvore é positivamente idêntica à semente – é a mesma coisa.

E assim ali pode haver apenas uma milionésima parte das partículas do meu corpo no corpo novo que terei, mas ainda assim, ele permanecerá o mesmo. Não é a identidade da matéria que torna a identificação positiva. E eu demonstrarei isto a vocês novamente. Vocês não estão cientes de que os nossos corpos estão mudando – que em cerca de cada 10 anos temos corpos diferentes do que tínhamos há 10 anos atrás? Ou seja, pela decadência e o contínuo desgaste da nossa carne, não há neste corpo que eu tenho aqui, uma única partícula que estava no meu corpo há 10 anos e ainda assim eu sou o mesmo homem. Eu sei que sou exatamente o mesmo. E vocês também. Vocês devem ter nascido na América, e vivido ali por 20 anos; vocês, de repente, serão transferidos para a Índia e ali vivem outros 20 anos; vocês voltam para a América para ver seus amigos – vocês são o mesmo homem, eles conhecem vocês, reconhecem-nos – vocês são precisamente os mesmos indivíduos. Mas ainda assim, a filosofia nos ensina uma verdade que não pode ser negada – de que seu corpo teria mudado o dobro no período em que estiveram ausentes de seus amigos; de forma que cada partícula se foi e teve seu lugar cedido a outra; e ainda assim, o corpo é o mesmo! Assim, não é necessário que devam ser as mesmas partículas; não é necessário que vocês devam seguir cada átomo e o trazer de volta, a fim de que o corpo deva preservar a sua identidade.

Alguma vez você já ouviu a história da esposa de Pedro Mártir, um célebre Reformador que morreu alguns anos antes da época da Rainha Maria? Desde que os seus inimigos não conseguiram alcançar o seu corpo, eles levaram o corpo de sua esposa, depois que ela foi morta e a enterraram em um monturo! Durante o reinado de Elizabeth, o corpo foi removido de seu esconderijo desdenhoso; aquele fora, então, reduzido a cinzas, a fim de que os Romanistas, se eles alguma vez prevalecessem novamente, nunca pudessem desonrar aquele corpo, eles levaram as cinzas da esposa de Pedro Mártir e as misturaram com as cinzas de um santo Romanista de renome! Misturando os dois juntos, eles disseram: “Agora, esses Romanistas nunca profanarão este corpo, porque eles terão medo de profanar as relíquias de seu próprio santo”. Talvez alguns sabichões podem perguntar: “Como podem estes dois serem separados?” Ora, eles podem ser divididos prontamente, se Deus quisesse fazê-lo; pois certo que Deus é Onisciente e Onipotente, vocês nunca terão que questionar como, pois a Onisciência e a Onipresença colocam a

[1] Onça: Medida de peso, utilizada especialmente na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos da América e no Canadá, e que equivale a 28,35 g. (Dicio.com.br)

questão fora dos tribunais e decidem a coisa de uma vez! Além disso, não é necessário que isto assim seja. As sementes da vida dos dois corpos não aperfeiçoadas e os dois corpos devem ressurgir separadamente ao som da trombeta do arcanjo! Lembrem-se, então, e não duvidem que o próprio corpo em que vocês pecaram deve ser o mesmo corpo em que vocês sofrerão no inferno – e no corpo em que vocês creram em Cristo e em que vocês entregaram-se a Deus, será o corpo em que vocês andarão pelas ruas de ouro e no qual vocês devem louvar o nome de Deus por todo o sempre!

Temos estado por muito tempo sobre este primeiro ponto. Mas observem, enquanto a identidade é real, a transformação é gloriosa. O corpo aqui é mortal, sempre sujeito à decadência. Nós vivemos em uma miserável tenda desconfortável, continuamente está a lona sendo rasgada, os cabos estão sendo soltos e os pinos das tendas estão sendo puxados para cima. Estamos cheios de sofrimentos e dores, que são, apenas as premonições da morte vindoura. Todos nós sabemos, alguns por nossos dentes deteriorados, que são, como eu disse em outro dia, apenas os emblemas de um homem em decomposição; outros por aqueles cabelos brancos que estão espalhadas aqui e ali; todos nós sabemos que nossos corpos são constituídos de tal forma que eles não podem permanecer aqui, exceto por um período limitado e devem – como Deus quis isso – retornar ao seu pó de origem. Não é assim, porém, com o novo corpo – “Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção” [1 Coríntios 15:42].

Este será um corpo sobre o qual o dente do tempo não pode ter nenhum poder e no qual o dardo da morte nunca poderá ser cravado! Era transcorrerá após eras, mas este corpo deve existir em juventude eterna! Ele cantará, mas a sua canção nunca será suspensa por fraqueza; ele deve voar, mas nunca a sua bandeira de voo será com cansaço. Não haverá sinais de mortalidade! O sudário e a pá nunca são vistos no céu; uma coisa como uma sepultura aberta nunca aparecerá no Reino Celestial – ali eles vivem, vivem, vivem, mas nunca, nunca, nunca morrerão! Vejam então, quão diferente o corpo será; pois como este corpo é feito, cada nervo e cada vaso sanguíneo me diz que devo morrer – não pode ser de outra forma – devo suportar este decreto severo, “Pó ao pó, terra a terra, cinzas a cinzas”. Mas no Céu todos os nervos do novo corpo clamarão, “Imortalidade!” Cada parte desse novo corpo falará por si e dirá ao espírito imortal que eles são companheiros eternos, arranjados em casamento eterno.

Haverá, além disso, uma grande mudança no novo corpo em relação a sua beleza. “Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória” [1 Coríntios 15:43]. A velha metáfora empregada por todos os pregadores sobre esta Doutrina deve ser usada novamente. Vocês veem aqui uma lagarta rastejando, uma imagem de vocês mesmos, uma criatura que come e bebe e pode ser facilmente pisada. Espere algumas semanas, esta lagarta terá em si

mesma uma cobertura, deitar-se-á, tornar-se-á inativa e dormirá. Um retrato do que vocês farão. Vocês devem tecer vossas mortalhas e, em seguida, são colocados no túmulo! Mas esperem um pouco; quando vier o calor do sol, esta coisa aparentemente sem vida transbordará o seu invólucro! Mas no Céu todos os nervos do novo organismo deve clamar, “Imortalidade!” Cada parte desse novo quadro deverá falar por si e contar ao espírito imortal que eles são companheiros eternos, administrados em casamento eterno. A crisálida cairá e o inseto voará adiante equipado com asas brilhantes. Tendo chegado ao seu estado pleno de perfeição, a imagem, a própria imagem da criatura, deve ser vista por todos nós bailando no raio de sol. Assim, nós iremos, depois de passar por nosso absinto aqui para o nosso estado de crisálida na sepultura, irromper nossos caixões e montar em elevadas gloriosas criaturas aladas feitos como os anjos – as mesmas criaturas, mas, ó, tão mudados, tão diferentes, que malmente conheceríamos nossos antigos “eus” se fôssemos capazes de encontrá-los novamente depois de terem sido glorificados no céu!

Haverá uma mudança, então, em nossa forma e natureza. O velho mestre Spenser, que era uma mão rara em fazer metáforas, diz: “O corpo aqui é como um velho pedaço de ferro enferrujado, mas a morte será o ferreiro – que deve levá-lo e ela deve torná-lo quente em seu fogo – até que faiscará e conduzirá fogo abrasador e aparentará brilho e esplendor”. E assim certamente é. Somos empurrados para a terra como para o fogo e ali seremos feitos faiscar e brilhar e seremos cheios de brilho – não mais as coisas enferrujadas que já fomos, mas espíritos de fogo, como os querubins e os serafins – nós revestiremos de um poder e uma glória como o que nós mesmo ainda não concebemos!

Novamente – outra transformação terá lugar, ou seja, em poder. “Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor” [1 Coríntios 15:43]. O mesmo corpo que é fraco, deve ser ressuscitado com vigor. Somos coisas insignificantes aqui; há um limite para o nosso labor e nossa utilidade é embaraçada em razão de nossa incapacidade de realizar o que gostaríamos. E ó, quão fracos nos tornamos quando morremos! Um homem deve ser conduzido por seus próprios amigos para sua própria sepultura; ele não pode sequer deitar-se em sua última morada. Passivamente ele se submete a ser colocado, a ser embrulhado em sua mortalha e ser encerrado na escuridão da sepultura. Em silêncio, passivamente, ele se submete a ser levado com o manto coberto sobre ele e a ser colocado na terra. Os torrões são jogados sobre ele, mas ele não sabe, ele nem poderia resistir ao seu enterro se ele estivesse consciente disso! Mas este corpo impotente ressuscitará com vigor! Essa foi uma bela ideia de Martinho Lutero, a qual ele pegou emprestado de Santo Anselmo, que os santos hão de ser tão fortes quando ressuscitarem dos mortos, que, se quisessem, poderiam abalar o mundo. Eles podem puxar para cima as ilhas por suas raízes, ou arremessar montanhas para o ar! Alguns escritores modernos, emprestando suas ideias de Milton, onde ele fala das batalhas dos anjos, onde arrancaram até as colinas com todas as suas cargas desgrenhadas, rios e árvores de uma só vez e os atiravam sobre os espíritos caídos,

ensinaram que seremos revestidos da força gigantes-ca. Eu acho que se nós não formos na extensão dos poetas, temos todas as razões para acreditar que o poder do corpo ressuscitado será absolutamente inconcebível. Estas, no entanto, são apenas suposições à verdade de Deus. Este grande mistério está ainda além de nós. Eu acredito que quando eu estiver em meu novo corpo, serei capaz de voar de um lugar para outro, como um pensamento, tão rapidamente quanto eu desejar; estarei aqui e ali, rápido como os raios de luz. De força em força, o meu espírito será capaz de saltar adiante para obedecer os ditames de Deus. Acima, carregado com as asas do éter, reluzirão o seu caminho através desse mar sem litorais e verei a Glória de Deus em todas as suas obras e, ainda assim sempre contemplarei a Seu face; pois os olhos, nesta ocasião, serão fortes o suficiente para perfurar léguas de distância e a memória nunca falhará! O coração será capaz de amar a um grau ardente e a cabeça compreender completamente certo. Ainda não é manifestado o que havemos de ser.

Mas, Irmãos e Irmãs, para voltarmos à realidade e deixarmos a ficção por um momento, embora não seja manifesto o que havemos de ser, sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos como Ele é! E você sabe o que havemos de ser, se seremos semelhantes a Ele? Eis o retrato do que Jesus Cristo é semelhante e seremos semelhantes a Ele. “Eu vi”, diz João, “um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de uma roupa comprida, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro. E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo; E os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas. E ele tinha na sua destra sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece. E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto” [Apocalipse 1:13-17]. Tal seremos quando formos semelhantes a Cristo! Que língua pode contar, que alma pode imaginar as glórias que cercam os santos quando eles começam a partir de seus leitos de poeira e ressurgirem para a imortalidade? Mas agora, afastem-se destes, que eu temo que para muito que muitos, vocês são mais particularmente desinteressantes, deixe-me dar-lhes uma ou duas figuras que podem mostrar a vocês a mudança que deve ocorrer em nós no dia da Ressurreição. Vocês veem aquele mendigo? Ele está pegando trapos de um monturo; ele retira pedaço por pedaço do amontoado de poeira, enquanto ele usa o seu ancinho. Vocês pode ver semelhante a qualquer dia, se vocês vão para aqueles grandes estaleiros de poeira em Agar Town. Ali ele arranca pedaço por pedaço e o coloca em sua cesta. Qual pode ser o valor desses velhos trapos miseráveis? Ele os leva para longe, eles são levados fora, apanhados, classificados, trapo para seu próprio trapo, igual por igual. Aos poucos eles são lavados, eles são colocados na fábrica, eles são batidos duramente, eles são esma-gados, eles são moídos até a polpa e o que é que eu vejo saindo dali da fábrica? Uma folha branca

transparente, sem mancha, e de onde veio isso? “Eu sou o filho do velho trapo”, diz ele, “não, eu sou o mesmo trapo que foi apenas há algumas horas colhido a partir do monturo”. Ó, estranho! A pureza sai da impureza e que essa beleza, essa utilidade saiu daquilo que não era nem formoso, nem útil, mas que os homens detestavam e jogaram fora como uma coisa sem valor? Vejam aqui, Irmãos e Irmãs, a imagem de si mesmos! Seus corpos são como trapos, colocados neste grande monturo, a Terra, e ali enterrados. Mas o anjo virá e os ordenará, o corpo ao seu corpo, os justos para os justos, os ímpios para os ímpios – virão juntos, cada osso ao seu osso e carne a sua carne. E o que eu vejo? – Eu vi um corpo semelhante a um anjo, com olhos de fogo e um rosto como o brilho do sol e as asas como um raio em rapidez! De onde é que você vem, você, espírito brilhante? “Eu sou aquele que foi sepultado; Eu sou aquela coisa que uma vez foi alimento de vermes, mas agora eu sou glorioso por meio do nome de Jesus e pelo do poder de Deus”. Vocês tem aqui diante de vocês, uma figura da ressurreição, uma ima-gem caseira, é verdade, mas uma que pode vividamente transmitir a ideia para mentes domésticas.

Tome uma outra – uma usada no passado por aquele poderoso pregador, Crisóstomo – aqui há uma casa antiga, uma casa de campo estreita e apertada e os moradores muitas vezes tremem com o frio do inverno e são muito oprimidos pelo calor do verão. Ela está pouco adaptada às suas necessidades – as janelas são muito pequenas e muito escuras – ele não pode guardar o seu tesouro com segurança dentro dela; ele é muitas vezes um prisioneiro; e quando eu passei por sua casa, o ouvi suspirar na janela – “Ó, miserável homem que eu sou, quem me livrará do corpo desta morte?” O bom mestre vem, o proprietário da casa – ele fala com o inquilino e ele o manda sair – “Eu estou a ponto de puxar para baixo a sua antiga casa”, diz ele, “e eu o quero aqui, enquanto eu esteja puxando-a, pedra por pedra, para que você não seja ferido e prejudicado. Venha comigo e viva no meu palácio, enquanto eu estou fazendo a sua antiga casa em pedaços”. Ele faz assim, e cada pedra da velha casa é lançada para baixo; ela é nivelada com o solo e até mesmo as fundações são desenterradas. Outra é construída – é de lajes caras de mármore, as janelas dela são puras e claras, todas as suas portas são de ágata e todas as suas fronteiras de pedras preciosas – enquanto todos os fundamentos são de berilo e o telhado é de jaspe! E agora o dono da casa fala com o velho habitante, “Volte e vou mostrar-lhe a casa que eu edifiquei para você”. Ó, que alegria quando aquele habitante entra e encontrá-la tão bem adaptada às suas necessidades – onde todo poder terá plena variedade, onde verão a Deus fora de suas janelas, não como por espelho em enigma, mas face a face, onde ele poderia convidar mesmo Cristo, Ele próprio, para vir e com cear com ele, e não sentir que o casa está abaixo da dignidade do Filho do Homem! Vocês conhecem a parábola, vocês sabem como a vossa antiga casa, este corpo de argila, deve ser puxado para baixo, como seu espírito habitará no céu por um tempo, sem um corpo, e como

posteriormente vocês deverão entrar em uma casa não feita com mãos, eterna, nos céus, uma mansão que é santa, incorruptível, sem mácula, e que nunca decairá!

Para usar ainda uma figura fresca – Vejo um mendigo passando pela porta de um homem rico. Aquele pobre desgraçado está coberto com sujeira. Suas vestes estão penduradas sobre ele aos pedaços, como se o vento pudesse soprar tudo fora e levar tanto o homem e roupas entre os trapos para cima do monturo! Como é que ele treme, como ele procura puxar sobre ele aquele pouco manto que não alcançará o entorno de seus lombos, e não o protegerá da corrente de ar! Quanto aos seus sapatos, eles são, na verdade, velhos e remendados e todas as suas roupas são de tal sorte que nunca se poderia conhecer o original, pois foram consertadas e remendadas mil vezes – e agora elas precisam ser consertados e remendados novamente. Ele é livremente convidado a entrar na sala de homem rico. Não vamos dizer-lhes o que é feito nesse meio tempo, mas vamos vê-lo sair por aquela porta de novo e, vocês o reconheceriam? Será que vocês acreditam que ele é o mesmo homem? Ele foi lavado e limpo; em suas costas paira um púrpura imperial; enquanto na cabeça resplandece uma brilhante coroa. Seus pés estão calçados com prata e em suas mãos há anéis de ouro. Sobre o seio ele usa um cinturão de ouro, e enquanto ele vem para o exterior, espíritos brilhantes os servem e lhe prestam honra – anjos esperam para ser seus servos, e imaginam ser o seu maior prazer que voem para fazer a sua vontade! É este o mesmo homem e é esta a mesma veste? É o mesmo! Por meio de algum poder maravilhoso, e por uma energia Divina, Deus recebeu este mendigo, o levou para a câmara interna do túmulo – lavou-o de todas as imperfeições – e agora ele sai como um dos príncipes de sangue real do Céu. E como é a sua natureza, como é a sua aparência; como é a sua dignidade, tal é sua condição e tal a companhia dos servos que esperam por ele!

Para não multiplicar ilustrações, nós usaremos apenas mais uma. Vejo diante de mim uma velha e surrada taça que muitos lábios sombrios e pecaminosos tocaram, da qual muitas gargantas receberam umidade. Ela é maltratada e coberta de sujeira. Quem poderia dizer de que metal é? Ela é trazida e dada ao ourives. Ele não logo a recebe, ele começa a quebrá-la em pedaços – ele a arremessa em fragmentos uma e outra vez! Ele a bate até que ele a quebre e, em seguida, coloca-a em seu crisol e derrete-a. Agora vocês começam a vê-la brilhar novamente, e, aos poucos, ele a amassa e a molda em um cálice formoso, do qual um rei pode beber! É esta a mesma? Exatamente a mesma! Este cálice glorioso; é esta velha prata desgastada que vimos ainda há pouco? Prata, que eu disse, parecia com imundície desgastada! Sim, é a mesma e nós que estamos aqui na terra, como vasos, infelizmente, muito impróprios para o uso do Mestre; navios que têm ainda dado conforto para os maus e ajudado a fazer a obra de Satanás – nós seremos colocados no forno da sepultura e lá seremos derretidos e aquecidos e formados em um cálice de vinho glorioso que estarão sobre a mesa de banquete do Filho de Deus!

Tenho, assim, procurado ilustrar a mudança, e agora ocuparei a sua atenção, apenas um ou dois minutos em outro pensamento que parece estar dentro do alcance do meu texto. Nós temos tido a real identidade sob a transformação gloriosa. Eu vos trago de volta a um pensamento semelhante ao primeiro. Haverá nos corpos dos justos, uma incontestável personalidade de caráter. Se vocês semeiam cevada, não produzirão trigo – se vocês semeiam joio – eles não surgirão na forma de centeio. Cada grão tem sua própria forma peculiar – Deus deu a cada semente o seu próprio corpo. Assim, meus Irmãos e Irmãs, há diferenças entre nós aqui; não dois corpos que sejam exatamente iguais – há marcas no nosso semblante e em nossa conformação corporal que mostram que nós somos diferentes. Somos do mesmo sangue, mas não de um molde! Bem, quando somos colocadas no túmulo, vamos desmoronar de volta e chegar aos mesmos elementos. Mas quando subirmos, vamos, todos nós, ressurgir diferentes uns dos outros! O corpo de Paulo não produzirá um corpo exatamente como o de Pedro; nem a carne de André trará um novo corpo como o dos filhos de Zebedeu; mas a cada semente o seu próprio corpo. No caso de nosso bendito Senhor e Mestre, vocês se lembrarão que, quando Ele levantou a Si mesmo da morte, Ele preservou sua personalidade – ainda havia as feridas em Suas mãos e ainda havia a marca da lança no seu lado. Eu não tenho dúvida de que, quando Ele foi submetido a Sua Transfiguração e no momento da sua Ascensão ao Céu, ele ainda conservava as marcas de suas feridas. Pois, nós não cantamos e não é a nossa canção baseada na Escritura? -

*“Ele pareceu como um cordeiro que foi morto,
E ainda reveste-se de Seu sacerdócio”?*

Assim, Irmãos e Irmãs, embora, naturalmente, não retenhamos nenhuma fraqueza, nada que nos causará dor, mas cada Cristão manterá a sua individualidade. Ele será semelhante e diferente de todos os seus companheiros! Como discernimos Isaías de Jeremias aqui, assim vamos conhecê-los no alto. Como me diferencio de vocês aqui, se nós dois juntos louvamos a Deus, haverá alguma diferença entre nós lá em acima; não a diferença de falhas, mas a diferença em perfeição da forma do novo corpo. Às vezes penso que os mártires revestir-se-ão de suas cicatrizes. E por que não deveriam? Seria uma perda para eles, se eles perdessem as suas honras. Talvez eles usarão a sua coroa de rubi no Paraíso e vamos conhecê-los –

*“Em primeiro lugar entre os filhos da luz
Em meio às pessoas resplandecentes duplamente brilhantes”.*

Talvez os homens que vêm das catacumbas de Roma revestir-se-ão de algum tipo de palidez em seu rosto que mostrará que eles vieram das trevas, aonde não viram a luz do sol. Talvez o ministro de Cristo, embora ele não precisará dizer aos seus companheiros,

“conheçam o Senhor”, continuará a ser o principal entre os proclamadores dos caminhos de Deus. Talvez o doce cantor de Israel ainda será mais importante no coro das harpas douradas e mais alto entre eles que devem conduzir a estirpe. E se estas são imaginações, todavia tenho certeza de que uma estrela difere de outra estrela em glória. Órion não deve ser confundida com Arcturo, nem Mazarote por um momento ser confundida com Órion. Vamos todos ser separados e distintos. Talvez tenhamos cada um a nossa constelação ali, como nos agruparemos em nossas próprias sociedades e nos reuniremos em torno daqueles que melhor conhecemos na terra. A personalidade será mantida. Eu não duvido, senão que vocês conhecerão Isaías no céu e vocês reconhecerão os grandes pregadores da antiga Igreja Cristã. Vocês serão capazes de falar com Crisóstomo e falarão com Whitefield. Pode ser que vocês terão por seus companheiros aqueles que foram seus companheiros aqui, aqueles com quem vocês obtiveram doce conselho e caminharam para a Casa de Deus, estarão com vocês lá, e vocês os conhecerão. E, com alegria entusiasmada vocês devem ali, juntos, contar as suas antigas provações e triunfos passados – e as glórias que vocês são igualmente feitos para compartilhar!

Apreciem, então, essas coisas: a identidade de seu corpo após a sua gloriosa transformação e, ao mesmo tempo, a personalidade que prevalecerão.

Quero, agora, vossa atenção solene por cerca de cinco minutos, enquanto eu esboço um mais terrível contraste aqui. As coisas que eu já falei devem fazer felizes os filhos de Deus. Em Stratford-le-Bow, nos dias da Rainha Maria, houve uma vez uma estaca erguida para a queima de dois mártires, um deles um homem coxo, o outro um homem cego. Tão logo o fogo foi aceso, o homem coxo atirou longe seu cajado e voltando-se, disse ao cego: “Coragem, Irmão, este fogo nos curará”. Assim, pode o justo dizer da sepultura, “Coragem, a sepultura curará a todos nós; deixaremos as nossas fraquezas para trás”. Ó, que paciência isto deve dar-nos para suportar todas as nossas provações, pois elas não são de longa duração. Elas são apenas como o entalhar das ferramentas da sepultura, moldando esses blocos brutos de barro, para trazê-los para a correta forma e molde, para que tenham a imagem celestial. Mas o contraste é terrível. Os pecadores, os ímpios também ressuscitarão dos mortos! Os lábios com os quais vocês beberam a bebida inebriante até que vocês tenham cambaleado novamente – aqueles lábios devem ser usados para beber a ira ardente de Deus! Lembre-se, também, mulher ímpia, os olhos que estão cheios de luxúria serão um dia cheios de horror – os ouvidos com os quais você ouve conversa lasciva ouvirão os gemidos soturnos, os gemidos ociosos e gritos de espíritos torturados! Não se engane; você pecou em seu corpo, você será condenado em seu corpo. Quando você morrer, seu espírito deve sofrer sozinho – isto será o começo do Inferno, mas seu corpo subirá novamente, então essa própria carne na qual você tem transgredido as Leis de Deus – este próprio corpo deve sofrer por isso! Este deve estar no fogo e queimar e estalar e

contorcer-se por toda a eternidade! Seu corpo ressuscitará incorruptível, por outro lado, o fogo o consumirá. Este se tornará como a pedra de amianto, que fica na chama e ainda assim nunca é consumido. Se fosse esta a carne e sangue que em breve morreriam sob as dores que temos de suportar – mas será um corpo quase onipotente! Enquanto eu falava do justo tendo um poder tão grande, assim você o terá; mas será o poder de agonizar, poder para sofrer, poder de morrer e ainda viver, não triturado pelo severo pé da morte! Pensem nisso, vocês sensualistas, que não cuidam de suas almas, mas que cuidam de seus corpos; vocês terão aquela bela aparência chamuscada – aqueles membros que se tornaram instrumentos de luxúria, devem se tornar instrumentos do Inferno! Apodrecendo como eles o serão na sepultura, devem, no entanto, ressurgir com uma imortalidade ardente sobre eles e suportarão uma eternidade de indizíveis agonia e angústia e punição! Não é o suficiente para fazer um homem tremer e clamar: “Deus tem piedade de mim, pecador”?

Mas, além disso, lembrem-se que, enquanto o seu corpo será exatamente o mesmo, ainda assim, ele também será transformado e como o trigo produz o trigo, assim, a semente de urtiga produz a urtiga. A que o seu corpo será semelhante eu não posso dizer, mas talvez enquanto o corpo dos justos serão semelhantes a Cristo, vocês podem se tornar semelhantes ao corpo do Diabo. O que quer que seja – a mesma conformação hedionda, a mesma contemplação demoníaca e olhar infernal que caracterizam esse arcanjo orgulhoso deve caracterizar vocês! Vocês terão a imagem e as feições do primeiro traidor estampadas em seu rosto de fogo permanente! Sementes do pecado, vocês estão preparadas para amadurecer na flor desabrochada da destruição? Você sementes do mal, vocês estão prontos para serem espalhados, agora, da mão de Morte e, em seguida ressurgirem uma colheita terrível de pessoas atormentadas? No entanto, assim será, a menos que vocês se voltem para Deus. A não ser que vocês se que vocês arrependam, Ele disse e Ele o fará, Ele é capaz de lançar o corpo e a alma no Inferno.

E deixe-me lembrá-los ainda uma vez, que haverá em vocês uma personalidade inconteste – vocês serão conhecidos no inferno. O bêbado terá a punição de bêbado; o que jura terá o canto do que jura para si mesmo. “Atai-o em molhos para o queimar” [Mateus 13:30]. Assim diz a voz da Justiça inflexível! Vocês não sofrerão no corpo de outro homem, mas em seu próprio, e vocês serão conhecido por serem os homens que pecaram contra Deus. Vocês serão olhados por alguém que vocês veem hoje em dia, se vocês morrerem impenitentes, que dirão a vocês: “Nós fomos até aquela capela juntos; ouvimos um sermão sobre a ressurreição, que teve um final terrível; rimos, mas descobrimos que ele é verdadeiro”. E um dirá ao outro: “Eu deveria conhecê-lo, apesar de que não nos encontramos há tantos anos até que nos encontrássemos no Inferno. Eu deveria conhecer você, há algo em seu novo corpo que me permite saber que é o mesmo corpo que tinha na terra”. E então vocês mutuamente dirão um ao outro: “Estas dores que agora estamos

suportando, este horror de grandes trevas, essas cadeias de fogo que estão reservados para nós – eles não são bem merecidos” e vocês amaldiçoarão a Deus juntos novamente e sofrerão juntos e serão levados a sentir que vocês receberam apenas a devida recompensa de seus atos. “O homem não nos avisou”, vocês dirão, “ele não nos ordenou a correr para Cristo em busca de refúgio? Será que nós não o desprezamos e fizemos uma zombaria do que ele disse? Nós estamos justamente condenados. Nós condenamos a nós mesmos, cortamos as nossas próprias gargantas – nós acendemos o Inferno para nós mesmos e encontramos o combustível de nossa própria queima para todo o sempre”.

Oh, meus queridos Ouvintes, eu não posso suportar permanecer sobre o assunto! Deixe-me terminar com apenas esta palavra. “Aquele que crê no Senhor Jesus Cristo será salvo”. Isso significa que você, pobre homem, embora talvez você esteve bêbado ontem à noite e malmente se levantou a tempo suficiente para vir aqui esta manhã. Se você crê, William, você será salvo! Isto significa que você, pobre mulher, embora você seja prostituta – se você se lançar em Cristo você será salva! Isto diz de você, homem respeitável, que confia em suas próprias obras – se você confiar em Cristo, você será salvo – mas não se você confiar em si mesmo. Ó, seja sábio, seja sábio! Que Deus nos dê a Divina Graça agora para aprendermos aquela elevada sabedoria, e que possamos agora olhar para a Cruz e para o trêmulo Cordeiro que sangra sobre ela, e O vejamos, como Ele se levanta de entre os mortos e ascende ao alto – e creiamos nEle – para que possamos receber a esperança e a certeza de uma ressurreição bem-aventurada nEle.

[Adaptado de The C. H. Spurgeon Collection, Version 1.0, Ages Software. Veja todos os 63 volumes de sermões CH Spurgeon em Inglês Moderno, e mais de 525 traduções em espanhol, acesse: www.spurgeongems.org

Tradução e Revisão por Camila Rebeca Almeida e William Teixeira | Capa por William Teixeira

Acesse nossa conta no Dropbox e baixe mais e-books semelhantes a este:

<https://www.dropbox.com/sh/g48fveexrhmyg2c/0cwaFii0ef>

Leia este e outros e-books online acessando nossa conta no ISSUU:

<http://issuu.com/oEstandarteDeCristo>

Participe do nosso grupo no Facebook: [facebook.com/groups/EstanteEC](https://www.facebook.com/groups/EstanteEC)

Você tem permissão de livre uso deste e-book e o nosso incentivo a distribuí-lo, desde que não altere o seu conteúdo e/ou mensagem de maneira a comprometer a fidedignidade e propósito do texto original, também pedimos que cite o site OEstandarteDeCristo.com como fonte. Jamais faça uso comercial deste e-book.

Se o leitor quiser usar algum destes textos ou um trecho dele em seu site, blog ou outro semelhante, eis um modelo que poderá ser usado como citação da referência:

Título – Autor

Corpo do texto

Fonte: [Site/Fonte em inglês]

Tradução: OEstandarteDeCristo.com

(Em caso de escolher um trecho a ser usado indique ao final que o referido trecho é parte deste sermão, e indique as referências (fonte e tradução) do sermão conforme o modelo acima).

Este é somente um modelo sugerido, você pode usar o modelo que quiser contanto que cite as informações (título do texto, autor, fonte e tradução) de forma clara e fidedigna.

Para solicitar este e-book em formato Word envie-nos um e-mail, solicitando-o:

oestandartedecristo@outlook.com

Quem Somos

O Estandarte de Cristo é um projeto cujo objetivo é proclamar a Palavra de Deus e o Santo Evangelho de Cristo Jesus, para a glória do Deus da Escritura Sagrada, através de traduções inéditas de textos de autores bíblicos fiéis, para o português. A nossa proposta é publicar e divulgar traduções de escritos de autores como os Puritanos e também de autores posteriores àqueles como John Gill, Robert Murray McCheyne, Charles Haddon Spurgeon e Arthur Walkington Pink. Nossas traduções estão concentradas nos escritos dos Puritanos e destes últimos quatro autores.

O Estandarte é formado por pecadores salvos unicamente pela Graça do Santo e Soberano, Único e Verdadeiro Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o testemunho das Escrituras. Buscamos estudar e viver as Escrituras Sagradas em todas as áreas de suas vidas, holisticamente; para que assim, e só assim, possamos glorificar nosso Deus e nos deleitar-mos nEle desde agora e para sempre.

Livros que Recomendamos:

- A Prática da Piedade, por Lewis Bayly – Editora PES
- Graça Abundante ao Principal dos Pecadores, por John Bunyan – Editora Fiel
- Um Guia Seguro Para o Céu, por Joseph Alleine – Editora PES
- O Peregrino, por John Bunyan – Editora Fiel
- O Livro dos Mártires, por John Foxe – Editora Mundo Cristão
- Os Atributos de Deus, por A. W. Pink – Editora PES
- Por Quem Cristo Morreu? Por John Owen (baixe gratuitamente no site FirelandMissions.com)

Indicações de Sites onde você poderá encontrar materiais edificantes e/ou baixar outros e-books bíblicos gratuitamente

- Trovian.blogspot.com.br – Estudos e Mensagens Cristãs
- JosemarBessa.com – Puro Conteúdo Reformado
- FirelandMissions.com
- MinisterioFiel.com.br
- ProjetoSpurgoen.com.br
- Monergismo.com
- VoltemosAoEvangelho.com

Indicações de E-books de publicações próprias.

Baixe estes e outros gratuitamente no site.

- 10 Sermões – Robert Murray M'Cheyne
- Cristo, Totalmente Desejável – John Flavel
- Eleição & Vocação – Robert Murray M'Cheyne
- A Gloriosa Predestinação – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração – C. H. Spurgeon
- A Livre Graça – C. H. Spurgeon
- A Paixão de Cristo – Thomas Adams
- Quem São Os Eleitos? – C. H. Spurgeon
- Reforma – C. H. Spurgeon
- Salvação Pertence Ao Senhor – C. H. Spurgeon
- O Sangue – C. H. Spurgeon
- Semper Idem – Thomas Adams
- Tratado sobre a Oração, Um – John Bunyan

Viste as páginas que administramos no Facebook

- Facebook.com/oEstandarteDeCristo
- Facebook.com/ESJesusCristo
- Facebook.com/EvangelhoDaSalvacao
- Facebook.com/NaoConformistasPuritanos
- Facebook.com/oEstandarteDeCristo
- Facebook.com/ArthurWalkingtonPink
- Facebook.com/CharlesHadodnSpurgeon.org
- Facebook.com/PaulDavidWasher
- Facebook.com/RobertMurrayMCheyne
- Facebook.com/ThomasWatson.org

Páginas Parceiras:

- Facebook.com/SomentePelaGraca
- Facebook.com/AMensagemCristocentrica



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. ⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.